



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE E EDUCAÇÃO EM
CRÔNICAS DE EDUCAÇÃO, DE CECÍLIA MEIRELES (1930-1933)**

MARIANA MATTOS PEREIRA

RONDONÓPOLIS - MT
2021

MARIANA MATTOS PEREIRA

**REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE E EDUCAÇÃO EM
*CRÔNICAS DE EDUCAÇÃO, DE CECÍLIA MEIRELES (1930-1933)***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – *Campus Rondonópolis* da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Infância, Juventude e Cultura Contemporânea: Direitos, Políticas e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Vilas-Bôas Trovão

Coorientação: Prof. Dr. Nivaldo Alexandre de Freitas

RONDONÓPOLIS-MT
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

Ficha Catalográfica elaborada de forma automática com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

P436r Pereira, Mariana Mattos.
 Representações de Juventude e Educação em Crônicas de Educação,
 de Cecília Meireles (1930-1933) [recurso eletrônico] / Mariana
 Mattos Pereira. – Dados eletrônicos (1 arquivo : 103 f., pdf). – 2021.

 Orientador(a): Flávio Vilas-bôas Trovão.
 Coorientador(a): Nivaldo Alexandre de Freitas.
 Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Rondonópolis,
 Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-
 Graduação em Educação, Rondonópolis, 2021.
 Inclui bibliografia.

 1. Juventude. 2. Educação. 3. Cecília Meireles. 4. Crônicas de
 Educação. I. Trovão, Flávio Vilas-bôas, *orientador*. II. Freitas,
 Nivaldo Alexandre de, *coorientador*. III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDES E EDUCAÇÃO EM CRÔNICAS DE EDUCAÇÃO, DE CECÍLIA MEIRELES (1930-1933)

AUTOR (A): MESTRANDO (A) MARIANA MATTOS PEREIRA

Dissertação defendida e aprovada em **03/12/2021**.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutor(a) Flávio Vilas-Bôas Trovão (Presidente Banca / Orientador)
Universidade Federal de Rondonópolis / Universidade Federal de Mato Grosso
2. Doutor(a) Nivaldo Alexandre de Freitas (Coorientador)
Universidade Federal de Rondonópolis / Universidade Federal de Mato Grosso
3. Doutor(a) Raquel Gonçalves Salgado (Examinador Interno)
Universidade Federal de Rondonópolis / Universidade Federal de Mato Grosso
4. Doutor(a) Helen Paola Vieira Bueno (Examinador Externo)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
5. Doutor(a) Aguinaldo Rodrigues Gomes (Examinador Suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso / Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RONDONÓPOLIS, 03/12/2021.



Documento assinado eletronicamente por **NIVALDO ALEXANDRE DE FREITAS, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 03/12/2021, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **RAQUEL GONCALVES SALGADO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 03/12/2021, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Helen Paola Vieira Bueno, Usuário Externo**, em 04/12/2021, às 00:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **FLAVIO VILAS BOAS TROVAO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 06/12/2021, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4227575** e o código CRC **A6B3072A**.

A minha menina de “Olhinhos de Gato”

Ao meu “Menino Azul”

E à vida ... Pulsante

O estudante empírico

Eu, estudante empírico.
fecho o livro e contemplo.
Eis o globo, o planisfério terrestre,
o planisfério celeste,
o redondo horizonte, a ilusão dos firmamentos.

E a nossa existência.

Eis o compasso, o esquadro,
a balança, a pirâmide,
o cone, o cilindro, o cubo,
o peso, a forma, a proporção, as equivalências.

E o nosso itinerário.

Saem das suas caixas os mistérios:
desenrola-se o mapa dos ossos, com seus nomes;
o sangue desenha sua floresta azul;
cada órgão cumpre um trabalho enigmático:
estamos repletos de esfinges certeiras.

E o nosso corpo.

E os dinossauros são como carros de triunfo,
reduzidos à armação;
e no olho profundo do microscópio
a célula anuncia.

E o nosso destino.

O professor escreve no quadro o Alfa e o Ômega.

A luz de Sírius ainda lança escadas em contínua cascata.
E lentamente subo e fecho os olhos
e sonho saber o que não se sabe
simplesmente acordado.

Grande aula, a do silêncio.

Cecília Meireles

GRATIDÃO

Aos meus amados filhos, Maria Luiza “Olhinhos de Gato” e Felipe “Menino Azul”, por serem o maior motivo da minha persistência em viver e concluir este estudo. Espero que um dia compreendam e perdoem meus momentos de ausência, que foram necessários para concluir este ciclo.

Aos meus pais, Rita de Cássia e Antônio Wilson, pelo amor, ensinamentos e estímulo aos estudos nesses 36 anos.

Ao meu irmão, Alexandre Carrascosa, por todo carinho, apoio e suporte tecnológico.

À amiga Ítala Ribeiro Cabral, que sempre me fortaleceu, inspirou e auxiliou nessa caminhada de pós-graduanda e por tempos de outrora.

Às amigas Milca Cardoso e Luana Kawamura, que mesmo à distância me apoiaram com tanto afeto e fortalecimento.

Às amigas-irmãs Fabiana Soares, Soraya Martins e Edjane Ávila (à distância, mas perto do coração) por me aguentarem e me amarem nos dias de luta e nos dias de glória.

Ao amigo e camarada Ronivalter Souza, pelo incentivo de sempre ao estudo e às lutas da vida.

Aos amigos que o mestrado me deu: Felipe Barbosa Teixeira, Naiara Basílio, Ana Iara e Ezequiel da Cruz Machado, por cada café, textos, lágrimas, indignações, risadas e abraços compartilhados.

A todos que contribuíram com a rifa e me apoiaram de alguma forma para a viagem ao Rio de Janeiro, momento importante de pesquisa e construção de *corpus* para este trabalho.

À Valéria Lamego, pela inspiração nas leituras e escritas cecilianas, pelo ensinamento constante e nosso fantástico encontro.

Ao professor e amigo, Luciano Carneiro Alves, pelo incentivo, do ingresso ao egresso a esse mestrado, pelas leituras, lágrimas secadas e por acreditar mais em mim que eu mesma.

A todos os professores do mestrado, em especial, Aguinaldo Rodrigues Gomes e Carmem Sussel Mariano.

Ao orientador e amigo, Flávio Villas-Bôas Trovão, por me aceitar, abraçar e ensinar nesse percurso de águas doces e salgadas, de calmaria e marés altas.

À CAPES/FAPEMAT pela bolsa que me permitiu sobreviver ao período de estudo exclusivo.

*Não faças de ti
Um sonho a realizar.*

Vai.

Cecília Meireles. XXIII, *Cânticos*, 1981.

Nos vários [re]começos deste pequeno olhar sobre as crônicas cecilianas, pude contar com outras pessoas que também fizeram parte desses momentos de escrita, me ouvindo sobre Meireles, sugerindo observações, me acolhendo em carinho para não desistir:

O momento da qualificação me trouxe o carinho e a sensibilidade das professoras Raquel Salgado e Helen Paola Bueno (UFMS). Gratidão às sugestões, conselhos e alento oferecidos.

A coorientação do professor Nivaldo Alexandre de Freitas me permitiu melhor aproveitar as diversas contribuições. Gratidão pela paciência, mão estendida e firme até o último momento.

Aos amigos professores, Rosiane Cristina Gonçalves Braga, Agameton Ramsés Justino, Ana Paola Souza Lima, Ronaldo Alves, Manoel Motta e Joemerson Sales pelas leituras e discussões.

À Fernanda Maria Correia Dias dos Santos, a querida Fernandinha Meireles, por me aproximar de sua avó, Cecília Meireles, com profundo afeto e delicadeza ímpar.

À técnica do Mestrado em Educação, Danielle Rodrigues Ávila, por não me deixar perder o prazo da matrícula e sempre auxiliar com muito carinho nos processos burocráticos.

Às professoras e coordenadoras do Mestrado em Educação, Érika Virgílio Rodrigues da Cunha e Silvia de Fátima Pilegi Rodrigues por todo auxílio.

Estendo estes agradecimentos ao Colegiado da Pós-Graduação em Educação, compreensível com os percalços que enfrentei para levar à frente o desafio de se pesquisar em tempos de ataque às Ciências Humanas, ao ensino e ao poético.

Aos parceiros de trabalho e amigos, Edmilson Silva e Gustavo Ajala, por todo apoio e energia positiva nesses derradeiros meses de escrita.

Representações de Juventude e Educação em *Crônicas de Educação*, de Cecília Meireles (1930-1933)

RESUMO

Há diversos textos que se colocam como construtores de visões acerca do mundo. Entre eles, pode-se destacar o papel das crônicas jornalísticas, que por meio de um olhar particular representa questões relacionadas ao cotidiano de uma determinada sociedade. Diante disso, este estudo se propõe analisar umas das facetas da produção de Cecília Meireles, seus escritos literários a partir dos quais produziu reflexões acerca das juventudes e da educação brasileira dos anos 30. Sua atuação profissional como professora legou-lhe uma preocupação central por toda carreira com a reflexão sobre a educação, tendo militado pela renovação da educação e ampliação da escola pública nos anos 1930. Enquanto responsável pela *Página da Educação*, no jornal *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, de 1930 a 1933, produziu em sua coluna *Comentários*, várias crônicas. O objetivo central desta pesquisa é analisar, na perspectiva dos Estudos Culturais, quais representações de juventude e de educação estão presentes nas crônicas produzidas por Cecília Meireles. Para isso, parte-se do contexto histórico e social posto na sociedade brasileira dos anos 1930 no que se refere às questões políticas, econômicas e educacionais como forma de tensionar as representações presentes em seus escritos. No Capítulo 1, “Juventude: O Tempo de Educar”, apresentamos um breve percurso conceitual enfatizando a necessidade de não uniformizar este momento do viver, pensado na perspectiva de “juventudes”. A seguir, em “Cecília Meireles: Respeito Pela Mocidade”, abordamos a atuação de nossa personagem na defesa de uma educação que reconhecesse a importância de preceitos democráticos e que não tratasse crianças e adolescentes como “adultos em miniatura”. “Educar em Vez de Moldar: Cecília Meireles em Defesa da “Primavera da Vida”, nosso terceiro capítulo, focamos nas quinze crônicas selecionadas para melhor destacar as representações de infância e adolescência de nossa poeta-educadora. Como resultado da pesquisa, pôde-se perceber que Cecília Meireles estava convicta que juventude bem educada escolarmente faria do Brasil um país melhor. Considerando a infância e adolescência como a “Primavera da Vida”, Meireles argumentou em seus escritos em favor de concepções educacionais que fossem laicas e não reproduzissem práticas que remetiam aos métodos de pedagogias religiosas amplamente em uso nas escolas de então. Além de signatária do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), dialogou com referências brasileiras da época (Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, dentre outros nomes) e estrangeiras como John Dewey e Eduard Spranger.

Palavras-chave: Juventude; Educação; Cecília Meireles; Crônicas de Educação.

Representations of youth and education in Chronicles of Education, by Cecília Meireles (1930-1933)

ABSTRACT

There are several texts that help to build our worldviews. Among them, we can highlight the role of journalistic chronicles, which, through a given look, represent issues related to the daily life of a given society. Therefore, this study proposes to analyze some particularities of Cecília Meireles' production and her writings from which she produced reflections on Brazilian youth and education in the 1930s. Her professional performance as a teacher left her with a central concern throughout her career, making her reflect on education and fight for the renewal of education and expansion of public schools in the 1930s. While she was responsible for *Página da Educação*, in the newspaper *Diário de Notícias*, in Rio de Janeiro, from 1930 to 1933, she produced in her column called *Comentários*, many chronicles. The main objective of this research is to analyze, from the perspective of Cultural Studies, which representations of youth and education are present in the chronicles produced by Cecília Meireles. For this, it starts from the historical and social context placed in Brazilian society in the 1930s with regard to political, economic and educational issues as a way of tensioning the representations present in the writings. In the first chapter called, "Youth: The Time to Educate" (*Juventude: O Tempo de Educar*), we present a brief conceptual journey emphasizing the need not to standardize this moment of living, thought of from the perspective of "youth". Then, in the "Cecília Meireles: Respect for Youth" (*Cecília Meireles: Respeito Pela Mocidade*), we discuss the role of our character in defending an education that recognizes the importance of democratic principles and that does not treat children and adolescents as "miniature adults". In "Educate instead of Molding: Cecília Meireles in Defense of the "Spring of Life" (*Educar ao Invés de Moldar: Cecília Meireles em Defesa da 'Primavera da Vida'*"), our third chapter, focuses on fifteen selected chronicles to better highlight the representations of childhood and adolescence of our poet-educator. As a result of the research, Cecília Meireles was convinced that well educated youth would make the Brazil a better country. Considering childhood and adolescence as the "Spring of Life", Meireles argued in her writings in favor of educational conceptions that were secular and did not reproduce practices that referred to religious pedagogical methods widely it is used in the schools at the time. In addition to being a signatory to the "*Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*" (1932), she spoke with Brazilian references at the time (Fernando de Azevedo and Anísio Teixeira, among other names) and foreigners such as John Dewey and Eduard Spranger.

Keywords: Youth; Education; Cecília Meireles; Education Chronicles.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1	
Juventude: O Tempo de Educar	12
1.1 – Educação: O Maior Problema Nacional	12
1.2 – Infância, Adolescência, Juventudes	15
Capítulo 2	
Cecília Meireles: Respeito Pela Mocidade	27
2.1 Breve Perfil Biográfico	27
2.2 Educadora, Cronista, Pensadora	31
2.3 Manchete do dia: Educação no Jornal	35
2.4 Um Ponto e Vírgula Nessa Escrita	40
Capítulo 3	
Educar em Vez de Moldar: Cecília Meireles em Defesa	
da “Primavera da Vida”	44
Considerações Finais	60
Referências	63

Anexos

Crônicas Seleccionadas de Cecília Meireles	66
1. A Adolescência	67
2. O Que Leem os Adolescentes	68
3. A Alma do Adolescente	69
4. Professores e Pais	70
5. O Respeito pela Mocidade	71
6. Educação Artística e Nacionalizadora	72
7. Como as Crianças Cantam	73
8. Ouvindo Crianças	75
9. O Interesse pelas Crianças	76
10. A Reforma do Ensino e o Movimento da Mocidade	78
11. Os Indícios da Alma Infantil	79
12. A Infância	81
13. Uma Recordação da Juventude	83
14. O Espírito da Mocidade	85
15. O Mal de Crescer	86
16. A Mocidade de Hoje	88
17. O Movimento Universitário	90
18. "Mocidade - Primavera da Vida!..."	92

19. Escrúpulos?...	94
20. O Caso dos Estudantes pernambucanos I	96
21. O Caso dos Estudantes Pernambucanos II	98
22. Código do Estudante Brasileiro.....	100
23. A Infância e sua Atmosfera	102

INTRODUÇÃO

Ponto de partida: Por que Cecília Meireles?

No primeiro ano do curso de Letras, durante a disciplina Introdução à Metodologia Científica, tive que ler a obra *Mar Absoluto*, de Cecília Meireles. A princípio não gostei, pois queria ler outros autores, mas a leitura dessa autora me gerou um encantamento capaz de me estimular a estudá-la por toda minha graduação. Mais tarde, na pós-graduação, defendi o artigo *As Recordações de Infância em Olhinhos de Gato*. Essa pesquisa me mostrou o quanto esta mulher de destaque no cenário literário e educacional tinha especial apreço pela infância e juventude.

No fim de 2017, me interessei por uma vaga remanescente no Mestrado em Educação da UFMT, *campus* de Rondonópolis. Meu fascínio pela literatura me fez escrever um projeto no qual aliasse literatura e educação. Assim, propus analisar a infância retratada por Meireles em sua obra *Criança meu amor* (1924). Entre as discussões sobre o trabalho a ser desenvolvido e a trajetória da autora, surge a ideia de estudarmos suas crônicas lidas no programa de rádio *Quadrante* (1942), por ser um artefato cultural pouco divulgado. A dificuldade inicial de acesso a esse material junto à emissora de rádio EBC, antiga Rádio MEC, fez com que o tema da pesquisa se alterasse novamente. Então, selecionei crônicas dedicadas à educação, publicadas em jornal, nos anos 1930.

Ao longo desta década, Cecília Meireles atuou ativamente e escreveu em profusão sobre a educação vigente na época. Na leitura das crônicas, optei por compreender quais os olhares da escritora-professora ao observar crianças e jovens em quem ela tanto depositava a esperança para a construção de um Brasil melhor.

Em uma crônica de 1930, intitulada “Adolescência”, Cecília argumentava sobre a importância de se reconhecer esta fase do desenvolvimento humano: “se a infância merece um carinho extremo e superior, a adolescência requer igual delicadeza e carinho” (MEIRELES, *Adolescência*, 1930). Uma das formas de oferecer este carinho era uma literatura (e também uma educação) que reconhece ser esta uma fase da vida na qual germinam os sonhos que motivarão a vida adulta: “os adolescentes precisam de leituras variadas, agradáveis, iluminadas,

é certo, por este clarão de sonho indispensável a essa época da vida que se nutre principalmente de sugestões e aspirações” (MEIRELES, O Que Leem os Adolescentes, 1930).

Ler Cecília Meireles pensando sobre a necessidade de uma literatura para os adolescentes no Brasil, instigou-me em saber mais sobre sua atuação neste período. Foi uma grata surpresa saber que em 1934 ela liderou a criação, no Rio de Janeiro, da Biblioteca Infantil do Distrito Federal, até hoje considerada a primeira dedicada a este público no Brasil (LÔBO, 2010).

Desde os 17 anos ela já era diplomada em Magistério, pela Escola Normal do Distrito Federal, e atuava como professora primária. Quando foi nomeada pela Prefeitura do Rio de Janeiro para dirigir um Centro Infantil em 1934, viu a possibilidade da realização de um sonho que alimentara há tempos.

Ao me aproximar das perspectivas dos Estudos Culturais e entender a importância do conceito de representação, vi a possibilidade de compreender as atuações de Cecília Meireles como parte de uma miríade de interesses que fez desta mulher multifacetada muito mais do que uma das referências da Literatura Brasileira no século XX.

Tão celebrada pela qualidade de seus poemas, foi também ensaísta, romancista, correspondente jornalística. Dedicou-se à linguagem com afinho e amor. E da mesma forma, ao ensino. Pude descobrir que a literata e a educadora coexistiram em simbiose. Em suas crônicas e reflexões sobre a educação, o apreço pelo bom uso da palavra e a defesa da função imprescindível da literatura para a vida humana é facilmente perceptível.

Ampliar minha admiração por Cecília Meireles, agora, compreendendo-a também como uma aguerrida educadora e pensadora da educação, tornou-se um desafio repleto de incertezas. Mas não me cabia mais recusar esta viagem.

Entre mim e mim, há vastidões bastantes
para a navegação dos meus desejos afligidos.

Noções

Cecília Meireles, *Viagem*, 1938.

Cecília, Cecílias

Compreendendo que a literata e a educadora são duas das facetas de uma mulher multifacetada, cumpre destacar que não há pretensão aqui em apresentar um perfil de Cecília Meireles que seja abrangente. Dentre as possíveis “Cecílias”, escolheu-se pensar a importância desta mulher na década de 1930 no Brasil. Momento no qual o exercício de funções públicas, inclusive nas funções de cronista de jornal e educadora, estava restrito por diversas situações em que a igualdade de direitos estava limitada às mulheres.

Lembremos que falamos de uma época em era vigente o Código Civil Brasileiro de 1916, a partir do qual, pelo casamento, as mulheres perdiam sua capacidade civil plena. Isto significava que uma mulher casada dependia de autorização do marido para trabalhar, realizar transações financeiras e, inclusive, eram consideradas “incapacitadas judicialmente” para serem penalizadas por suas ações (inclusive opiniões) tais quais as crianças.

Desde 1922, Cecília Meireles era casada com o português Fernando Correia Dias, desenhista e ilustrador, que escolheu o Rio de Janeiro para morar em 1914. Antes, participara do movimento modernista português, sendo lá reconhecido pela qualidade de suas criações como caricaturista. A oportunidade de participar de uma exposição com suas obras no Brasil lhe evidenciou que tinha grande prestígio por aqui. E o sucesso obtido nos meios artísticos na nossa então, capital, lhe renderam múltiplos convites para trabalho e permanência.

A eclosão da Primeira Guerra Mundial em junho de 1914 (Correia Dias chegara ao Brasil em maio deste mesmo ano), acabou por ser uma motivação a mais para aqui permanecer. Logo obterá notoriedade entre gráficas e editoras cariocas, e mesmo mantendo colaborações em Portugal, fixa residência deste lado do Atlântico.

Pouco se sabe do cotidiano entre Cecília e Correia Dias, além do nascimento de três filhas (Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda). Mas há diversos registros de que

[...] o casamento com Correia Dias, artista plástico de grande sensibilidade, foi significativo em sua carreira de poeta e escritora, não somente porque passou a entrar em contato com o moderno, mas, principalmente, pela parceria na ilustração de sua obra poética (LÔBO, 2010, p.14).

A parceria intelectual e artística se repetiu em diversas situações com nomes prestigiados no Rio de Janeiro. Concomitante à luta feminina pelo direito ao voto no Brasil (cuja primeira conquista

aparece no Código Eleitoral de 1932), Cecília Meireles paulatinamente passa de “poetisa revelação” e “professora dedicada” à mulher reconhecida pelas suas capacidades de propor soluções a um país em intensa ebulição cultural e política, sobre os efeitos ainda da Grande Crise Econômica de 1929, em decorrência da quebra da Bolsa de Nova Iorque, que levou a bancarrota muitos produtores de café brasileiros.

Destaco aqui a participação de Cecília Meireles no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932) e a profícua troca de correspondências que manteve com Fernando de Azevedo. Entusiasmada com as perspectivas abertas pela Reforma Educacional do Distrito Federal (Rio de Janeiro) entre 1927 e 1930, torna-se adepta às premissas educacionais da Escola Nova e protagonista de embates com Alceu Amoroso Lima – ferrenho crítico das propostas de laicização da educação.

Fernando de Azevedo ganhou notoriedade no campo educacional após a publicação de *A instrução pública em São Paulo*, série de reportagens produzidas para o jornal *O Estado de São Paulo*, em 1926, sobre a situação da educação no estado, fruto de seu trabalho enquanto jornalista e crítico literário. Depois desse trabalho, foi reconhecido como “especialista em educação” (SAVIANI, 2013, p.208).

Na IV Conferência Nacional de Educação (1931), Fernando de Azevedo se incumbiu de redigir um manifesto que apresentasse a nova corrente educacional necessária à educação nacional. Ele quem escreveu, mas foram indicadas mais 25 pessoas a assinarem, escolhidas a dedo por ele e por Anísio Teixeira. Entre tantos, Cecília Meireles, em deferência aos textos no jornal carioca *Diário de Notícias*, publicadas desde 1930, e sua trajetória no serviço público educacional como professora.

Se me contemplo,
tantas me vejo,
que não entendo
quem sou, no tempo
do pensamento

Vou desprendendo
elos que tenho,
alças, enredos
E é tudo imenso

Auto-Retrato

Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, 1945

Ao Mar, Com Novo Sextante

Viajar sempre por rotas conhecidas tem seu apelo. A cada vez que nosso olhar revisita uma paisagem, detalhes ignorados podem ser revelados. Por outro lado, arriscar-se por novos mares nos oferece a dádiva das descobertas em amplitude.

Escolher um Mestrado em Educação após seguidos anos dedicados às Letras, significou a mim, em certa medida, me inspirar nas escolhas feitas por Cecília Meireles. Não que isto estivesse claro quando elaborei meu projeto. Foi na caminhada, nas escolhas enquanto cursava as atividades obrigatórias do Programa de Pós-Graduação, que me transformava e, ao mesmo tempo, em que encontrava com as “Cecílias”.

Instigou-me pensar o texto enquanto um artefato cultural que legitima relações de poder que circulam na esfera cultural e produzem discursos e representações acerca do mundo. Foi o percurso no Mestrado que suscitou isto, especialmente após o contato com leituras e a perspectiva dos Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais podem ser definidos nos diálogos com a Pedagogia como a perspectiva “e que coloca em pauta e discute a produtividade da cultura nos processos educativos em curso nas sociedades de hoje” (COSTA; WORTMANN, 2014, p. 339). Nesse aspecto, pode-se afirmar que o que está em jogo são as construções que circulam através da cultura na sociedade e que atuam junto a crianças, jovens e adultos nos processos de educabilidade. Portanto, “[...] podemos afirmar que nessas manifestações culturais onde se materializam ‘formas de ser, viver e existir’, também circulam discursos pedagógicos” (SANTOS, 2017, p. 12).

Este conjunto de abordagens e ideias articuladas que caracterizam os Estudos Culturais não deve ser confundido com alguma “escola de pensamento” ou “hermenêutica teórica”. Não há, portanto, um método, mas, sim, diferentes caminhos metodológicos e com diferentes posições teóricas que produzem as pesquisas em estudos culturais no Brasil: “[...] elas poderiam ser descritas como um tumulto teórico” (2003, p. 39).

Aproximando das metáforas de Cecília Meireles, substituímos o tumulto por encontros – que possam ocorrer preferencialmente em um mar de possibilidades. O elemento água em sua poética remete a diversos simbolismos. Aqui optamos pela analogia água-mar-imensidão-sonho-educação-liberdade.

Mulher de alma livre que acreditava no saber e na cultura, na leitura e nas artes, como indispensável para que ela experimentasse a plenitude da liberdade, acreditava também nos encontros de pessoas que partilhavam das mesmas utopias para que as transformações ocorressem.

Ouso adicionar a Sextante como uma representação do conhecimento capaz de abreviar os caminhos para os encontros nos mares de possibilidades. Um instrumento de navegação, fundamental quando eram as estrelas os pontos de referência de quem não se rendia ao medo e aceitava os convites para descobrir os mares, forjado a partir de conhecimentos milenares e múltiplas origens.

Assim são os Estudos Culturais, repletos de possibilidades que têm como limitadoras as inquietações que cada investigação de pesquisa suscita. Compreender os escritos de Cecília Meirelles como artefatos culturais indica pensá-los enquanto um “conjunto de arranjos e práticas institucionais intencionais no interior dos quais várias formas de imagens, som, texto e fala são construídas e apresentadas e com as quais, ademais, interagimos” (SIMON, 2012, p. 70).

É na relação dinâmica com a cultura que as pessoas vão construindo seus desejos, bem como formatando a identidade social a partir de processos de subjetivação que exigem tais comportamentos. No caso, os escritos de Cecília Meireles também são meio de se atentar em como a subjetividade feminina, de uma educadora dos anos 1930, representou as juventudes e a educação do mesmo período.

Com relação às crônicas de Cecília Meireles, vale ressaltar que elas foram primeiramente noticiadas por meio do jornal, que era o principal meio de comunicação da época. Portanto, ela intervinha diretamente na cultura midiática de seu tempo, na formação de ideais acerca das juventudes e educação, produzindo pedagogias culturais.

Sendo assim, compreende-se os escritos de Cecília Meireles como representantes de tensões instauradas em seu tempo, ou seja, como produtor de visões acerca de juventudes e do próprio sistema educacional dos anos 1930, como reação a outras posições que, certamente, disputavam o espaço na sociedade brasileira. Pode-se afirmar que “os textos culturais produzem representações sobre as disputas travadas na sociedade que o produziu e sobre grupos sociais diversos com interesses antagônicos” (SANTOS, 2017, p. 13).

Pensar nesta perspectiva nos permitiu fazer aproximações com Douglas Kellner e suas reflexões sobre a existência de uma “Cultura das Mídias”:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo do lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo material com que as pessoas forjam identidade (KELLNER, 2001, p. 09).

De acordo com Kellner (2001), “os textos culturais produzidos pelas mídias participam da construção das identidades sociais de crianças, homens e mulheres no mundo contemporâneo fornecendo ‘opiniões’ políticas e ‘comportamentos sociais’”. Nesse sentido, as mídias dominantes [...] são uma fonte profunda e muitas vezes não percebida de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não. (KELLNER, 2001, p.10).

Não se trata de pensar o público alvo desses discursos e representações como passivos para com os textos que circulavam naquele período. Nas análises acerca das representações presentes nos escritos de Cecília Meireles, entende-se que não se pode classificar o texto cultural enquanto “tentativa de adaptar as pessoas”, mas dentro de um jogo que envolve relações de poder que são disseminadas simbolicamente por meio da esfera cultural.

No caso, os leitores e leitoras com quem Cecília dialogava por meio de suas crônicas nos jornais são referentes importantes para os significados que ela mobilizava para desenvolver seus argumentos. Em suas crônicas, ela cria imagem do que vem a ser a juventude, sendo essa mais que uma condição natural/social do ser humano, mas também uma representação.

O sociólogo jamaicano Stuart Hall, afirma que *representação* é a produção dos significados por meio da linguagem:

[...] envolve fazer sentido ao forjar ligações entre três diferentes ordens de coisas: o que nós devemos chamar amplamente de mundo das coisas, pessoas, eventos e experiências; o mundo conceitual, os conceitos mentais que carregamos em nossas cabeças; e os signos, arranjados nas linguagens, que “respondem por” esses conceitos ou os comunicam (HALL, 2016, p.109).

Cecília Meireles representa o jovem ligando suas próprias experiências quando na juventude, diante de diversas falas saudosistas; os conceitos mentais que se tem de um ideal de jovem, da atenção que precisa e a apresentação do contexto cultural para que ele seja inserido enquanto sujeito dentro das diversidades sociais, culturais, de gênero, etc.; e os signos que Meireles atribui para representar esse jovem são dentro de uma visão romântica associada à liberdade, à coragem e ao entusiasmo às questões nacionalistas.

Mesmo com a dificuldade de se mapear quem seriam seus leitores e leitoras, podemos afirmar que ela escrevia neste espaço preferencialmente para adultos – o público dos jornais que lhe ofereciam páginas.

Ao expor suas representações de criança, adolescente, juventude, em um duplo movimento apresentava suas experiências e propunha novas representações a serem desenvolvidas por meio de uma proposta pedagógica e de mundo, que segmentos importantes da sociedade brasileira defendiam ser papel do Estado com a ampliação da “Instrução Pública”.

Meireles não foi meramente uma entusiasta ao dedicar seus escritos acerca da juventude, mas a partir da sua experiência no sistema educacional, seu diálogo com Fernando Azevedo, seus estudos sobre Escola Nova e psicologia fizeram com que ela refletisse sobre seu papel enquanto educadora e jornalista, propagando as novas concepções de educação, construindo uma ação efetiva nessa sequência de crônicas.

Representar a juventude em jornais nos anos 1930 se faz necessário para despertar nos pais, educadores e todos o que lidam com adolescentes, um novo olhar para os jovens, que sempre estiveram à margem do universo do adulto e da criança, não pertencendo a nenhum desses e nem tendo o próprio espaço, conseqüentemente, não sendo reconhecidos enquanto sujeitos.

Pelo arco-íris tenho andado,
Mas de longe, e sem vertigens,
E assim pude abraçar nuvens,
Para amá-las e perdê-las

Foi meu professor um pássaro,
dono do arco-íris e nuvens,
que dizia adeus com as asas,
em direção às estrelas.

Epigrama

Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, 1945

Para Fazer Com Que O Mar Cresça... Reconstituo

Mar infinito não é mar... nem oceano. É desalento. Tal qual em uma pesquisa, identificamos um mar pelas suas águas e pelos seus limites. Mares podem crescer, dialogando e unindo-se a outros mares. Mas, no ir e vir de suas ondas, precisam se recompor a cada encontro com pedras, terra, areia. Mar sem limite, que não respeita as praias não permite paragens e nem portos. E em mares sem portos ou praias, não há como se ter barcos, não servem para navegar e descobrir.

Os limites de uma pesquisa vamos conhecendo no fazer. Não raso, depois de recorrentes momentos de deriva. Rotas possíveis tornadas impossíveis precisam ser reconstituídas. À deriva, o sol castigante cega. As noites frias desesperam. Procuramos no céu... O quê? “Estrelas eriçadas, como convite ao meu destino”, nos indica Cecília Meireles em *Mar Absoluto*.

Quem se coloca a navegar nos mares do conhecimento sob as indicações de um Programa de Pós-Graduação em Educação almeja como destino a conclusão de uma trajetória de estudos. A escrita da dissertação, esperamos que possa ser feita sem tempestades ou mareas. Quase nunca é possível... Compomos, reconstituímos, ancoramos onde percebemos qualquer segurança. Eis a hora de mar crescer. Não em seu espaço natural. Dentro de mim mesma.

Me recompor foi o maior desafio desta trajetória.

Conhecer uma mulher como Cecília Meireles não é uma viagem que se possa fazer sem se autoconhecer. Se desconstruir. Admirável força ela demonstrou frente a inúmeros percalços, incluso o suicídio do marido e as incertezas para criar três filhas. Convicção na defesa de seus ideais, em um tempo no qual o patriarcalismo desdenhava em pudor das mulheres. Sensibilidade para nos fazer sonhar pelas suas palavras.

O que havia ainda a ser dito sobre Cecília Meireles? O que sou capaz de dizer sobre Cecília Meireles?

Múltipla, venço
este tormento
do mundo eterno
que em mim carrego:
e, uma, contemplo
o jogo inquieto
em que padeço

E recupero
o meu alento
e assim vou sendo

Auto-Retrato
Cecília Meireles, *Mar Absoluto*, 1945

Recomposta, defino meu norte. O objetivo de, na perspectiva dos Estudos Culturais, compreender quais as representações de juventudes e educação estão presentes nas *Crônicas de Educação*, escritas entre 1930 e 1933 por Cecília Meireles.

Algumas paradas são imprescindíveis para este exercício de compreender. A primeira delas a construção histórica do que se concebe por juventudes enquanto estágio da vida humana que precede a vida adulta. E que, inclusive, é considerada a mais adequada para se educar.

Cecília Meireles assim pensava: uma juventude bem educada fará do Brasil um país melhor. Por isto, nossa segunda parada é para compreender os preceitos que fizeram nossa poetisa-educadora se dedicar a esta causa por toda sua vida.

Rumamos depois para a paragem que nos permite lançar uma âncora e arriscar alguns mergulhos. Nos aprofundarmos nos signos, significados e representações de 15 crônicas deliberadamente selecionadas dentre diversas escritas ao longo do período delimitado.

Em termos mais acadêmicos, esta dissertação está dividida em três capítulos cujas ênfases são as seguintes:

Capítulo 1 - Juventude: O Tempo de Educar = Panorama conceitual sobre os conceitos de juventude e o papel atribuído a este momento da vida humana nos processos de ensino e aprendizagem, especialmente nas concepções da Escola Nova.

Capítulo 2 - Cecília Meireles: Respeito Pela Mocidade = Abordagem sobre a trajetória de Cecília Meireles como educadora e escritora, com ênfase em sua defesa das especificidades da infância e adolescência a serem consideradas na educação e formação do repertório estético das pessoas. Afinal, Cecília entendia que um dos problemas mais graves do Brasil era ter “adultos imperfeitamente educados”.

Capítulo 3 - Educar em Vez de Moldar: Cecília Meireles em Defesa da “Primavera da Vida” = Em suas *Crônicas de Educação*, Cecília Meireles apresenta diversos argumentos sobre as necessidades de se repensar as práticas educacionais brasileiras. Considerando a infância e adolescência como a “Primavera da Vida”, Meireles argumenta em seus escritos a favor de

concepções educacionais que sejam laicas e não reproduzam práticas que remetiam aos métodos de práticas pedagógicas religiosas amplamente em uso nas escolas de então.

Optamos também por anexar, ao final, o texto completo das 15 crônicas selecionadas para análise. Quem sabe possam ser um convite para outras incursões pelo pensamento e utopias de Cecília Meireles.

CAPÍTULO 1

JUVENTUDE: O TEMPO DE EDUCAR

1.1 – Educação: O Maior Problema Nacional

Foi a partir da Primeira República, em 1889, que começou a configurar um sistema educacional institucional em nosso país, algo que não tinha no período colonial – escravocrata e economicamente baseado em agro exportação de produtos primários, em especial o café - que deixou marcas sociais e culturais profunda.

Uma tentativa anterior foi a Reforma Leôncio de Carvalho em 1879, que defendeu mudanças significativas no ensino institucional brasileiro, estabelecendo o ensino livre desligado do controle do Estado, que permitiu o acesso de escravizados frequentarem as escolas públicas, assim como as mulheres. Entretanto, como aponta Saviani (2013, p.163):

[...] a ideia central que perpassa as discussões que se travaram no período que vai de 1868 até a Abolição e a Proclamação da República se expressa na ligação entre emancipação e instrução. O objetivo buscado era transformar a infância abandonada, em especial os *ingênuos*, nome dado às crianças libertas em consequência da Lei do Ventre Livre, em trabalhadores úteis, evitando que caíssem na “natural indolência” de que eram acusados os adultos livres das classes subalternas.

Apesar dessa ótica elitista, agrária e abolicionista, a educação ganhava notoriedade, não somente como um controle social, mas como instrumento fundamental para o desenvolvimento, progresso e modernidade da nação. Os ideais europeus fomentavam isso - sejam os liberais – que defendiam o desenvolvimento do liberalismo político brasileiro, e viam a necessidade de criar instituições mais democráticas como o direito ao voto, o poder de ser eleito, direta ou indiretamente – sejam os positivistas – que tinham a razão como elemento fundamental da sociedade e o conhecimento científico.

Considerando a história como um processo, se faz necessário voltar no tempo para compreendê-la. Desde 15 de novembro de 1889, o Brasil adotou o modelo republicano como forma de governo. O período ficou conhecido como República Velha, que durou de 1889 até 1930. Historicamente, recebe esse nome em contraposição ao período pós-revolução de 1930,

que é visto como um marco na história da República, uma vez que provocou grandes transformações no Estado brasileiro, podendo ser dividida em dois períodos.

O primeiro período, de 1889 a 1894, ficou conhecido como República da Espada, no qual os militares governaram o país, sendo o Marechal Deodoro da Fonseca o primeiro a liderar, e na sequência o Marechal Floriano Peixoto.

O segundo período, de 1895 a 1930, chamado de República Oligárquica (também de República dos Coronéis ou República Café com Leite), foi o período governado pelos Presidentes dos Estados, pois na época os atuais governadores eram chamados de presidentes. Na maioria das vezes, foram eleitos pelo Partido Paulista (pertencente ao estado de maior produção de café) e o Partido Republicano Mineiro (pertencente ao estado de maior produção de leite).

A década de 1920 foi de intensa crise econômica e política no Brasil. Do ponto de vista econômico sofria com a alta inflação e desvalorização da moeda; a política sofreu com a má administração dos coronéis e resultou no Tenentismo, movimento que se formou no Exército contra a política oligárquica. E apesar de não ter a adesão de muitos, teve forte atuação no país de 1922 a 1927, lutando contra o domínio das oligarquias, mas defendendo a formação de uma República autoritária em nosso país. Tal movimento gerou várias crises e por alguns períodos, o país foi governado em estado de sítio – prerrogativa que anulava alguns direitos da população.

Em 1929, a crise política se eleva devido à sucessão presidencial. O presidente deveria apoiar um nome da oligarquia mineira para a presidência, conforme o combinado da política café com leite, no entanto, o apoio foi para o paulista Júlio Prestes. Essa quebra de combinado fez com que a oligarquia mineira conspirasse contra a paulista, que se uniu às oligarquias gaúcha e paraibana. Juntas, lançaram a Aliança Liberal, que propôs Getúlio Vargas como candidato à presidência, que contou com o apoio dos Tenentistas.

A proposta de sua candidatura defendia a modernização econômica a partir da industrialização, combate à valorização artificial do café, inclusão do povo no debate político a partir do voto secreto, além de ser favorável ao debate das questões dos direitos sociais e trabalhistas, além de anistia aos tenentistas da década de 1920.

Mesmo diante de propostas mais favoráveis à democracia, Getúlio Vargas foi derrotado pelo paulista Júlio Prestes. A frente Aliança Liberal se dividiu: uma ficou ao lado do novo governo, e outra conspirou. A partir disso, muitos confrontos existiram, mas foi o assassinato do vice de Prestes, João Pessoa, o estopim para o levante se concretizar. Júlio Prestes não tomou

posse, pois o anterior presidente, Washington Luís, foi deposto e Getúlio Vargas assume o governo provisório.

Todos os fatos ocorridos até o dia do golpe foram noticiados dia a dia pelo jornal *Diário de Notícias*, através da coluna “Movimento Revolucionário”, que buscava destacar para o seu público leitor os disparates do governo e seu apoio à Aliança Liberal.

De maneira coerente com suas propostas oposicionistas e liberais, o jornal também manifestou-se no plano econômico e social. Sua principal crítica recaiu sobre a política de valorização do café, à qual foi atribuída a responsabilidade pela crise de superprodução. Favorável à predominância do livre jogo da oferta e da procura como reguladores do mercado e dos preços, o jornal combatia ainda a monocultura, considerada responsável pela crise econômica, e defendia a necessidade de diversificar a produção, apresentando como sugestão o incentivo à cultura do algodão (FERREIRA, 2010, p.01).

Todas estas conturbações aumentavam os clamores quanto à necessidade do Brasil se modernizar e superar seu atraso econômico e cultural. A educação como instrumento de modernização social ganhou adeptos já ao longo do século XIX. Nos anos 1900, já era consenso que a vida que se tinha a partir do crescimento das indústrias e cidades não podia negligenciar a formação de novas habilidades. A defesa da ampliação da educação escolar era tratada como necessária inclusive para formar mão de obra. No Brasil, ainda que com alguns anos de defasagem, estas premissas também ganharam adeptos. Simbólica foi a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924:

A criação da Associação Brasileira de Educação em 16 de outubro de 1924 foi um acontecimento que veio a ter importância fundamental para o direcionamento das mudanças que se fizeram no sistema educacional escolar na segunda metade da década de 1920 e, principalmente, na primeira metade da década seguinte. Até aquela data, o debate sobre as questões educacionais se restringia, quase que exclusivamente, ao interior do Estado. Depois dela, passou a existir um espaço na sociedade civil onde se discutiam as políticas educacionais elaboradas pelo Estado e se elaboravam sugestões. (CUNHA, s/d, p. 1).

Na ABE, congregaram-se professores, intelectuais, jornalistas, agentes políticos e interessados em geral em questões educacionais. Organizaram em 1927 a I Conferência Nacional de Educação em Curitiba e outras dez até a XI Conferência em 1954. Mas seu período de atividades mais intensas foi até 1935.

Durante o período 1924-1935 a ABE serviu de centro de debates das reformas que se faziam no campo educacional, tanto no âmbito estadual quanto no federal, destacando-se a reforma João Luís Alves/Rocha Vaz, do ensino secundário e superior, de 1925; a criação do Ministério da Educação, em 1930; o Estatuto das Universidades Brasileiras, em 1931; a Lei Orgânica do Ensino Secundário, em 1931, e a autorização para o ensino religioso nas escolas públicas, também em 1931. Foi nesse período que se realizaram reformas dos ensinos primário e secundário e dos ensinos normal e técnico-profissional no Distrito Federal (1928 e 1932) e em Minas Gerais (1927). O ponto culminante da atuação da ABE no período foi a elaboração do *Manifesto dos pioneiros da educação nova*, logo após a conferência de 1932, defendendo a democratização da educação escolar e a modernização dos métodos pedagógicos. As ideias dos signatários do manifesto, hegemônicas no âmbito da ABE, compuseram-se com as do movimento católico leigo, seu principal oponente, para a apresentação de uma sugestão unificada à Assembleia Constituinte. A sugestão foi adotada, transformando-se no capítulo sobre educação e cultura da Constituição que veio a ser promulgada em 1934 (CUNHA, s/d, p. 2).

Pensar novas práticas educacionais implicava em redefinir conceitos importantes, como o de juventude. Os conceitos de criança, adolescência, infância e juventude correspondem a construções sociais, históricas e culturais que vêm se transformando no decorrer do tempo. O século XX ficou conhecido como o “século das crianças e adolescentes”, momento em que se começou a percebê-los enquanto sujeitos e não apenas em miniaturas de adultos.

1.2 – Infância, Adolescência, Juventudes.

Em termos legais, no Brasil, a Lei nº 11.129, de 30 de junho de 2005, define que as políticas da Secretaria Nacional de Juventude dirigem-se aos jovens de 15 a 29 anos. Em 2013, foi instituído pela Lei nº 12.852 o Estatuto da Juventude. Foram definidos os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE, mas somente em 2014 entrou em vigência. O estatuto foi feito baseado no recorte etário dos 15 aos 29 anos, considerando que o jovem permanece mais tempo com seus pais, estuda por um período maior e tem dificuldade de conseguir o primeiro emprego.

Todavia, estas definições etárias não são suficientes para compreendermos o que seja juventude. Na obra *As crianças: contextos e identidades*, Manuel Jacinto Sarmiento e Manuel Pinto (1997) escrevem um capítulo *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando*

o campo, que apresenta a infância enquanto construção social a partir dos séculos XVII e XVIII. Eles destacam as discussões que se existem em torno das idades da infância, a partir e até quando se é criança, quando uns dizem que ser criança começa quando se nasce, outros consideram ainda o período gestacional, e se encerra com a entrada na puberdade. Outros fatores a ser considerados que interferem na definição dos limites etários da criança são a escola e a economia ao determinarem o ingresso e saída desses espaços.

A escola então buscava conciliar avanços estudantis com a idade da criança, enquanto a economia e a legislação de trabalho definiam o fim da infância e início da juventude, momento em que o jovem inicia sua trajetória profissional.

Em *A História Social da Criança e da Família*, Philippe Ariès (1981) relata que na idade média não se enxergava a criança além de um adulto em miniatura, no qual o próprio termo criança foi usado para designar soldados. Mas a partir do 4º Concílio de Latrão, em 1215, a Igreja Católica permitia que as crianças a partir de sete anos confessassem e comungassem. Destaca ainda que as artes desconheciam a infância até aproximadamente o século XV, sendo sua imagem sempre similar a um “mini adulto”, ou segurando a mão com a figura da morte, em alusão ao grande índice de mortalidade.

A partir dos sete anos de idade a criança era inserida entre os adultos para aprender algum ofício, sem o menor preparo e/ou cuidado com relação a sua inexperiência e controle psicomotor. Nessa época já existia a escola, porém, era exclusivamente para formação do clérigo.

Manuel Pinto aponta a inexistência da infância, mas não o desprezo pelas crianças, porém, a sociedade não via as especificidades nos infantes. Em 1793, Condorcet institui a escola laica, obrigatória para crianças dos dois sexos, e tem a visão dos pais enquanto devedores das crianças, e não proprietários ou credores (PINTO, 1997).

Através de mudanças lentas, com uma nova postura perante à criança, os religiosos e educadores deixaram de aceitar o comportamento de adultos nas crianças, e moralistas, do século XVI, criticavam o costume da época pelo interesse no psicológico infantil, no qual enclausuravam as crianças na escola, longe da família para que fossem preparadas à inserção na sociedade.

Segundo Robert e Helen Merrell Lynd (1935), citado por Savage (2009, p.308):

A crescente rapidez das mudanças sociais, incluindo todos os setores de vida, desde a indústria, e o comércio até a religião, educação, sexo e vida familiar,

está ampliando, como algo semelhante a uma progressão geométrica, o abismo entre as coisas que eram “certas” ontem e aquelas que fazem sentido para a nova geração de hoje.

Em *A Criação da Juventude*, Jon Savage (2009) aborda como o jovem, do final do século XIX até primeira metade do século XX, veio ocupando as atenções da mídia e do capitalismo, sendo vistos, em suma, como um problema e não um mercado, como fora visto anteriormente.

O autor descreve o forte fascínio acerca da pressão que os adolescentes faziam uns sobre os outros enquanto temas tratados por uma série de revistas, que eram usadas, no início da década de 1930, por igrejas, grupos de escoteiros e famílias para atingirem os adolescentes americanos.

Tais produtos midiáticos tinham o intuito de “refletir” até que ponto os pais tinham controle sobre a vida de seus filhos, e incentivavam os meninos a buscarem emprego e as meninas a se prepararem para casar e cuidar do lar. A questão sexual também era discutida, na qual a “responsabilidade por impor limites sexuais era colocada não sobre os meninos, mas sobre as meninas”. Para tanto, existiam as “colunistas conselheiras”, que indicavam a abstinência e outras morais para moldar as expectativas das jovens, ao invés de receberem as ordens dos pais para isso.

O contexto de crise dos anos 1930, a Grande Depressão, advinda da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929, foi fator de relevância para os estigmas da juventude perdida e redentora, considerando que “falar de revolução era comum” (SAVAGE, 2009, p.302). O momento de crise financeira, que assolou a vida de muitas famílias com o alto desemprego, tornou crescente o número de adolescentes que abandonaram os estudos e também não conseguiam emprego. Despertava-se nos jovens o desejo de viverem livres nas ruas, distantes das cobranças familiares.

Na medida em que a América foi se recuperando economicamente, o New Deal trouxe consigo o ideal do bem coletivo para o futuro. Savage (2009, p. 315) afirma que para tanto “uma das primeiras tarefas da nova administração foi lidar com a juventude itinerante”, para a qual o novo presidente, Roosevelt, criou vários programas de assistência a esses jovens, além de incentivos para que passassem mais tempo na escola – assim estariam mais tempo sob o controle dos pais.

Ainda que economicamente houvesse investimento em jovens, o que eles mais desejavam era “nada mais do que ingressar no mundo dos adultos” (SAVAGE, 2009, p.316). Foi quando o presidente criou a National Youth Administration, voltada para “alunos do secundário, universitários e diplomados entre 16 e 25 anos de idade”, o que possibilitou que os adolescentes americanos deixassem de ser ignorados e se sentissem parte importante dos objetivos e das políticas governamentais.

Se existe dificuldade em aceitar a juventude enquanto representação social, compreender o adolescente nessa perspectiva também não é tarefa fácil.

Se a adolescência tinha em si a imagem de crise e simples transitoriedade, os estudos mais recentes vêm apresentando-a enquanto um processo de transformação:

Uma vez transmitidos os valores sociais mais básicos, há um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Essa autorização é postergada. E o tempo de suspensão é a adolescência.

Esse fenômeno é novo, quase especificamente contemporâneo. É com a modernidade tardia (com o século que mal acabou) que essa moratória se instaura, se prolonga e se torna enfim mais uma idade da vida (CALLIGARI, 2000, p.16).

Para Calligari, a nossa cultura impõe uma moratória – uma prorrogação de prazo, na qual o adolescente é instruído, pela escola e pelos pais, a assimilar os valores de sua comunidade. Ele está apto a mostrar que aprendeu, mas o adulto diz que não é o momento, ele deve esperar o tempo certo de vir a se tornar pronto à vida adulta.

Apesar do adolescente ter chegado a uma maturação necessária para que ele venha de forma efetiva e eficaz se consagrar nas tarefas pelos valores que ele aprendeu, apesar da capacidade de competir de igual para igual, a sociedade impõe a ele uma prorrogação para ser visto como alguém capaz de exercer os valores instruídos para ter. Seus sentimentos e comportamentos são reativos de rebeldia a uma moratória injusta, a uma longa espera, não sabe como e quando irá sair de sua adolescência.

Para Erikson (1976), a formação da identidade não começa nem termina com a adolescência. É um processo que dura toda a vida, amplamente inconsciente para o indivíduo:

É um período da vida em que o corpo muda radicalmente de proporções, a puberdade genital muda o corpo e a imaginação com toda espécie de impulsos, a intimidade com o outro sexo se inicia e o futuro imediato o coloca diante de

um número excessivo de possibilidades e escolhas conflitantes [...] ele deve fazer uma série de seleções cada vez mais específicas de compromissos pessoais, ocupacionais, sexuais e ideológicos (ERIKSON, 1976, p. 132).

Essa concepção de adolescência foi fortemente difundida, em especial, o que cerne às mudanças do corpo e o processo de maturação psíquica, que nessa “fase” parece ainda não estar pronto. A essa vertente, podemos encontrar ainda em dicionários, como o contemporâneo Caldas Aulete (2004), que adolescência é “fase da vida entre a infância e a idade adulta”, ou em enciclopédias, como a Barsa, que adolescência é a

fase de transição entre a infância e a maturidade, que se estende dos 13-4 aos 22-23 anos, para o homem, e dos 11-12 aos 21 anos, para a mulher. [...]. A adolescência é a expressão de um período de desequilíbrio e, via de regra, de conflitos de toda espécie, sobretudo afetivo-emocionais (BARSA, 1975, p.81).

É interessante pensar nessa definição de “fase de transição”, quando na verdade todos os ciclos da vida humana – da infância para adolescência/juventude para idade adulta para a velhice – são de transição. Entretanto, somente a adolescência tem esse conceito difundido.

Ainda na conceituação dessa enciclopédia, nessa fase o fator educacional é extremamente importante, seja pelos pais ou pela escola, “para a formação do caráter e para o desenvolvimento das aptidões de cada jovem”. Se houver falha dos pais na educação o jovem estará predisposto à revolta interior e

[...] Acrescente-se ainda que, de um ponto de vista socialmente mais amplo, são essas as raízes do desajuste responsável pelo marginalismo social e, na maioria das vezes, pela delinquência juvenil (BARSA, 1975, p. 82).

Para Groppo (2000), a juventude é uma categoria social, mais do que uma faixa etária demarcada, nem sempre coesa em seus desejos e comportamentos. Como categoria social é a representação sociocultural e situação social, ou seja, uma criação simbólica de grupos sociais ou dos próprios jovens para justificar suas atitudes.

Por muito tempo a juventude recebeu dois estigmas: de juventude perdida, a qual demonstra apenas rebeldia, ou juventude redentora, sendo a responsável em salvar/reestruturar a sociedade de seu período. Evidente que o contexto social influencia olhar a juventude por essas perspectivas.

Esse discurso sobre uma geração atual ser mais fútil, que não se interessa pelos valores sociais e morais, ainda que as discussões avancem, sempre existiu o comparativo, por isso o estigma de “juventude perdida”.

Perceber estas diferenças de significados, entendimentos, usos sociais nos permitem compreender a necessidade de não uniformizar os olhares sobre crianças, adolescentes em cada momento histórico.

Nesse sentido, falamos não mais em juventude, mas sim em juventudes, no plural, na defesa de que existe uma especificidade nas diversas formas de ser Jovem que, conseqüentemente, são constitutivas da cultura Juvenil. “Cultura” que corresponde a um conjunto de símbolos e significações construídos e partilhados pelos jovens. O sentido desta concepção está em compreender os seus códigos de pertença e de viabilizar, no seio do “tempo da juventude” como essas vivências e práticas culturais podem ser enriquecedoras [...] (CASTRO PINTO, 2012, p. 226).

Desafiante, porém necessário, o olhar para a complexidade é que nos permite contemplar a diversidade das articulações humanas. Juarez Dayrell está entre os estudiosos brasileiros na atualidade que nos orientam sobre a importância de se:

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (DAYRELL, 2003,42).

E segue, compartilhando uma importante constatação pessoal:

Meu contato com os jovens que pesquisei deixa muito claro o aparente óbvio: eles são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito de suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se, possuem desejos e propostas de melhoria de vida. Acreditamos que é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém (DAYRELL, 2003,43-44).

No Brasil dos anos 1930, entendimentos semelhantes são possíveis de serem identificados entre educadores que, inspirados pela obra do estadunidense John Dewey, desejavam a renovação pedagógica. Os “escolanovistas” não compreendiam a juventude

(infância e adolescência) com a mesma complexidade de Dayrell. Mas já argumentavam naquele momento sobre a necessidade de as práticas pedagógicas não desprezassem as especificidades de momento do viver.

A principal diferença em relação a como percebemos a relação entre educação e juventude nos dias de hoje está na concepção de ação pragmática de Dewey. Porém não é uma diferença inconciliável.

Em Dewey, a atividade pedagógica deve estar sempre em união com a experiência, pois tem por princípio uma ligação orgânica entre existência e aprendizagem. Ao viver experimentando, os indivíduos aprendem e querem novas experiências. Isto está explícito em sua obra “Educação e Experiência”, na qual fala ainda do papel da escola como “comunidades embrionárias” ou “sociedades em miniaturas” e defende metodologias menos rígidas da parte dos professores para que não inibam a experiência de aprendizagem das crianças. (DEWEY, 1971).

Tanto lá como cá, uma educação que coloca a experiência do estudante como núcleo principal do processo de ensino-aprendizagem é proposta. Porém, há uma diferença na função docente:

O pragmatismo de Dewey ressalta também a importância do método científico, com a elaboração de hipóteses que podem ser testadas. Uma filosofia instrumental que ressalta a importância do empirismo como um instrumento para resolver os problemas à medida que estes surgem. Para Dewey diferentes disciplinas como a física, a química, biologia deveriam partir da experiência da vida comum e avançar progressivamente para a experiência em uma forma mais organizada e completa, aproximando-se gradualmente dos conteúdos apresentados pelos professores (MEDEIROS, 2019).

Ainda que atualmente façamos ponderações importantes sobre o papel centralizador do docente na condução dos saberes em uma aula, nas décadas iniciais do século XX as proposições de Dewey tinham um caráter inovador, pois já apontavam para a inconveniência do processo de aprendizagem como a transmissão de conhecimentos. “A teoria pedagógica de Dewey defende a inserção do aluno como sujeito de experiência no processo de aprendizagem” (MEDEIROS, 2019). Para efetivá-la, cria em 1896 a Escola Laboratório da Universidade de Chicago. Nela procurou organizar os espaços pedagógicos de modo a possibilitarem a solução de problemas que remetessem à vida cotidiana das crianças.

A escola de Dewey começou com 16 alunos e 2 professores. Aos poucos a escola foi crescendo e em 1903 já passava de uma centena de alunos, 23 professores e 10 assistentes. Na *escola de Dewey*, os alunos se dividiam em grupos de acordo com a idade e para cada idade desenvolviam projetos diferentes (MEDEIROS, 2019).

Dois dos principais pensadores brasileiros da década de 1930, Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo, foram entusiastas das ideias e práticas de Dewey. Teixeira inclusive se empenhou amplamente para divulgar as ideias de Dewey, escrevendo sobre ele e baseando-se nele para muitas das propostas que tentou implementar para a modernização da educação pública no Brasil (TEIXEIRA, 2010)¹.

Além das práticas com maior vinculação à experiência das crianças, as propostas de Dewey eram consideradas pertinentes pelos aspectos de valorização da democracia que ensejavam.

Segundo testemunhos, Dewey teve um notável êxito no que se refere à criação de uma comunidade democrática na Escola Experimental. As crianças participavam na formulação de seus projetos, cuja execução se caracterizava por uma divisão cooperativa do trabalho, e as funções de direção eram assumidas em rodízio. Além disso, fomentava-se o espírito democrático, não somente entre os alunos, mas, também, entre os adultos que nela trabalhavam. Dewey posicionou-se criticamente em relação às escolas que não permitiam que os professores participassem das decisões que influíam na direção da educação pública (WESTBROOK, 2010, p. 26).

Os aspectos democráticos se fortaleciam na proposta escolar de Dewey na medida em que as ações coletivas se desenvolviam. Ele compreendia que o hábito de fazer em conjunto ensinava valores como respeito e era importante para este valor preponderasse na vida em sociedade que deve se pautar em igualdade, liberdade e participação.

A proposta de Dewey ganhou adeptos nos EUA, Brasil e diversos outros países que acreditavam que a renovação da educação e ampliação das ofertas de ensino eram parte importante do processo de industrialização¹.

¹ “Anísio Teixeira foi o mais importante seguidor das ideias deweyanas no Brasil, grato que pelas aulas recebidas do mestre nos Estados Unidos na década de 1920. Ante a sociedade moderna em transformação, Teixeira entendia a escola como chamada a inserir na sociedade indivíduos aptos a agir segundo os princípios da própria liberdade e da responsabilidade diante do coletivo. Considerado um expoente da educação brasileira, participou realmente dos movimentos pela educação entre os anos 20 e 70”. (SANTOS, PRESTES, VALE, 2006, p. 135)

O final do século XIX e o início do século XX constituem um período marcado por inovações tecnológicas várias, com avanços da Medicina e de outras ciências. Prometia-se vida mais longa para um maior número de pessoas. Mas os avanços da indústria de guerra chocavam o mundo, perplexo diante de marchas e contramarchas: ora era a ciência para a vida, ora para a morte. Educadores também procuraram introduzir ideias e técnicas que tornassem o processo educativo mais eficiente e mais realizador para o ser humano. O movimento educacional conhecido como Escola Nova surgiu para propor novos caminhos a uma educação que a muitos parecia em descompasso com o mundo das ciências e das tecnologias (SANTOS, PRESTES, VALE, 2006, p. 132).

Mesmo não se podendo afirmar que todos os seus membros partilhassem das ideias de Dewey ou mesmo que fossem escolanovistas, suas ações foram importantes para a definição dos preceitos que nortearam a educação brasileira no período. Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo integraram o quadro de sócios da ABE, chegando inclusive a presidi-la. Azevedo em 1938 e Teixeira em 1933.

No Brasil dos anos 30, pois, o escolanovismo se desenvolveu em meio a importantes mudanças. Acelerava-se o processo de urbanização, mas também a expansão da cultura cafeeira. Prometia-se o progresso para o País, sobretudo industrial, mas também os conflitos de ordem política e social acarretavam uma transformação significativa da mentalidade brasileira. Muitos deixavam o campo em direção aos centros urbanos, tentando encontrar melhores condições de trabalho e de sobrevivência. O capital passava a ditar as regras a uma sociedade que devia ser ativamente produtora e conseqüentemente consumidora. Não obstante fosse restrito o poder aquisitivo dos salários, abriam-se muitas frentes de trabalho, como também novas perspectivas educacionais. Educar a população, urbana e também rural, pareceu condição primeira para que se consolidasse a economia capitalista industrial e fosse garantido o desenvolvimento do País. O ensino seria exigência a todo trabalhador, que deveria adquirir um mínimo de instrução. Educação, assim concebida, ainda não era reputada um direito do cidadão. Era, sim, um instrumento em mãos das duas burguesias. Divulgada uma ideologia desenvolvimentista liberal, o Estado era colocado como o responsável pela educação de todo o povo (SANTOS, PRESTES, VALE, 2006, p. 136).

Na IV Conferência Nacional de Educação (1931) Fernando de Azevedo se incumbiu de redigir um manifesto que apresentasse a nova corrente educacional necessária à educação nacional. Ele escreveu, mas foram indicadas mais 25 pessoas a assinarem, escolhidas a dedo por ele e por Anísio Teixeira. Entre tantos, Cecília Meireles, reconhecida enquanto pensadora da educação por meio de seus textos no jornal carioca, *Diário de Notícias*, e sua trajetória no serviço público educacional.

Muitos educadores fizeram dos jornais, em diferentes épocas, um lugar de militância e de divulgação de ideias relacionadas à concepção de educação. Meireles sendo criadora e diretora da “Página de Educação”, tinha uma coluna para si – *Comentários* - do *Diário de Notícias* (criado em 1930), e usou deste espaço, juntamente de outros pensadores da educação – naquele momento o único no Distrito Federal totalmente dedicado à educação - como tribuna para divulgar a chamada *Escola Nova*, movimento educacional que a autora defendia por acreditar na proposta renovadora deste ensino vinculado à psicologia do comportamento humano.

Entusiasmada com as perspectivas abertas pela Reforma Educacional do Distrito Federal (Rio de Janeiro) entre 1927 e 1930, aproxima-se de Fernando de Azevedo, torna-se adepta das premissas educacionais da Escola Nova e protagonista de embates contra Alceu Amoroso Lima – ferrenho crítico das propostas de laicização da educação. Além disto, Cecília em muita respeitava as propostas educacionais de Dewey, sendo mais uma dos seus pontos de convergência com Fernando de Azevedo.

Nesses termos, é possível dizer que na raiz do pensamento de Cecília Meireles houve também uma educação sob esse prisma [educar para a democracia]. Como seguidora do pensamento educacional de Dewey, a professora/normalista depositou uma grande esperança na educação, ao concebê-la como um valor importante na formação integral do indivíduo (CUNHA, 2013, p. 152).

Há entre Meireles e Fernando de Azevedo grande afinidade intelectual e muita admiração, em especial dela para com ele, a qual se fortalece em constantes trocas de correspondências. Azevedo ganhou notoriedade no campo educacional após a publicação de A instrução pública em São Paulo, série de reportagens produzidas para o jornal *O Estado de São Paulo*, em 1926, sobre a situação da educação no estado, fruto de seu trabalho enquanto jornalista e crítico literário. Depois deste trabalho, foi reconhecido como “especialista em educação” (SAVIANI, 2013).

Em *A farpa na lira – Cecília Meireles na revolução de 30*, Valéria Lamego publica oito correspondências entre a poeta e o educador, datadas de 1930 a 1933. As cartas tratam de educação e da mudança política que acabara de acontecer. Conforme destaca Lamego, vemos nestas cartas uma amostra de Cecília Meireles com seu humor avesso às coisas fáceis e óbvias da política e nos ensina seus subterfúgios para transformar o cotidiano em algo mais interessante e grandioso (LAMEGO, 1996, p. 122).

Os textos de Cecília em sua coluna de educação destacam reflexões acerca dos meios tradicionais do ensino da época, das dificuldades dos professores no processo de ensino-aprendizagem das crianças nos anos iniciais, da adolescência, do respeito pela mocidade, da falta da interação da família com a escola, da importância da cultura, enfim, trata de assuntos relativos à educação, buscando incitar nos leitores um interesse pelo tema, para que trabalhassem em prol da educação, fazendo jus à formação da nova pátria que tanto se almejou nos anos 1930.

A partir de 19 de março de 1932, primeiramente no *Diário de Notícias* e depois em vários veículos de imprensa, publicou-se o *Manifesto da Nova Educação ao Governo e ao Povo*, mais popularmente conhecido como *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*. Começando pelo item *A Reconstrução Educacional no Brasil – Ao povo e Ao governo*, o Manifesto define a educação como base de todos os problemas do Brasil, por ser ela a responsável pelo desenvolvimento de aptidões das pessoas que precisavam de alto desempenho de suas capacidades para conseguirem atender as necessidades modernas. Defendia-se uma nova política educacional capaz de desenvolver nas pessoas as habilidades no campo filosófico, biológico e social, por meio de um sistema nacional de educação que viabilizasse a ampliação do ensino público.

Ao reivindicar ao Estado que oferecesse educação pública e gratuita, tornando a escola acessível sem distinção de classe social e econômica, defendia-se que este ensino fosse laico e obrigatório às crianças de 7 a 15 anos. E ainda que fosse a criança o centro do processo de aprendizagem, com amplo respeito às suas características biológicas e psicológicas (SAVIANI, 2013, p. 247).

Para tanto, delinearam a estrutura do sistema educacional dentro de uma hierarquia, sendo: escola infantil ou pré-primária (4 a 6 anos); escola primária (7 a 12 anos); escola secundária (12 a 18 anos); e escola superior ou universitária. Considerando o “desenvolvimento natural” do ser humano, concebiam a universidade como um espaço elitista, reservado à elite intelectual, independente da sua condição social, conforme o desenvolvimento de suas aptidões biológicas para conseguir o ensino superior, ou seja, o fato de ser rico ou pobre não entrava em questão, mas sim se o sujeito fosse capaz de apresentar condições psicobiológicas.

A publicação do Manifesto em diversos jornais causou grande polêmica. Cecília Meireles usou seu espaço no *Diário de Notícias* para promovê-lo, configurando um novo capítulo em seus embates com Alceu Amoroso Lima, ainda discutindo a questão do ensino

religioso obrigatória, contrariamente ao que defendia os preceitos escolanovistas. Por várias vezes Meireles destacou o seu desejo de que todos os interessados pela educação lutassem por ela e desejo de que todas as pessoas abraçassem a causa de uma educação laica e moderna.

A defesa do respeito às características biológicas das crianças e a importância de preceitos como a solidariedade social por parte dos escolanovistas eram recebidas como ameaças por Alceu Amoroso/Tristão de Atayde e sua visão de que o papel primeiro da educação é a construção de valores morais e religiosos que garantissem a ordem social.

As representações de educação, infância e adolescência que Cecília Meireles defende em sua coluna tem relação direta com seu diálogo com Fernando de Azevedo. Adepto das proposições pedagógicas do filósofo norte americano John Dewey, Azevedo propunha que a reforma no ensino brasileiro tivesse por base uma “escola nova” que não separasse a vida do aluno fora da escola do seu cotidiano de aprendizagem na escola.

No modelo escolanovista proposto por Fernando de Azevedo, a escola deveria ter foco na criança, estimulando o desenvolvimento prazeroso por meio de suas observações e experiências. Para tanto, a escola deveria ser organizada como uma “sociedade em miniatura”, incentivando o trabalho em grupo, de modo a desenvolver o compromisso individual e a responsabilidade com a solidariedade do grupo e objetivando o desenvolvimento integral da criança – que não é vista como um “mini-adulto” (SAVANI, 2013).

Na crônica “O Respeito pela Mocidade”, publicada no jornal *Diário de Notícias* em 1 de novembro de 1930, Cecília Meireles manifesta sua concordância com as propostas dos escolanovistas. Ela cita a psicóloga sueca Ellen Key, autora de *O Século da Criança*, para reafirmar ser esta uma das preocupações mundiais. Afinal, desde 1919 na Inglaterra, ganharam forças as discussões sobre proteção às crianças e adolescentes vitimados pelas guerras. E, na sequência, foi aprovada a Declaração de Genebra ou Carta da Liga de 1924, sendo o primeiro documento que protegia todas as crianças e adolescentes, abrangendo até mesmo não os que não sofreram consequências da guerra.

A melhor forma de proteger e “respeitar a mocidade” era lhes oferecer condições adequadas para se educarem. Fazendo uso de palavras contundentes, posicionou-se em seus escritos contra o conservadorismo católico que não aceitava as premissas sintetizadas pelos Pioneiros da Educação Nova em 1932 em prol de uma educação pública, única e laica como instrumento para retirar o Brasil de seu estado de atraso intelectual.

CAPÍTULO 2

CECÍLIA MEIRELES: RESPEITO PELA MOCIDADE

2.1 Perfil Biográfico

Cecília Benevides de Carvalho Meirelles nasceu em 7 de novembro de 1901, no Rio de Janeiro. É considerada uma das maiores poetisas da literatura de língua portuguesa, tendo ainda vasta obra em prosa, conto e crônica.²

Desde que nasceu, Cecília foi obrigada a lidar com a morte, aliás, antes mesmo: não conheceu seus três irmãos, os avós paternos, nem o próprio pai, Carlos Alberto de Carvalho Meirelles (funcionário do Banco do Brasil), que faleceu faltando três meses para seu nascimento. Antes de completar os três anos de idade, sua mãe Matilde Benevides também falece. Então, a pequena é criada pela avó materna, a açoriana Jacinta Garcia Benevides.

Em 1910 concluiu o curso primário, e recebeu de Olavo Bilac, inspetor escolar do Rio de Janeiro, medalha de ouro por ter feito todo o curso com “distinção e louvor”. Cecília foi poetisa, educadora, jornalista, tradutora, dramaturga, folclorista, pesquisadora e conferencista (muito requisitada em Portugal e na Índia).

Cecília concluiu aos 16 anos o curso de Magistério, iniciando de imediato a atuação como professora adjunta no curso primário. Até 1939, ano em que sua produção poética ganha notoriedade no meio literário após receber o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras (ABL), seu reconhecimento profissional dá-se principalmente em função de sua atuação na educação.

A professora também foi viajante, esposa e mãe. Aos vinte anos casou-se com o pintor português Fernando Correia Dias, com quem teve três filhas: Maria Elvira, Maria Mathilde e Maria Fernanda (atriz, única filha ainda viva). Seu casamento com Correia Dias foi fator importante em seu crescimento profissional, pois o artista pertencia ao grupo modernista, sendo bem relacionado na sociedade carioca. Aliás, sua amizade com o jornalista Nóbrega da Cunha, que também foi padrinho de uma das filhas do casal, rendeu o convite enquanto ilustrador do jornal. Dias ilustrou muitas obras poéticas da esposa, inclusive sua *Página de Educação*, do

² Estamos considerando a obra de Iolanda Lôbo (2010) sobre a vida de Cecília Meireles, como base para a construção desta apresentação da autora.

jornal carioca *Diário de Notícias*, objeto de nossa análise neste trabalho. Fernando Correia Dias cometeu suicídio, em 1935.

Com verdadeira paixão pela escrita e literatura, Meireles tem seu primeiro livro publicado em 1919, *Espectros*, uma obra de inspiração simbolista, como estudou com seus professores (um deles foi Osório Duque Estrada, o autor da letra do hino nacional). Considerada ainda juvenil e imatura, não consta em sua Obra Poética, tendo sido retirada pela própria autora.

No começo de 1920, por indicação de Anísio Teixeira, Diretor Geral de Instrução Pública naquele momento, e com autorização do prefeito, começou a lecionar para uma turma de desenho da Escola Normal do Distrito Federal. Nesse ano, houve um grande aumento de alunos nas escolas, sendo necessárias muitas contratações.

Em 1923, publica *Nunca Mais...* e *Poema dos Poemas*, e, no ano seguinte, o *Criança meu amor*. Tais obras tiveram ilustrações de seu marido.

A autora começou na contramão do período literário modernista, através de sua serenidade e lírica eclética, se preocupando apenas com aquilo que é universal. Foi considerada neossimbolista por escritores de sua época, que ainda mergulhados em rebeldia contra as artes clássicas e aspirando grandes mudanças na literatura, demoraram a aceitar e consagrar Meireles, que tardiamente enlaçou a admiração de nomes como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.

Enquanto professora, lidou com a escassez de livros didáticos – proposta que surgiu em 1929 com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), mas que se concretizou em 1934 com o Ministro da Educação Gustavo Capanema - e publica em 1924 *Criança meu amor*. Tal obra foi adotada como espécie de livro paradidático pela Diretoria Geral de Instrução Pública do Distrito Federal, sendo ainda aprovada pelo Conselho Superior de Ensino dos Estados de Minas Gerais e Pernambuco.

Ainda de caráter didático foram lançadas: *A festa das letras* (1937), em parceria com Josué de Castro, *Rute e Alberto resolveram ser turistas* (1939), livro adotado pelas escolas públicas para o ensino de ciências sociais no 3º ano elementar e adaptado para o ensino da língua portuguesa nos Estados Unidos.

Até o início dos anos 1930, Meireles se dedica a publicações de poemas, inclusive, os publica na revista *Festa*, de corrente espiritualista, e outros que só foram publicados postumamente, como *Cânticos* (1981).

Como oportunidade de cátedra de Literatura na Escola Normal do Distrito Federal, a poeta defende sua tese, intitulada *O espírito vitorioso*, a qual discursava sobre a escola moderna e a formação de professores. No quesito “moderna”, a educação seria voltada para a experimentação e reflexão do conhecimento, base dos preceitos da Escola Nova, que será tema de discussão adiante.

Em sua defesa, Cecília é reprovada por parte do júri, que defende o catolicismo e não aceita a educação moderna fora dos moldes religiosos. A reprova teve grande repercussão, inclusive fora do país, sendo criticada até nos Estados Unidos. Todavia, seu nome se destacou no âmbito social, o que lhe gerou convite para escrever e dirigir um caderno no mais novo jornal carioca, o *Diário de Notícias*. Nesse caderno, intitulado “Páginas de Educação”, a poeta pode expressar seus pensamentos sobre educação, política, cultura e artes. Contudo, sendo-lhe sugerido que escrevesse de forma menos política, a jornalista decide, após três anos de publicação, abandonar seus “Comentários”.

Quando sai do jornal, em 1933, com notoriedade enquanto pensadora da educação, Cecília foi nomeada pela Secretaria de Educação da Prefeitura do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, para dirigir um Centro Infantil. Nele continha a primeira Biblioteca Infantil, toda adaptada ao público-alvo, que funcionou no Pavilhão Mourisco, em Botafogo. Nesse espaço, também eram promovidas atividades voltadas para a música, o cinema, a cartografia e jogos. Mas, ainda por perseguição, poderíamos dizer velada, durando apenas três anos, o Centro foi fechado por acusação de conter um livro comunista, prejudicial à educação das crianças, a obra de Mark Twain *As aventuras de Tom Sawyer*.

Viúva e com três filhas, a autora se dedica mais à poesia, a traduções, e oferta conferências e palestras por toda América e Europa, sendo reconhecida também na Índia, onde recebeu das mãos do presidente um título *Doctor honoris causa*, por suas traduções da obra do educador Rabindranath Tagore³.

Em 1940, ela se casa com o professor e engenheiro agrônomo Heitor Vinícius da Silveira Grilo. No mesmo ano, ela retoma a carreira de jornalista, desta vez para o jornal *A Manhã*, publicando um longo estudo sobre folclore infantil comparado. Aliás, esse tema foi desenvolvido por anos, simultaneamente, entre seus escritos literários e educacionais.

³Poeta, romancista, músico e dramaturgo indiano, reformulou a literatura e a música bengali no final do século XIX e início do século XX.

Meireles atuou na Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal (Rio de Janeiro) de 1934 a 1951, sendo professora, diretora de unidades escolares, ministrando cursos de formação em literatura para professores, além de outros cargos administrativos. Destaca-se logo em 1934 pela fundação da primeira biblioteca infantil, no Pavilhão Mourisco, onde exerceu a função de diretora até 1937 – ano em que a biblioteca foi fechada sob a acusação de oferecer “livros subversivos” às crianças.

Foi também, entre 1935 e 1938, professora de Literatura Luso-Brasileira na Universidade do Distrito Federal, atuando ainda como docente em universidades estrangeiras (México, Estados Unidos, Portugal).

Aposentou-se em 1951 como diretora de escola, porém, continuou a trabalhar escrevendo crônicas para a rádio Ministério da Educação (MEC), e mais tarde na rádio Roquete Pinto, ambas no Rio de Janeiro. de 1961 a 1963, ela retoma a produção de crônicas de educação para o programa *Quadrante* da Rádio MEC (Ministério da Educação e Cultura). Ainda realizou trabalhos como produtora e redatora de programas culturais. Recebeu vários prêmios, entre os quais destacamos: Prêmio de Tradução/Teatro, da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1962; Prêmio Jabuti de Tradução de Obra Literária, pelo livro *Poemas de Israel*, em 1963, e Prêmio Jabuti de Poesia, pelo livro *Solombra*, em 1964, ambos concedidos pela Câmara Brasileira do Livro.

Faleceu no Rio de Janeiro a nove de novembro de 1964, dois dias após seu aniversário, vítima de um câncer. Manteve-se lúcida e trabalhando quase até os últimos dias. Postumamente, em 1965, a Academia Brasileira de Letras outorgou-lhe o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de sua obra.

Consagrada pela crítica literária como poeta a partir da publicação de *Viagem* (1939), e pelo público considerando toda a sua obra, Meireles ocupa lugar de destaque no âmbito educacional, o que lhe garantiu uma edição da Coleção Educadores, escrita por Yolanda Lôbo (2010). Sobretudo, foi uma personalidade de grande relevância por sua atuação política, social e cultural no país.

2.2 Educadora, Cronista, Pensadora

Cecília Meireles sempre nutriu preocupação e dedicação à educação, cobrando expressivamente do professorado para que também se dedicasse a mudar o ângulo e construir uma relação mais intimista com a criança e os adolescentes, para se manter um respeito e adquirir a confiança da mesma. Meireles enfatizou em várias crônicas o importante papel do professor em ouvi-las, pois acreditava que

A criança não é um boneco, cujas habilidades ou inabilidades se exploram. É uma criatura humana, com todas as forças e fraquezas, todas as possibilidades de evolução e involução inerentes à condição humana. Por isso mesmo, são condenáveis todas as atitudes que a rebaixem, ou que lhe estorvem o seu normal desenvolvimento (MEIRELES, v1, p.141, 2017).

A citação acima faz parte da crônica “Ouvindo as crianças”, publicada em 21/11/1930, e apresenta sua concepção de criança que tem, e sua compreensão para analisar as errôneas construções de palavras que as crianças acabam cometendo até completarem sua aquisição linguística, e aponta que, nesse processo, muitos professores se fecham, se recusam a ouvi-las e considerar o valor de todos os detalhes da vida e do mundo infantil, talvez por acharem que o erro venha da falta de atenção apenas. Porém, Cecília afirma ser esses detalhes um precioso auxiliar para o professor que realmente deseja ser alguma coisa mais que um detestável burocrata, inaceitável nesta era educacional.

Em 2001, em virtude do centenário da autora, foi realizada uma seleção de crônicas, as *Crônicas de Educação*, publicadas em cinco volumes. Foram parte de um projeto firmado entre os familiares da autora, a editora Nova Fronteira e o escritor Leodegário Azevedo Filho.

Relançadas em 2017, tem despertado interesse de estudiosos da área de Letras e Educação, que abordam concepções, representações, ideias e temas de educação e infância nessas crônicas.

Suas crônicas de educação nos permitem conhecer elementos importantes da educação brasileira da época, com suas lutas, limitações, conquistas e lenta ampliação, num país em que, só a partir de 1930, começaria a existir um projeto de educação de amplitude nacional, com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública.

A coleção é composta por mais de setecentas crônicas, que foram publicadas de 1930 a 1933 no *Diário de Notícias*, juntamente com outras setenta publicadas entre os anos 1941 e 1942 no jornal *O Amanhã*. Na divisão dos cinco volumes, as crônicas foram agrupadas em catorze núcleos temáticos: *Conceitos gerais da vida, educação, liberdade, beleza, cooperação e universalismo; Família, escola, infância e educação; Adolescência, juventude e educação; Problemas gerais do magistério, métodos e técnicas de investigação pedagógica; Educação, revolução, reformas de ensino e ortografia; Educação, política e religião; Nova Educação, Nova Escola, Escola Normal e Ensino Público; Veículos de cultura e educação: poesia, cinema, teatro, música, exposições. Métodos auxiliares. O lúdico; O espaço escolar: ambiente e ambiência; Educação e literatura infantil; Intercâmbio escolar; Educação, jornalismo, responsabilidade e censura da imprensa; Civismo na formação das crianças, dos adolescentes e dos adultos; Paz, desarmamento e não violência.*

No volume dois, Leodegário de Azevedo Filho reuniu as crônicas dedicadas à adolescência, juventude e educação – incluso as variantes “mocidade” e “jovem”. Sendo uma das únicas mulheres signatárias do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova⁴, ao lado de outros vinte e três homens, se fez voz ativa no âmbito educacional, sobretudo na imprensa, conseguindo ser respeitada nesse espaço tão restrito às mulheres.

Cecília Meireles, enquanto educadora, poetisa e jornalista, defendeu nos anos 1930 a necessidade de uma produção literária pedagógica específica para a infância e juventude. Publicando livros voltados à criança, organizando a primeira biblioteca infantil do país, criticando métodos educacionais de sua época, Cecilia fez da educação infanto-juvenil um tema latente em toda sua trajetória, acreditando que o século XX era das crianças e da mocidade. É interessante ressaltar que a educadora realizou tal trajetória na cidade de Rio de Janeiro, que na época era a capital do nosso país.

Não sabemos quais os critérios foram utilizados por Leodegário de Azevedo para selecionar e relacionar tais crônicas dentro da referida temática, mas podemos observar que há uma ordem cronológica, e que de fato os temas adolescência, juventude e educação estão presentes nos textos.

Dessa forma, nossa análise terá como eixo condutor os temas de cada texto, independente da cronologia aplicada pelo organizador da obra. Iniciaremos pelas crônicas com

⁴ Documento emblemático que lançou as ideias escolanovistas no Brasil, o qual trataremos mais a diante.

a temática Educação por ser mais abrangente e se referir tanto à juventude quanto aos adolescentes. As questões específicas de adolescência e juventude farão parte de outro capítulo.

O segundo volume da referida coleção inicia-se com o eixo temático “Adolescência, Juventude e Educação”, tema que nos saltou aos olhos diante dos estudos realizados pela linha de pesquisa e pela escassez de abordagem nas dissertações e teses. Eis o nosso *corpus*, as quinze crônicas que apresentam a infância, a adolescência, a juventude, a mocidade e a educação no contexto sócio-histórico dos anos 1930, pelo olhar de Cecília Meireles.

Deste conjunto de crônicas, selecionamos quinze para comporem nosso *corpus* de análise. Na sequência da obra e a cronologia da publicação, temos os seguintes textos: “A adolescência”, publicada em 08 de agosto de 1930; “O que leem os adolescentes”, de 09 de agosto de 1930; “A alma do adolescente”, de 20 de agosto de 1930; “O respeito pela mocidade”, de 01 de novembro de 1930; “A Reforma de Ensino e o movimento da mocidade”, de 6 de dezembro de 1930; “Uma recordação da juventude”, de 06 de março de 1931; “O espírito da mocidade”, de 03 de maio de 1931; “O mal de crescer”, de 24 de maio de 1931; “A mocidade de hoje”, de 01 de setembro de 1931; “Mocidade – primavera da vida!...”, de 28 de outubro de 1931; “Código do Estudante Brasileiro”, de 10 de setembro de 1932; “O movimento universitário”, de 04 de setembro de 1931; “Escrúpulos?...”, de 29 de maio de 1932; e por fim duas crônicas com o mesmo tema e título: “O caso dos estudantes pernambucanos [I]” e “O caso dos estudante pernambucanos [II]”, publicadas em 15 e 16 de junho de 1932.

Considerando as temáticas do núcleo “Adolescência, juventude e educação” os textos examinados que abordam a *adolescência* são: “A adolescência”, que apresenta uma representação de como é visto o adolescente da época, e como é importante sua educação ser discutida na reforma geral; “O que leem os adolescentes”, e “A alma do adolescente”.

Os textos que abordam o tema da *juventude*, são: “Uma recordação da juventude”, “O respeito pela mocidade”, “O espírito da mocidade”, “A mocidade de hoje”, “Mocidade – primavera da vida!...”.

A crônica “A Reforma de Ensino e o movimento da mocidade” aborda os temas tanto da mocidade quanto da educação, pois aponta para o movimento do Centro de Estudantes Livres – o início da UNE – e a crítica à reforma de ensino. Os demais textos que tratam da Educação, são: “Código do Estudante Brasileiro”, “O movimento universitário”, “Escrúpulos?...” e as crônicas sobre os estudantes pernambucanos da Faculdade de Direito. A crônica “O mal de

“crescer” não retrata a adolescência, a juventude ou a educação em si, mas reflete a sutil diferença de como a criança e o adulto veem o mundo.

A tabela abaixo indica as crônicas na sequência encontrada no livro, contudo, classificamos conforme a temática proposta pelo autor e apresentamos uma síntese:

Quadro 1: Sequência de crônicas encontradas no objeto de pesquisa.

TERCEIRO NÚCLEO TEMÁTICO: Adolescência, juventude e educação			
DATA	TÍTULO	TEMA	SÍNTESE
08/08/1930	A adolescência	Adolescência	Destaca a importância da educação da adolescência na Reforma Geral.
09/08/1930	O que leem os adolescentes	Adolescência	Crítica aos romances ultrarromânticos lidos pelos adolescentes.
20/08/1930	A alma do adolescente	Educação	Indica a obra "Psicologia da Juventude" a pais e professores.
01/11/1930	O respeito pela mocidade	Juventude	Observa a mocidade e a infância enquanto preocupações dos educadores do século XX.
21/11/1930	Ouvindo Crianças	Juventude	Importância de ver-se as crianças como sujeitos
06/12/1930	A Reforma do Ensino e o movimento da mocidade	Juventude	Aponta como o Centro de Estudantes Livres enfrentou o problema da reforma do ensino.
06/03/1931	Uma recordação da juventude	Juventude	Aborda o gosto da narração introspectiva da infância e juventude.
03/05/1931	O espírito da mocidade	Juventude	Discute a mocidade e a noção de envelhecimento do homem.
24/05/1931	O mal de crescer	Educação	Compara as sutilezas da criança com a dureza dos adultos.
01/09/1931	A mocidade de hoje	Juventude	Diferencia a mocidade pensante da época com a mocidade moldada de outrora.
28/10/1931	"Mocidade - primavera da vida!..."	Educação	Crítica o posicionamento do ministro da justiça com relação à Casa do Estudante.
10/09/1932	Código do Estudante Brasileiro	Educação	Cita o Código do Estudante Brasileiro e faz considerações sobre esse servir da mocidade.
04/09/1931	O movimento universitário	Juventude	Discute o conceito de mocidade a partir do movimento universitário.
29/05/1932	Escrúpulos?...	Educação	Crítica o reitor da Universidade do Rio de Janeiro em sua explicação sobre a criação de cursos de extensão.
15/06/1932	O caso dos estudantes pernambucanos I	Educação	Mostra as razões da greve dos estudantes da Faculdade de Direito de Pernambuco.
16/06/1932	O caso dos estudantes pernambucanos II	Educação	Destaca a importância da greve dos estudantes citando trechos do manifesto deles.

Fonte: Elaborada pela autora.

De maneira a oportunizar melhor compreensão das análises e reflexões que apresentamos no quadro 1, encontram-se em anexo os textos completos destas crônicas selecionadas.

2.3 Manchete do dia: Educação no Jornal

Falar sobre educação não é uma tarefa muito simples. Desde os primórdios do ensino no Brasil e no mundo, muitos pensadores têm postulado ideias acerca do tema. É fato que ainda muito se discute para chegarmos a um conceito uno de educação. A proposta deste trabalho não é trazer um consenso sobre o tema, mas proporcionar reflexões para que possamos chegar a um denominador que nos possibilite dissertar sobre algumas das múltiplas perspectivas da educação não-escolar. Para isso, pensamos inicialmente o significado da ação de educar pela observação etimológica da própria palavra.

Sabendo de sua complexidade e certos de que poderemos chegar a múltiplos conceitos, significados e sentidos, buscamos a raiz da palavra que nos indica o acerto da hipótese afirmada. A palavra educação é, portanto, ambígua, pois pode derivar de dois verbos: “educere” ou “educare”, ambos de origem latina e com sentidos diferentes. A palavra “educare” significa criar, nutrir, orientar um indivíduo até um ponto. De fato, segundo sua origem semântica, essa palavra refere-se ao ato de (alguém, nesse caso, o professor) ensinar sistematicamente para inserir o estudante na sociedade.

Já a palavra “educere” significa fazer brotar, nascer, surgir ou ainda provocar. Acontece de dentro para fora. É interessante observar como as duas palavras tão próximas, advindas de uma mesma raiz pode inferir significados distintos. Na palavra “educere” o ser (estudante) é concebido como alguém cheio de potencialidades. Assim, observamos que na primeira ideia sobre a origem da palavra educação, há um foco naquele que ensina ou até mesmo no processo de ensinar. Já na segunda formulação, a semântica da palavra refere-se àquele que aprende.

Diante dessas raízes epistemológicas da palavra educação, que nascem de sentidos primitivos, é possível pensar em algumas concepções estruturais de educação: 1) a educação é um produto do social; 2) a educação é um processo de desenvolvimento do ser humano; e 3) a educação é processo de interação indivíduo-sociedade. Essas conceituações nos oportunizam pensar em um conjunto de ações possíveis relativas à sociedade, desenvolvimento e ser humano.

Dessa forma, entendemos que educação é o caminho para a formação humana. O único caminho capaz de livrar a sociedade das mazelas e crueldades que acercam o mundo. Para Freire (1996, p. 37), “educar é substantivamente formar”, é ver o ser humano, de forma consciente,

como um produto inacabado que está sempre em construção. É isso que produz seres humanos mais éticos. A educação produz reflexão por si, é o que permite o ser humano pensar não só de dentro para fora, mas de fora para dentro e isso oportuniza a prática do que é ético àquele que transforma o que aprende.

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, ao seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos ‘conhecimentos de experiência feitos’ com que chegam à escola. [...] Quanto mais me torno rigoroso na minha prática de conhecer tanto mais, porque crítico, respeito devo guardar pelo saber ingênuo a ser superado pelo saber produzido através do exercício da curiosidade epistemológica (FREIRE, 1996, p. 71).

A convenção que denominou determinado conjunto de ações, conhecidas como educacionais, não é basicamente atual, mas o que sabemos é que a sua realização prática tem se modificado constantemente ao longo do tempo. É por isso que o modelo educacional formal vigente no mundo contemporâneo tem a sua imagem bastante identificada com a escola, que prevê um espaço físico (a sala de aula); o professor; e aqueles que são os receptores de conhecimentos (os alunos).

Diante disso, Aranha (2006, p.34) afirma que, “estamos tão acostumados com a escola que às vezes nos parece estranho o fato de que essa instituição não existiu sempre, em todas as sociedades”. Um exemplo disso é a nossa sociedade. Atualmente, inúmeros processos são considerados como educativos, tanto no que se refere à escola, quanto ao que se refere à família e ao trabalho.

Pensar as produções designadas como crônicas em uma determinada temporalidade histórica é buscar evidenciar por meio dos estudos culturais em educação a forma como as representações são construídas acerca de determinados grupos históricos em contextos específicos.

Novamente, destacamos que era aquele um momento de intensas transformações no Brasil, como bem sintetiza Regina Nascimento ao tratar dos meios de comunicação de massa na defesa da educação como importante para estas transformações:

Notadamente, nesse período histórico houve uma série de transformações que alteraram as relações sociais e de trabalho, o modo de viver e pensar dos indivíduos. Foi o momento em que o “novo” espalhou-se em todas as direções: os meios de comunicação se desenvolveram e se intensificaram, por meio da

utilização do telefone, do telégrafo e do rádio. Os meios de transporte – o trem, o automóvel e o avião serviram para diminuir a distância entre as pessoas e os lugares. Entretanto, curiosamente, todo esse processo de modernização não serviu para eliminar as barreiras sociais e econômicas, mesmo com significativos avanços advindos da promulgação das leis trabalhistas fixando jornada de trabalho, férias, descanso remunerado e aposentadoria (NASCIMENTO, 2013, p. 77).

Nos anos 1920, apostou-se muito no rádio como meio de educar o povo. Certamente, um dos maiores entusiastas disto foi Edgard Roquete-Pinto. Médico legista, ganhou notoriedade pelo seu apreço às letras e dedicação à radiodifusão. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1927 e é considerado patrono do rádio no Brasil.

Sem dúvida, os meios de comunicação foram importantes para o desenvolvimento nacional, mas dentre eles, um merece atenção, o rádio, em virtude, particularmente, de os serviços prestados ao governo. Na visão de Roquette-Pinto¹⁴, também signatário do Manifesto de 1932, “uma máquina importante para educar o nosso povo”, por isso em parceria com Henri Morize¹⁵ criou a primeira rádio brasileira, a “Rádio Sociedade do Rio de Janeiro”, em 1923 (NASCIMENTO, 2013, p. 77).

Isto indica o quanto o tema educacional estava em evidência no dia a dia da população brasileira. Cecília Meireles e outras pessoas que usaram páginas dos jornais para promover debates, evidentemente, lidavam com um público específico de letrados em um país com ampla maioria de analfabetos. Todavia, este âmbito limitado de leitores não enfraquece a importância destes escritos. Dado que estavam em intenso diálogo com iniciativas de mais amplo alcance como a Rádio Sociedade. A trajetória desta rádio para as questões educacionais brasileiras tem importância a ponto de que a criação, em 1963, da Rádio do Ministério da Educação e Cultura (Rádio MEC, que existe até os dias atuais como EBC), deu-se por meio da estatização de seus equipamentos e acervos.

Ouvinte da Rádio Sociedade, admiradora dos esforços de Roquete-Pinto e de tantas outras e outros entusiastas da educação, Cecília Meireles teve a oportunidade de, na década de 1930, usar as páginas do *Diário de Notícias* para pensar sobre educação e promover debates. Percorrer os escritos de Cecília Meireles sobre educação é estar em contato com as ideias de uma mulher que acreditou firmemente no papel da escola para a transformação da sociedade brasileira. Conforme destaca Arnaldo Niskier (2003, p. 132).

Cecília Meireles discorreu sobre todos os temas educacionais: métodos, especialistas, professores, livros, arte, leis, reformas, crianças, adolescentes, política, liberdade, escola, literatura infantil, educação comparada (como resultado de suas viagens pelo mundo), a importância da família, pois, como dizia: “Tudo, em suma, é sempre uma questão de educação” (NISKIER, 2003, p. 132).

O jornal carioca foi fundado por Orlando Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel, em 12 de junho de 1930, e tinha como redator chefe João Maria dos Santos. Nóbrega da Cunha era amigo de do esposo de Cecília, Correia Dias, e dela própria. Foi, inclusive, padrinho de Maria Fernanda, a filha caçula do casal. O *Diário de Notícias* ficou conhecido como o “o jornal da revolução” por ter sido o único jornal que apoiou Getúlio Vargas naquele momento.

Segundo o filho de Orlando Dantas, João Ribeiro Dantas, que mais tarde também dirigiu o jornal, o *Diário de Notícias*, seguia uma linha voltada para a classe média: servidores públicos, civis e militares, juízes. O *Correio da Manhã*, seu concorrente, era um jornal de elite. O diário se apresentava como um “jornal patriota”, interessados nos problemas nacionais.

Convidada para dirigir o caderno *Página da Educação*, Cecília Meireles fez deste espaço seu lugar para explanar as questões educacionais através de suas crônicas. Assim o fez diariamente por três anos.

A *Página da Educação* teve seu início já na primeira edição do *Diário de Notícias* em 12 de junho de 1930. Segundo essa primeira edição⁵, o intuito da página era trazer à tona os “problemas pedagógicos, questões de instrução e de ensino [...] desde a escola primária até à universidade” (MEIRELES, 1930, p.3), para que todos tivessem conhecimento “imparcial” aos atos das autoridades diante das novas experimentações educacionais que estavam sendo implementadas na época. Assim, era composta por notas editoriais, reportagens ilustradas, resenhas bibliográficas, notícias do movimento educacional do país e do estrangeiro, tendo um ou mais artigo de colaboração firmados por especialistas europeus e americanos.

Conforme já destacado, o *Diário de Notícias* foi um dos periódicos que publicou o “Manifesto dos Pioneiros da Educação”, reforçando seu papel de uma tribuna sempre aberta para a defesa de uma educação inovadora e laica.

Regina Cunha destaca que a reforma educacional conduzida por Fernando de Azevedo no Distrito Federal (Rio de Janeiro), a partir de 1928, enfrentou muitas resistências por parte

⁵ Estamos usando a versão eletrônica do Jornal Diário de Notícias. Cf. http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_01&PagFis=0

dos resistentes à educação laica – personalizados na figura de Alceu Amoroso Lima. A chegada ao poder de Getúlio Vargas em 1930 intensificou as disputas:

Ainda houve tentativas de diálogos na IV Conferência Nacional de Educação, em 1931, quando Getúlio Vargas, na abertura do referido evento, solicitou a colaboração dos presentes na política educacional de seu governo, com o intuito quem sabe, de minimizar as divergências entre católicos e educadores da Escola Nova, mas em vão. Apesar de os protestos registrados contra as ideias centralizadoras e coercitivas do ministro Francisco Campos, perfeitamente coerentes com os propósitos do governo provisório. [...] Assim, em meio a disputas pelo encaminhamento das políticas do Ministério da Educação e da Saúde no Brasil, os vinte e seis signatários do Manifesto questionavam as formas tradicionais da ação pedagógica presentes no sistema educacional brasileiro, nos moldes oligárquicos, os quais certamente não correspondiam à nova configuração que o Brasil assumia no âmago do capitalismo mundial (CUNHA, 2013, p. 82).

Os princípios da laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e unificação escolar com coeducação (um sistema nacional de ensino, articulado pelos diversos entes governamentais) que sintetizam o Manifesto dos Pioneiros da Educação foram princípios aos quais Cecília Meireles aderiu de maneira integral.

Esses princípios abriram trilhas para a compreensão da função educacional calcada na unidade, na autonomia e na descentralização, ao considerar a finalidade biológica da educação, a necessidade de uma ampla autonomia técnica, administrativa e econômica e a multiplicidade na organização da educação nacional. Noutras palavras, a sistematização do Manifesto baseou-se em questões científicas, filosóficas, pedagógicas e políticas (CUNHA, 2013, p. 85).

Cecília publicou o manifesto de forma integral nas suas “Páginas de Educação” e escreveu em diversas oportunidades defendendo e explicando suas propostas.

[...] Uma obra de educação tentada a altura desse momento, com as diretrizes indispensáveis para um êxito verdadeiro, tem de assentar não apenas no programa que a define, mas no compromisso de honra daqueles que, por ela, empenham, na sua simples assinatura, sua própria vida, como num juramento.

O manifesto que o Dr. Fernando de Azevedo acaba de redigir, pela liderança que lhe conferiu um grupo dedicado, acima de tudo, a construção educacional do Brasil, seria por si só mais um passo a frente na situação em que nos achamos. Mais para frente e para dentro da luz.

Mas os nomes que subscrevem essa definição de atitude são uma garantia de trabalho, de invulnerabilidade, de lucidez e de fé.

Tudo se deve exigir desse grupo, porque ele é o mais preparado, por todos os motivos, para a ação heróica de que depende a formação brasileira. E eu, que também assino esse manifesto, não sinto nenhum constrangimento escrevendo o que acima escrevo: porque desde logo se vê que é dos outros que estou falando, quando me refiro a mérito e grandeza. Por mim, só tenho, sem discussão, a consciência da responsabilidade, o desejo da ação e uma confiança perfeita no poder da vontade desinteressada.

Essas palavras de Cecília Meireles serviram para expressar a sua posição em prol de uma ação oposta ao ensino discriminatório e antidemocrático vigente que fomentava a desigualdade social no Brasil. Assim, para a escritora, a educação funcionaria como uma ferramenta que poderia contribuir para minimizar os distanciamentos existentes no contexto sócio/político/cultural brasileiro (CUNHA, 2013, p. 86-87)⁶.

2.4 Um Ponto e Vírgula Nessa Escrita

Por razões até hoje não esclarecidas, Cecília Meireles interrompe sua coluna no jornal *Diário de Notícias* em janeiro de 1933. Para Valéria Lamego, os indícios apontam para uma decisão de não aceitar orientações de que seus textos fossem “menos políticos” (LAMEGO, 1996, p. 108-109).

Em sua última crônica na coluna *Comentário*, do *Diário de Notícias*, Cecília Meireles deixa evidente que não tem intenções de se afastar dos embates em prol da educação. Intitulada *Despedida*, tem um tom de “até breve” aos seus leitores e leitoras com a preocupação de continuar cuidando do “mundo especial” criado em comum com quem a acompanhara por mais de dois anos e meio - e sobre o qual sabia ter responsabilidade:

[Este *Comentário*] deixa em cada leitor a esperança de uma colaboração que continue. [...] Pode cessar o trabalho, pode o trabalhador desaparecer, para não mais ser visto ou para reaparecer mais adiante; mas a energia que tudo isso equilibrava, essa permanece viva, e só espera que a sintam, para de novo modelar a sua plenitude (LAMEGO, 1996, p.208).

Supõe-se que esse ponto e vírgula na escrita de Cecília no jornal seja por questões políticas – em plena Era Vargas ela fazia duras críticas ao governo pela forma em que conduzia

⁶ Citação de Cecília Meireles apresentada por Regina Cunha faz parte dos apêndices da edição especial *Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932) e dos educadores (1959)* publicada em AZEVEDO et all 2010.

as questões educacionais, criticando o modelo usado, sempre cobrando melhorias, ainda por questão religiosa – por suas críticas dirigidas ao ensino do catolicismo nas escolas.

Conforme Regina Cunha, as reformas educacionais lideradas pelo Ministro Francisco Campos ao mesmo tempo em que tentava contemplar demandas dos renovadores da educação, conciliava solicitações dos educadores católicos. Exemplo disso foi o Decreto 19.941 de 30/04/1931, que instituiu o Ensino Religioso nas escolas públicas.

A realização de atividades da Igreja Católica no terreno político/educacional poderia, de acordo com a educadora, ruir as bases do movimento porque essa igreja seguia o modelo de instituições sectárias que distinguiam seus cidadãos conforme a raça, o sexo, a etnia e o credo, e mais, acreditava que somente a Educação religiosa contribuiria para a formação moral do indivíduo, completamente o avesso dos aspectos científicos que norteavam a visão moderna de educação proposta por intelectuais e técnicos para o país naquela ocasião. De fato, a aproximação da Igreja Católica com o Governo de Getúlio Vargas, por meio de um “decreto antipedagógico e antisocial” na visão de Cecília Meireles, provocou um debate violento entre a igreja e os educadores liberais que defendiam princípios básicos da Escola Nova que tanto causavam temor a um grupo de católicos: uma escola pública, laica e gratuita (CUNHA, 2013, p. 80-81).

As motivações da interrupção da *Página de Educação*, embora não totalmente esclarecidas, ocorre em no momento em que Confederação Católica de Educação se fortalecia. Inclusive, quando houve a substituição de Francisco Campos por Gustavo Capanema no Ministério da Educação e Saúde Pública em julho de 1934, de imediato, representantes da confederação foram recebidos pelo novo mandatário da pasta. Nesta reunião, Alceu Amoroso Lima entregou uma longa lista de demandas a serem adotadas na gestão educacional brasileira. Dentre as propostas, a elaboração de um Plano Nacional de Educação.

Por intermédio da Confederação Católica de Educação, a Igreja realizou uma série de conferências com o objetivo de apresentar um documento único com a sua opinião conservadora e antiliberal. É importante destacar que a Igreja Católica era responsável pela maioria das escolas privadas do país, por isso via com receio a subordinação da educação ao Estado, nesse caso, propôs a total liberdade de ensino e a autonomia das escolas (CUNHA, 2013, p. 90).

Os embates persistiram, o Plano Nacional de Educação teve seu processo alongado e protelado e diversas deliberações pontuais foram sendo editadas pelo governo para organizar e reorganizar a educação no Brasil. Já lá naquele momento, os interesses educacionais eram colocados em segundo plano frente as disputas pelo poder.

Afastada do *Diário de Notícias*, Cecília se dedica à escrita poética, mas não se esquece das crianças e dos jovens, escrevendo então *para* eles e não mais *sobre* eles: “Festa das letras” (1937), “Os passeios de tio Mário” (1939), “Olhinhos de gato” (1939 / 1940), “Rute e Alberto resolveram ser turistas” (1945), “Rui, pequena história de uma grande vida” (1949), “Giroflê, giroflá” (1956), “Ou isto ou aquilo” (1964), além de outros lançados postumamente, indicados pela editora aos leitores jovens, como “O estudante empírico” (2005) e “Crônicas para jovens” (2012).

Cecília só voltaria regularmente aos jornais em 1941 até 1943, na seção *Professores e Estudantes*, do periódico *A Manhã*. A educação continuou como um de seus temas, porém sem a militância da década anterior. O que não quer dizer de forma alguma que a luta por uma prática pedagógica moderna deixou de ser central em sua atuação.

Além do regresso à imprensa, Cecília atravessa outras transições, e em 1940, casa-se com Heitor Grillo (secretário de agricultura na era Vargas), observando-se, também, a mudança em suas posições políticas diante do governo Vargas. Torna-se editora da revista *Travel in Brazil*, publicação do famigerado Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A revista, publicada somente em inglês, era chamada por Mário de Andrade, colaborador frequente, de “a DIP-revista”.

Importante destacar ainda que de 1957 a 1963 ela retoma a produção de crônicas, mas agora para o programa *Quadrante*, da Rádio MEC (Ministério da Educação e Cultura). As crônicas iam ao ar diariamente, sendo um autor diferente a cada dia, lidas por atores como Paulo Autran, Garcia Xavier e Fernanda Montenegro. O teor de suas crônicas já não é mais educacional, e sim de temática livre, sendo considerada poesia em prosa.

CAPÍTULO 3

EDUCAR EM VEZ DE MOLDAR: CECÍLIA MEIRELES EM DEFESA DA “PRIMAVERA DA VIDA”

A maior parte das crônicas cecilianas entre os anos 1930 e 1933 são voltados à educação, e em geral, sempre crítica à política educacional do período. Há muitos discursos sobre o excesso de reformas que se amontoam umas às outras e não resultam em quase nada, pois atende a um capricho de quem está na liderança. Em *A Reforma de Ensino e o movimento da mocidade*, de 06/12/1930, Meireles afirma que a “nacionalidade está na juventude. Está no que vai ser, no que já é ou já se foi”. Pois quando os jovens se levantam com toda a disposição em lutar e manifestar sua vontade brota-se esperança viva da afirmação da nacionalidade. É depositar nos adolescentes a esperança de que se tem os que lutam pela melhora do país:

Considerando a historicidade da infância e de seus conceitos relacionados, percebe-se a nova ótica para essa faixa etária, na qual Cecília Meireles sempre nutriu preocupação e dedicação, cobrando expressivamente do professorado para que também se dedicassem a mudar o ângulo e construir uma relação mais intimista com a criança, para se manter um respeito e adquirir a confiança da criança. Meireles enfatizou em várias crônicas o importante papel do professor em ouvi-las, pois acredita que:

A criança não é um boneco, cujas habilidades ou inabilidades se exploram. É uma criatura humana, com todas as forças e fraquezas, todas as possibilidades de evolução e involução inerentes à condição humana. Por isso mesmo, são condenáveis todas as atitudes que a rebaixem, ou que lhe estorvem o seu normal desenvolvimento (MEIRELES, “Ouvindo Crianças”).

A crônica *Ouvindo as crianças*, publicada em 21/11/1930, descreve a concepção de criança de Cecília. Foi motivada em alertar que as errôneas construções de palavras que as crianças acabam cometendo até completarem sua aquisição linguística não deveriam ser penalizadas. Aponta que nesse processo, muitos professores se fecham, se recusam a ouvi-las e considerar “o valor de todos os detalhes da vida e do mundo infantil”. Talvez por acharem que o erro venha da falta de atenção apenas. Porém, para Cecília são outra coisa estas palavras:

“um precioso auxiliar para o professor que realmente deseja ser alguma coisa mais que um detestável burocrata, inaceitável nesta era educacional”.

Em *O Interesse pelas crianças*, discute sobre o desrespeito à condição da criança em famílias que ofertam o mínimo e os restos, e as que exageram com questões materiais, anulando a personalidade infantil e inibindo seu processo criativo, que só se constrói através da força de seus *interesses legítimos*. Cecília indaga não saber “como se instalou na mentalidade do adulto o conceito de que a criança é um ser de importância secundária, a que se presta estritamente a atenção necessária para não o deixar morrer de inanição” (MEIRELES, “O Interesse Pelas Crianças”).

Comumente, as pessoas colocam as memórias em um pedestal, como se só o que já se viveu foi maravilhoso, e o hoje não é mais. Cecília Meireles na crônica *A infância*, de 20/12/1930, afirma que “nós somos a saudade da nossa infância. Vivemos dela, alimentamos do seu mistério e da sua distância”, e justifica que esses são o que sustentam a vida com esperança, “e o crivo em que é vertido o passado que se faz futuro”. O destaque para o passado e para o futuro ocorrem pois, segundo ela, porque só nos interessa o inédito, e amamos o que ficou fixado “na inconsciência da nossa sensibilidade, que se incorporaram à nossa vida ideal [...] na nossa alma de crianças, acesos como candelabros...” E nesse tom poético, ela encerra com o apelo de se ter uma humanidade melhor, e para tanto se faz necessário que “olhem para as crianças de hoje não apenas com inútil carinho, mas com elevação e inteligência” (MEIRELES, “A Infância”, grifo da autora).

Em *A infância e a sua atmosfera*, de 30/11/1932, ela conceitua a infância como “uma realidade contínua dentro de nós. Talvez por ser ainda a transição do universo de onde vimos para esta revelação incompreensível em que nos agitamos”. Esse conceito aparece nos parágrafos finais da crônica, que começa citando Chateaubriand para refletir em torno da transitoriedade da vida.

Meireles critica o culto à infância, ao mimo, ao tatibitate, aos exageros em brinquedos e festas de aniversário, ao uso de apetrechos supérfluos, considerando muito mais importante ao infante receber o respeito de ser ouvido e de poder viver suas próprias experiências que o possibilitarão ser adultos inteligentes.

Cecília quando escreve especificamente sobre educação consegue ser autoritária com o leitor através da cobrança e críticas, sejam ao Estado, ao professorado e até à família. Mas quando fala sobre a criança e o jovem consegue ser leve e proporciona ao leitor uma reflexão

mais sinestésica, dom de ser a poeta que é. A exemplo da crônica *Os indícios da alma infantil*, datada em 18/12/1930:

Quando se trata de orientar a criança, é necessário conservar bem sensível esse tato especial que, num dado mínimo, conquistado à espontaneidade infantil, descobre uma larga extensão interior, ou galga uma imprevista (MEIRELES, “Os Indícios da Alma Infantil”).

Em *Educação artística e nacionalizadora*, de 13/11/1930 ela diferencia educação de ensino:

Mas há uma coisa importante a considerar nesse movimento, digno dos maiores aplausos: é preciso não perder de vista que o trabalho que se vai efetuar tem de ser mais de educação que de ensino. *O ensino requer apenas uma técnica. Isso não resolveria, de modo algum, o nosso problema. É de educação artística, não de ensino artístico, que carecemos. A educação exige todo um processo interior, psicológico, profundo* (MEIRELES, “Educação Artística e Nacionalizadora”).

Essa tênue diferença é lançada não para ser implementada simplesmente nas aulas de educação artísticas, mas se tornar parte de uma prática constante nas escolas.

Em *Como as crianças cantam* (15/11/1930) Cecília critica em como os professores, que mesmo convivendo diariamente com os alunos insistem em não considerarem os sinais que os alunos dão. Ela apresenta situações-exemplos, nas quais crianças cantam hinos e cantigas com pronúncia errada, como o Hino à Bandeira, ou melhor, o *Salvelino*, e pela mesma falha do professorado até o Hino Nacional padece:

*Terra adorada!
Entre outras mil,
És tu Brasil,
Ó Pátria amada.
Dos filhos de teu “frango” é mãe gentil...*
(MEIRELES, “Como as Crianças Cantam”)

Se as crianças assim fazem é porque não recebem a devida atenção, pela negligência de não serem familiarizadas com as letras dos cânticos, mas apenas as decoram, e conclui que os hinos não possuem uma escrita que todos entendam, e dessa forma, eles conseguem ficar “muito pior do que já são”.

Se a infância merece um carinho extremo e superior delicadeza na sua orientação, a adolescência requer igual delicadeza e carinho; e talvez um critério mais requintado, qualidades maiores de tolerância, capacidade maior, talvez de compreensão.

Na crônica *Professores e Pais*, publicada em 16/09/1930, retrata a preocupação de Cecília para com a efetiva prática da educação moderna, que

[...] para ser uma realidade viva, depende do entendimento de professores e pais, de modo que a obra da escola e do lar se unifique numa comum intenção. Tudo quanto se fizer pela aproximação desses dois fatores e pela harmonização de seus interesses será em benefício da infância e para proveito da nacionalidade (MEIRELES, "Professores e Pais").

Porém, ela relata a dificuldade que se tem para colocar isso em prática, devido ao *hiato entre a escola e o lar*, no qual pais justificam suas ausências:

[...] por impossibilidade material, falta de interesse ou desconhecimento do sentido verdadeiro da educação, não realizam essa obra necessária de convívio espiritual que forma o ambiente adequado ao desenvolvimento feliz da infância (MEIRELES, "Professores e Pais").

Essa problemática ainda é muito atual, pois os pais continuam muito ausentes da escola, a exemplo, muitos não participam nem do transporte da criança para chegar à escola, pois devido ao trabalho, não possuem horário disponível e terceirizam essa ação. Mesmo diante desse obstáculo, a autora acredita que "com o idealismo que é a atmosfera única dos educadores, gostamos de imaginar que essa é uma realização fecunda, vinculando vitoriosamente a escola e o lar", e tal realização só consegue ser realidade através do convívio e de uma compreensão advindos no terreno da Nova Educação.

Cecília Meireles critica os que associam o adolescente como já um "homem", sendo que não possui ainda todos os atributos e condições de um adulto:

Considera-se o adolescente como um meio-iniciado nos aspectos mais obscuros ou duvidosos da existência.
Diz-se: "Ah! você já um homem..."
E que triste significação se dá a essa palavra tão nobre: homem!
Como se fosse sinônima de conhecedor de maldades, de perfídias, de toda a mesquinhez, de todos os vícios e erros que a humanidade ainda arrasta [...] (MEIRELES, "A Adolescência").

Para Meireles, diante desses que estão nessa fase entre a infância e a maturidade deveria se pensar, de *preferência* que:

Este ainda não é um homem: está no seu momento de formação. Devemos olhá-lo com olhos religiosos; devemos passar perto dele com a precaução dos nossos próprios gestos, temendo que em nós possa brotar algum exemplo que macule essa alma, pronta para qualquer reflexo. Que pensa esta criatura? Que sonha? Quais são os motivos da sua vaga melancolia? Dos seus arrebatamentos súbitos? Vamos conhecer de perto como funciona esta vida em elaboração, que ritmo a sustenta, que impulsos a governam (MEIRELES, “A Adolescência”).

Aos olhos da educadora, ouvir esses adolescentes, dar a devida atenção às suas inquietudes é o que se deve fazer para tratá-los com respeito devido enquanto criaturas humanas, e não um mero “quase adulto”. Ofertar essa possibilidade ao jovem é “uma esperança fecunda capaz de nos deixar ser bons, úteis e puros na medida de que são capazes os homens, quando lhes concedem liberdade e respeito no seu mais elevado sentido”.

Assim como ela discorre sobre a alma infantil, também o faz sobre a “Alma do Adolescente” em 20/08/1930. Inicia seu texto citando o livro de Eduardo Spranger *Psicologia da Juventude* (publicado a primeira vez em 1924) sobre a alma adolescente⁷. Sua crônica é um convite para que seus leitores conheçam a obra de Spranger:

Com que sabedoria nos faz o autor contemplar os adolescentes, que ainda não definiram sua fisionomia espiritual, procurando-se, dia a dia, em exemplos de heroísmo, de aventuras, de martírio, de glória! [...] nos apresenta a íntima tragédia da idade juvenil desamparada pelos que a censuram e repreendem sem lhe darem a seiva que a deveria nutrir, ou abandonada à inconsciente indiferença dos que não são capazes de compreender toda a complexidade da alma nesse período transcendente, em que fermentam todos os impulsos, em que pululam todas as aspirações! (MEIRELES, “A Alma do Adolescente”).

⁷ Eduard Spranger filósofo, educador e psicólogo alemão, considerado referência e um clássico para a pedagogia moderna. Conhecido também como um dos responsáveis pelo estabelecimento da disciplina pedagogia de maneira autônoma no âmbito acadêmico. Homem de grande preocupação humanitária trabalhou com formação de professores no entre guerras tomando como orientação para seus trabalhos as formas do pensamento de Pestalozzi e Goethe como modelo. (LANÇA, 2017, p. 67)

Meireles destaca que o valor da obra de Eduard Spranger consiste no que ele *revela de uma fase da vida que só pode ser compreendida por quem a observe com amor*. Tal afirmação explica porque Cecília também faz suas teorizações sobre os infantes e os juvenis de maneira tão sutil e poética, pois os olha com amor em busca de ouvi-los e identificar o que de fato eles precisam, que muitas vezes é apenas ser ouvidos, seja para opinar ou simplesmente expressar seu pensamento, que por muitos adultos isso é ignorado por não ter relativo valor.

Na sequência, a educadora deixa o tom poético e em tom de crítica sugere aos *professores da Escola Normal e os dos colégios secundários e superiores [...] que façam a leitura dessa obra notável, Psicologia da Juventude, o que de certo concorreria para lhes abrir horizontes pedagógicos muito mais amplos*.

Nos dediquemos um pouco a Spranger. Aluno de Wilhelm Dilthey, levou à frente o empirismo de seu mestre para propor uma Teoria dos Valores Humanos, baseada nos seguintes princípios: teórico, econômico, social, estético, político e religioso. Esta teoria está sintetizada na obra *Die Lebensformen* (1914), traduzido no Brasil como “Formas de Vida” (primeira edição em 1976). Sua outra obra de referência *Psychologie des Jugendalters* (1924), segue este preceito teórico e é a ela que Cecília Meireles faz referência.

Em sua carreira intelectual, Spranger praticou e defendeu a denominada “Psicologia Compreensiva”, rotulada época também como Psicologia Estrutural. Para ele, o entendimento sobre a totalidade da vida psíquica evidencia as experiências mais importantes correspondentes aos atos do sujeito, e isso se torna o centro da investigação (CAMPOS, GOTO, 2017, p. 352).

Naqueles anos 1930, Spranger não era amplamente conhecido no Brasil. Mesmo que tenha sido indicado entre a bibliografia de onze obras estrangeiras indicadas para a organização dos conteúdos de Psicologia de Educação na reforma educacional feita em Minas Gerais em 1928. Não havia traduções para o português de sua obra no Brasil (LANÇA, 2017, p. 70). O preço de Meireles a Spranger se insere em uma questão mais ampla, da defesa da inclusão dos conhecimentos da Psicologia da Educação nas práticas pedagógicas escolares.

Neste sentido, as propostas de reformas educacionais que contemplassem esta importância da Psicologia da Educação, a exemplo de Minas Gerais, já recebiam maior atenção de Cecília Meireles. Se, além disso, houvesse a ênfase nas características da psicologia da juventude era coerente que ela se preocupasse ainda mais em conhecer os autores que estavam sendo utilizados para embasar estas reformas.

O exemplo de Spranger é uma boa mostra de outra tarefa a que Cecília Meireles se comprometeu a desempenhar: a de divulgadora de saberes científicos que ela apreciava e, por ter domínio de línguas estrangeiras, se sentia no papel de mediar o acesso ao que ela entendia ser de mais vanguarda na educação.

Vanguarda, para Cecília Meireles, em educação significava não considerar a aprendizagem enquanto processo marcado pela passividade do estudante:

Em educação, é preciso que todos os administradores, todas as autoridades, todos os que tratam com a juventude saibam ser moços, para poderem tratar com ela, eficientemente. O regime de obediência passiva já terminou. Estamos no da solidariedade fraternal (MEIRELES, “O Espírito da Mocidade”).

Em sua defesa do “espírito da mocidade”, Cecília arrogava como seu principal argumento a necessidade de uma educação fraternal ou substituição ao primado da obediência, que só era capaz de levar a “adultos imperfeitamente educados”.

“Por que, sendo as crianças tão inteligentes, os adultos o são tão pouco?”
Ora, isto vem agora a propósito de uma simples reflexão, ao alcance de qualquer um.

Os adultos não podem ver uma criança correndo, que não lhe recomendem logo: “Olha que cais!” Por seu gosto, queriam-na sentada, Infância inteira. [...]

Os adultos dizem à criança: a gente anda assim, pensa assim, olha para tal lado, faz uma cara como esta etc. - na sua ânsia, que julgam muito louvável, de amoldar a infância plástica a um determinado tipo que lhes convém ou agrada. No entanto, a criança é incapaz de pretender que os adultos procedam segundo qualquer tipo determinado. Não dizem às mães nem aos papais, nem às, nem às tias que sejam diferentes do que são, - e nem se interessam por eles de modo a prejudicá-los na sua liberdade...

Vejam, agora, se a alguma criança já ocorreu exigir que os adultos andassem com as mãos sujas de lama, com os bolsos cheinhos de cacos de vidro, com as gavetas recheadas de pedacinhos de papel, de figurinhas, de trapos, de fios de cor... E isso tudo são coisas que a criança acha belíssimas, de uma utilidade indiscutível, de um valor inigualável... (MEIRELES, “O Mal de Crescer”).

Preocupava-lhe, sobremaneira, como crescer implicava em perder liberdade, advindo daí o “mal de crescer”. E uma educação que não ensinava o valor da liberdade sem tolhê-la não cumpria bem sua função.

É uma desigualdade pasmosa. De um lado, a liberdade, agindo, e deixando agir... Do outro, o preconceito, o servilismo, a ideia feita, o lugar-comum e não raro a hipocrisia, não só agindo como também querendo fazer agir...

Valha-nos a independência da criança, que a salva de alguns crimes de lesa-humanidade. Valha-nos a sua própria força vital que contraria, desvia, inutiliza as más influências dos adultos, concedendo-lhe uma verdadeira imunização contra os seus maus propósitos...

E, no entanto, os adultos se julgam tão superiores! Tão encarregados de mandar neste mundo, e, na medida do possível, até fora dele!

As crianças, não. As crianças não estão pensando nisso. Estão vivendo, realmente, a vida. Estão sendo, legitimamente, donas deste mundo e de todos os outros, criados e incriados. Dentro de sua pequena estatura, são criaturas imensas como o próprio Criador... Estão em tudo... E nelas tudo está (MEIRELES, “O Mal de Crescer”).

Poderia se observar que Cecília expunha um olhar idealizado sobre as crianças, ao dizer que nelas “tudo está”. Não é o caso, pois como tentamos mostrar com os longos trechos, mais do que as crianças em si o que está em debate é a liberdade. As crianças são trazidas como exemplos por serem expressão de uma liberdade de agir que ela sentia falta naqueles anos 1930 tão marcados por conturbações políticas e atitudes autoritárias.

Importante destacar que, para ela, a mocidade embora subdivisível em fases, incluía a vida desde a infância:

A mocidade também está situada ao lado da infância, na preocupação dos educadores deste século.

Ela, com toda a versatilidade dos seus pendores, ainda não definidos em nenhum rumo seguro; com toda a inquietude da vida que ainda não se plasmou numa forma estática, e anda em busca da sua verdadeira estrutura, observando cada exemplo, cada sinal do tempo, cada atitude das criaturas, cada caminho das opiniões, exige dos que estão em redor uma gravidade moral, um íntimo senso de dignidade que lhe possam servir de estímulo para um desenvolvimento generoso das suas faculdades e inclinações (MEIRELES, “O Respeito pela Mocidade”).

Ao impor à mocidade/juventude preceitos da vida adulta e atitudes hierárquicas que não lhe garantiam legitimidade de desejos e escolhas, legavam falta de esperança e perspectiva para um país que tanto necessitava de mudanças:

Essas frequentes crises de desalento, de tédio, de covardia, mesmo, e de baixaza, também, que abruptamente despontam na alma dos jovens, e que todos os educadores conhecem, originam-se nesse asco da vida provocado pelos ambientes maculados, que fazem a mocidade fraquejar de descrença (MEIRELES, “O Respeito pela Mocidade”).

Retirar da mocidade a esperança e o desejo de mudar indignava Cecília. Tal intenção ela atribuía a alguns fatores:

O crime maior dos maus governos, dos adultos imperfeitamente educados, daqueles que todos os dias manifestam a sua cupidez, a sua vaidade, a sua ambição, o seu egoísmo, não estará, talvez, nas consequências prejudiciais que imediatamente se seguem às suas práticas. Ele reside, antes, no cenário sombrio de corrupções que deixam atrás de si, para que nele a mocidade ensaie os seus primeiros sonhos (MEIRELES, “O Respeito pela Mocidade”).

Felizmente, porque quem não se submetia ao primado da obediência, os jovens mantinham o frescor da mocidade quando não abriam mão de seus ideais.

É verdade que há homens que não envelhecem. Alimentaram-se tão bem da mocidade, souberam, de tal modo, fazer crescer com fervor a forças força vital que lhes animava o coração e o pensamento; captaram, de tal maneira, todas as vibrações que a vida espargia copiosamente; aprenderam, tão bem, a multiplicar a sua riqueza, pelo processo de a dividirem, ilimitadamente, que pode vir a velhice do tempo, e atrás dela o talho fatal da morte – a mocidade do espírito resiste, porque se colocou firmemente numa atitude invencível e imortal (MEIRELES, “O Espírito da Mocidade”).

Brilhavam-lhe os olhos as movimentações da mocidade que materializavam a ela este espírito. Reverberava sempre que possível em seus escritos tais movimentações, dedicando palavras de incentivo:

O que eu noto nos moços de hoje, naqueles que realmente se podem chamar “alguém”, é uma virtude forte e audaciosa de não se deixarem iludir por aparências e fórmulas, um desejo que, às vezes, chega a ser aflitivo de não

serem elementos passivos entregues às intenções alheias, quase sempre estranhas às realidades convenientes.

[...]

Por isso, a mocidade de agora, se deseja formar como uma onda poderosa que se afirma para um impulso eficiente na história humana, tem de bater-se conscientemente - e não levada também por terceiros, sejam quem for - pelos princípios que constituem a razão de ser inicial da Nova Educação (MEIRELES, “A Mocidade de Hoje”).

Não somente pelo espírito inquieto da mocidade que se mantinha acesa a chama da liberdade. Cecília não se contentava com isso, e desta concepção está seu principal argumento para se engajar firmemente na defesa da Nova Educação. Enquanto professora, tinha convicção de que a escola e a educação formal eram instrumentos culturais indispensáveis para que o processo civilizatório ocorresse sem necessariamente implicar na limitação da liberdade.

A extensão cultural que permite a cada criatura elevar-se o máximo possível, a escola única, em que as vidas se encaminham por uma direção comum a todos, embora deixando a cada um liberdade para seus movimentos; a condenação de todas as imposições, sejam elas quais forem e venham de onde vierem, - pelo simples motivo de que não pode haver lei nenhuma, nem humana nem divina, que permita ao homem escravizar e inutilizar a alma (ou o que lhe quiserem chamar) do seu semelhante; e esse sentimento de solidariedade que tanto mais se afirma na terra quanto maiores são as desgraças que afligem, - alguns pontos que a mocidade de hoje há de estudar e, certamente, resolver (MEIRELES, “A Mocidade de Hoje”).

Sua convicção na escola e na educação Cecília procurava destacar elogiando as diferenças de atitudes da mocidade que teve acesso à boa instrução e se comprometia com a construção do novo Brasil:

É sempre uma grande alegria auscultar o sentimento e o pensamento da mocidade, principalmente da mocidade favorecida, que pode estudar e, sem dúvida, conhece os seus deveres para com todos os jovens que, pelas circunstâncias amargas da vida, foram sacrificadas nas suas possibilidades de acréscimo intelectual (MEIRELES, “O Código do Estudante Brasileiro”).

Romper com o primado da obediência é o que leva Cecília a admirar e empenhar apoio ao Centro de Estudantes Livres em suas manifestações em prol das reformas de ensino. Tais ações se deram em meio aos clamores pela reforma no ensino universitário, em um movimento que ecoava no Brasil mobilizações de diversos países:

A Federação Acadêmica do Rio de Janeiro estava aparentemente desenvolvendo o papel de centralizadora das questões sobre a reforma universitária, seguindo o exemplo da Federação Universitária de Córdoba, mas, um dia após a instauração da Revolução de 1930, foi criada outra organização com o mesmo objetivo: era o Centro de Estudantes Livres, que surgiu para lutar por reivindicações da classe estudantil, seguindo o exemplo de estudantes da Argentina, México, Peru, Chile, Espanha, entre outros países (BAGGIO, 2019, p. 13).

Na crônica “A Reforma do Ensino e o Movimento da Mocidade”, publicada em 6 de dezembro de 1930, Cecília saúda a coragem dos jovens brasileiros que reverberam as movimentações de Córdoba, na Argentina: “Quando uma juventude se levanta para manifestar uma vontade, para exprimir uma aspiração, pode-se ficar tranquilo: há esperanças bem vivas da afirmação da nacionalidade”. Além disso, elogia:

Esta mocidade que se reúne para tratar do problema educacional – o mais importante para qualquer povo que faz tentações de viver e evoluir – traz um estímulo tão significativo para o Brasil, que, ele só, vale pela garantia do espírito revolucionário integrado no sangue das gerações e infinitamente animando o corpo poderoso da pátria (MEIRELES, “A Reforma do Ensino e o Movimento da Mocidade”).

Noutra crônica, Cecília deixa ainda mais evidente o que entendia pelo espírito da mocidade:

Estudante quer dizer mocidade. E mocidade significa um momento único da vida fora do qual, para o adulto, não há mais pretensão e rotina. Mocidade não quer dizer precisamente vinte anos, mas quer dizer espírito de vinte anos. Disposição criadora. Confiança. Entusiasmo. Desinteresse. Lealdade dos que são fortes. Sinceridade dos que desejam alguma coisa. Dignidade dos que se delimitam, dos que não se encerram num círculo mesquinho para nutrir avaramente sua mesquina pessoa (MEIRELES, “O Movimento Universitário”).

A esperança no “espírito de vinte anos” é que sempre alimentou em Cecília a expectativa de que o Brasil que ela sonhava pudesse ser possível. Na crônica “Uma Recordação da Juventude”, de 06 de março de 1931, novamente faz referência a um autor em língua estrangeira (espanhol): do mexicano Alfonso Reyes em *El Testimonio de Juan Peña* (1923).

Reyes foi embaixador no Rio de Janeiro em dois períodos (1930-1936; 1938-1939) e seu entusiasmo com a literatura luso-brasileira lhe aproximou de Cecília Meireles, com quem desenvolveu profícua amizade, registradas em cartas que Alfonso Reyes conservou em seu acervo pessoal. Ela recebeu do próprio Reyes o exemplar de sua obra e fez questão de lhe enviar cópia da crônica publicada no *Diário de Notícias* em uma carta de agradecimento datada de 16 de março de 1931 (ROBB, 1980, p. 210). Além das trocas literárias, as correspondências também registram debates sobre a educação e o ensino no México, denotando a preocupação de Cecília Meireles em conhecer realidades escolares de países semelhantes ao Brasil.

Para além dos comentários elogiosos que faz à obra de Reyes, nos importa uma frase que expressa bem a relação entre arte e educação que defendia Cecília Meireles: “a vida de um artista é juventude permanente”. Em sua visão, artistas que respeitavam o frescor mantinham o frescor da juventude por toda a vida. E, desta forma, não faziam de sua vida adulta sem brilho.

Uma idade que reflete cada circunstância com perturbadoras minúcias, que sente até onde se pode sentir, meditar o máximo que é possível meditar, e é capaz de velar seus próprios cenários profundos com palavras tênues, e gestos leves, por essa necessidade de segredo que cada um de nós leva consigo como uma característica espiritual. Uma idade que ama a aventura, por si mesma, pelos seus riscos e suas surpresas. Uma idade em que se é livre e se tem pela liberdade um excepcional amor. Em que se para em frente de cada alma para adivinhar, e saber se vale à pena ter vindo à vida. Em que se houve cada resposta como uma nova pergunta. Cada testemunho como um pretexto para investigação, não da verdade que os homens afirmam, mas da verdade que os homens são (MEIRELES, “Uma Recordação da Juventude”).

Embora em momento algum Cecília faça menção explícita a alguma memória própria de juventude, ousamos dizer que a leitura da obra de Reyes remeteu à autora a seus próprios sonhos de mocidade. A maneira como ela, pelo texto, nos convida a olhar com olhos brilhantes à época da vida em que as dificuldades não nos esmorecem é algo que ela fez em diversos outros momentos em sua lavra literária. Porém, nos textos sobre educação, notamos que ela evita mencionar diretamente suas memórias. Talvez em uma tentativa de evitar objeções que buscassem fragilidades em suas reflexões como se ela falasse apenas a partir de suas experiências como educadora ou mulher.

Dentre as crônicas selecionadas para análise aqui, em apenas uma Cecília se permite um breve traço de personalidade, ao falar da adolescência e da necessidade que ela recebesse uma atenção mais carinhosa e generosa da parte de educadores:

E, com essa intenção generosa, contemplar a adolescência, estudá-la, lembrá-la em nós, quando também estávamos nessa fase inquieta, ruborizados só por esta certeza: ir participar, afinal, da grande vida!

Oferecer aos adolescentes aquilo que não tivemos, talvez, quem nos oferecesse: uma esperança fecunda capaz de nos deixar ser bons, úteis e puros na medida de que são capazes os homens, quando lhes concedem liberdade e respeito no seu mais elevado sentido (MEIRELES, “A Adolescência”).

A necessidade de lembrar a adolescência em nós (e nela mesma), já sabemos o motivo: não perdermos a vivacidade pela vida e nem o desejo de lutar pelos nossos sonhos. Cecília recorria a interessantes estratégias discursivas para manifestar seu entusiasmo pelas ideias educacionais sem cair na pessoalidade ou mera opinião. Assim o fez quando retomou a expressão à época consagrada por Olavo Bilac para metaforizar a juventude.

Por ocasião do discurso do Ministro da Justiça, Osvaldo Aranha, na entrega da sede da Casa do Estudante Brasileiro, Cecília publicou a crônica "Mocidade - primavera da vida!..." em 28 de Outubro de 1931. O título remetia ao poema de Bilac. A quem ela nutria admiração ainda maior após ter recebido das mãos do próprio a Medalha de Ouro pelo seu destaque na conclusão do ensino primário em 1910.

A Mocidade

A Mocidade é como a Primavera!
A alma, cheia de flores, resplandece,
Crê no Bem, ama a vida, sonha e espera,
E a desventura facilmente esquece.

É a idade da força e da beleza:
Olha o futuro, e inda não tem passado:
E, encarando de frente a Natureza,
Não tem receio do trabalho ousado.

Ama a vigília, aborrecendo o sono;
Tem projetos de glória, ama a Quimera;
E ainda não dá frutos como o outono,
Pois só dá flores como a Primavera!

Olavo Bilac
Poesias Infantis, 1904

Comentando trechos do discurso de Osvaldo Aranha, Cecília vinculou-o a situação que transcorria naquele momento na Escola Nacional de Belas-Artes. Sessenta dias antes, ocorrera o afastamento do diretor – o então jovem arquiteto Lúcio Costa. Em dez meses incompletos de mandato, Costa enfrentou enorme resistência. Isto porque ele tentava implementar mudanças

na escola, que tinha nível de ensino universitário, consideradas refratárias ao Decreto 19.850 de 11/04/1931 que reformava o Ensino Superior dentro das chamadas “Reformas Francisco Campos”. Costa foi destituído no início de setembro de 1931 (PINHEIRO, 2005). Ocorreram mobilizações, greves estudantis e subsequentes atos autoritários que Cecília questiona:

A mocidade pode mais que as revoluções [discursou Osvaldo Aranha] – mas esses obstinados estudantes de Belas-Artes que se mantêm em greve, defendendo um ponto de vista, ainda não conseguiram realizar a revolução de ideias de que carece o Ministério da Educação para entender a posição exata que deve assumir nesta conjuntura. [...] E que melhor maneira de o provar que conseguindo destruir esse sinistro legado do Sr. Francisco Campos, esse tétrico símbolo de opressão, de ódio, de violência e de ignorância que é o decreto do ensino católico? (MEIRELES, "Mocidade - primavera da vida!...").

E continua:

Se o governo, pois, ofereceu à mocidade, por essas qualidades todas que representa. A Casa que a abrigará como ao seu próprio futuro do Brasil, não fez, ainda, presente completo. Não lhe ofereceu, conjuntamente, a garantia de que se poderá salvar dentre as dificuldades que a hipocrisia, a traição, a venalidade e o ódio todos os dias lhe poderão insidiosamente opor. [...] Não é com contos de reis que se demonstra compreender a mocidade nem a vida. É com o pensamento. É com tato de criar e preservar atmosferas educacionais. Embora com a sua Casa, os estudantes continuarão desamparados, se as belas palavras do ministro não procurarem ter uma objetivação mais eficiente (MEIRELES, "Mocidade - Primavera da Vida!...").

Os dois longos trechos nos ajudam a caracterizar o que anunciamos já no título do capítulo. A instabilidade institucional que o país vivia, que inclusive será justificativa para a decretação da ditadura do Estado Novo em 1937, era imensa. O movimento constitucionalista em julho de 1932 em São Paulo foi outro exemplo desta instabilidade.

Cecília Meireles não se furtou a atuar politicamente neste período. Não a atuação político-partidária, mas o uso do seu poder enquanto cidadã, mulher, professora, poeta, ensaísta, intelectual, jornalista.

Assim o fez ao abordar o discurso do Reitor da Universidade do Brasil, que em maio de 1932, na tentativa de enaltecer sua instituição deixava evidente uma precariedade que não escapou aos olhos atentos de Cecília. Na crônica “Escrúpulos?...”, ela inicia seu texto reproduzindo o discurso:

A Reitoria da Universidade acaba de informar que será distribuída, em breve, uma publicação enfileirando os programas dos cursos e conferências de extensão universitária por ela organizados, e que, para essa publicação, o professor Fernando Magalhães escreveu as seguintes palavras explicativas:

A Universidade do Rio de Janeiro realiza a primeira série de seus cursos de extensão. Quarenta e dois cursos e trinta conferências. A não ser as velhas universidades, vou as opulentas, poucos institutos conseguem tão importante movimento cultural. Onde, porém, a Universidade do Rio de Janeiro alcança o primeiro plano é na significação do alto espírito de desinteresse dos seus professores. Todos esses cursos e conferências realizam-se sem remuneração, nem aos que ensinam nem pelos que aprendem. Já é um grande exemplo e um grande conforto. Talvez seja mesmo a mais notável e mais educativa lição que a Universidade poderia proporcionar em toda a sua atividade.

[...]

Que o ensino seja gratuito não é favor, é obrigação. [...] Agora, que os professores não sejam retribuídos ainda é pior. Porque quem trabalha deve ser remunerado. Em vez de louvar esse acontecimento, o dr. Fernando Magalhães devia deplorá-lo, dizendo, por exemplo: “Lamentamos, apenas, não poder retribuir os professores em atividade etc”.

Fazer benfeitorias com o chapéu alheio não contaria com o apoio de Cecília. Docência não poderia ser confundida com caridade. Nova Educação seria impossível sem investimento e valorização dos professores. Tal pauta inclusive estava em coerência com a defesa da educação laica e a dissociação da atividade docente da função de “sacerdócio e doação” que ainda ecoava enquanto como argumento para a defesa da educação.

Também marcava a distinção em relação à educação laica tratar os aspectos disciplinares que são inerentes ao processo de ensino-aprendizagem. Da mesma forma que recusava o uso de atos disciplinares religiosos no espaço escolar, Cecília Meireles não apoiava o uso de disciplina militar em instituições de ensino. Criticou em diversas ocasiões o ministro Francisco Campos por preferir a força ao diálogo:

O caso dos estudantes pernambucanos entrou, agora, em uma fase extremamente grave, com a requisição, que asseguram ter sido feita, pelo diretor da Faculdade de Direito, de força armada para resolver a greve sustentada há vários dias.

[...]

Os estudantes, porém, não querem voltar para as aulas com o diretor que lá está. E então este, num à soma de genialidade, teria imaginado resolver a greve com a intervenção da força armada. É o que vem num comunicado da Agência Brasileira.

No entanto, esses moços já apelaram para o ministro Francisco Campos, segundo comunicados anteriores publicados logo depois de se estabelecer o conflito, e denotando, nos estudantes, um intuito de resolver com brevidade a questão. [...] Porque o ministro Francisco Campos não decide sobre o caso, com imparcialidade de pensamento, e sem essa má vontade que costumam ter pela mocidade os que a detestam nos outros, talvez porque não souberam honrar em si? (MEIRELES, “O Caso dos Estudantes Pernambucanos I”).

Pertinentemente, Valéria Lamego usou a metáfora de “a farpa na lira” para caracterizar sua atuação e seus escritos no início da década de 1930: a farpa da jornalista irônica e combativa; a lira da poeta que manejava as palavras com o mesmo amor que tinha pela vida.

Após a análise dos artigos de Cecília Meireles podemos afirmar que o seu jornalismo de estreia foi o mais político de toda a sua participação na imprensa. E, sem dúvida, o que mais lhe rendeu “horror” pela carreira de tantas aventuras, como diria em uma carta a Fernando de Azevedo. Entretanto, a escritora encarava a imprensa com muita seriedade, pois tinha absoluta certeza de seu poder de persuasão junto às classes médias e populares. Em um dos seus *comentários*, sentencia: “o jornal substituiu a biblioteca” (LAMEGO, 1996, p. 18).

Diversos foram os temas aos quais Cecília se dedicou na sua defesa incondicional da democracia, de um Brasil que não permanecesse submisso ao “Sr. ditador” (apelido jocoso que usava para se referir a Getúlio Vargas, propositadamente com “d” minúsculo. Aqui nos dedicamos a alguns deles no âmbito da educação.

Seus escritos ainda merecem diversas leituras e análises. Sua defesa da juventude, como esperança para a construção do outro Brasil que ela sonhou e lutou para realizar, segue inspiradora. Como são tantas outras causas a que ela se dedicou:

Cecília Meireles foi de uma geração que pioneiramente estabeleceu um lugar para a mulher na vida pública. Sua presença na direção de uma seção de jornal representa um poder que poucas mulheres de sua década conheceram. Como suas contemporâneas latino-americanas, Cecília Meireles foi uma defensora intransigente da fraternidade mundial. Na esteira de sua defesa por uma irmandade que não fosse apenas nacional, limitada pelos símbolos e pelo sentimento de unidade típicos das Nações-Estados, Cecília Meireles pregava a abolição total das velhas instituições, em prol do nascimento de uma sociedade menos apaixonada pelos símbolos de uma pátria construída na base da exclusão, da desvalorização de seus cidadãos e cidadãs e das guerras (LAMEGO, 1996, p. 23).

Cecília Meireles, em sua trajetória em defesa de suas convicções, suscitou debates que também foram elementos de sua poética. Dentre as múltiplas “Cecílias”, a opção por uma não deve implicar deixar em plano irrelevante o que não esteja no foco. A exemplo do que destaca Valéria Lamego:

Os artigos jornalísticos de Cecília Meireles descortinam o primeiro estrato das ideias sociais, históricas e filosóficas que retomaria, mais tarde, em sua poesia. Em alguns artigos ela discorre e estetiza valores morais que repisa em seus poemas. Um caso exemplar é a recorrência do uso da palavra *liberdade* em seus artigos na *Página de Educação*, na década de 30, que mais tarde, na década de 50, é reutilizada em *Romanceiro da Inconfidência* (LAMEGO, 1996, p. 112).

Somou-se no seu tempo a tantas outras mulheres (brasileiras e estrangeiras) que se colocaram como pensadoras de uma sociedade que resistia em seu machismo e misoginia. Ler seus escritos educacionais em conjunto com sua lavra poética, seus romances, relatos de viagens, multiplica o nosso olhar sobre o Brasil das décadas de 1920 a 1960. Mas não só. Nos convida a pensar sobre a correlação entre o pedagógico e o estético inclusive nestes dias atuais em que voltamos a ter esperanças de que a docência não seja tratada como mera mediação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem menosprezar as diferenças que separam os dias atuais daqueles em que o escolanovismo representava um sopro renovador, voltar às crônicas de Cecília Meireles e seus embates contra os conservadores e as provocações aos pensadores da educação nos coloca a pensar sobre o quão ainda são conservadores e autoritários nossos valores educacionais e sociais perante aos infantes e juvenis. A participação da família na educação das crianças e adolescentes, desde os anos 1930 é destacada como importante, mas ainda hoje não alcançamos a totalidade deste feito.

Ainda vemos muitas dificuldades na utilização de metodologias centradas nas características da infância, na adoção de materiais didáticos com linguagem infantil e bibliotecas escolares de fato preparadas para desenvolver capacidades de leituras nos estudantes. Outra dificuldade, exposta na época, por Cecília Meireles, que ainda hoje nos apresenta enquanto obstáculo para o melhor desenvolvimento educacional, é a relação entre o lar e a escola.

Olhando para os rumos que a educação brasileira seguiu nos anos 1930, especialmente com a Reforma Francisco Campos em 1932, notamos que o ideário escolanovista não foi encampado pelo nosso sistema público de ensino para além de situações pontuais. A retomada recente que vivemos da necessidade de se defender a educação pública e laica, frente ao ressurgimento de propostas de privatistas e conservadoras sob slogans como “Escola Sem Partido” e “Abaixo a Ideologia de Gênero”, nos indicam que nossos debates pedagógicos talvez não estejam tão longe quanto imaginamos dos embates de 80 anos atrás.

Ser uma educadora que pensa sobre sua prática pedagógica é uma das minhas premissas. Nas oportunidades que tive em minha trajetória de contínua busca na compreensão das relações de aprendizagem, tento fazer valê-la. No percurso deste mestrado, me senti alcançando este importante repensar constante. Me senti sendo capaz de materializar uma das premissas dela: “saber ser poeta para se inspirar”.

O que era inicialmente uma pesquisa para melhor compreender o que Cecília Meireles compreendia por infância, além de se ampliar para o conceito de juventude, me permitiu compreender a dimensão política da atuação de professora de português e literatura. Não me cabe apenas ensinar técnicas de leituras, regras de gramática ou de sintaxe.

Ajudar a navegar por uma língua, descobrindo seus segredos, brincar com suas palavras, reinventá-las, está dentro das possibilidades que o ensino escolar pode desenvolver. Tal qual Cecília, entendo que é uma possibilidade da qual não se deve abrir mão. Pois desta forma além da comunicabilidade da língua, podemos apreciar suas nuances poéticas.

Poesia, arte e vida não se limitam a linhas retas. Polos binários. Imposições.

Poesia combina com liberdade. Sentimentos. Sonhos.

Às vezes abro a janela e encontro o jasmineiro em flor.
 Outras vezes encontro nuvens espessas.
 Avisto crianças que vão para a escola.
 Pardais que pulam pelo muro.
 Gatos que abrem e fecham os olhos, sonhando com pardais.

Arte de Ser Feliz
 Cecília Meireles, *Poesias Completas*, 1973

Liberdade é sempre política. Ainda mais em tempos assumidamente ou disfarçadamente autoritários. Arte, Liberdade, Felicidade é um trinômio que Cecília não deixar estar distante de educar.

Estamos reaprendendo a viver com liberdade. A experiência de isolamento social em meio à pandemia ainda nos afeta. A sombra de milhares de mortes segue nos tocando. Nossas salas de aula estão diferentes. É político reafirmar que a liberdade sem afeto e respeito, não é liberdade. É político reafirmar que educar para a liberdade é contemplar a felicidade.

Desafiadora ação de abrir a janela e celebrar a vida. Estimulante poder ver uma criança vivendo a vida além da conectividade tecnológica. Estudantes se orgulhando de escrever com afeto ao invés de apenas digitar.

Sou educadora porque acredito na liberdade. Admiro Cecília Meireles porque ela emana liberdade. Dedico-me à educação porque respeito as pessoas. Porque respeito as borboletas. Porque acredito na vida em que se possa amar sem medida tudo que a permita ser livre.

No mistério do sem-fim
 equilibra-se um planeta.

E, no planeta, um jardim,
 e, no jardim, um canteiro;
 no canteiro uma violeta,

e, sobre ela, o dia inteiro,
entre o planeta e o sem-fim,
a asa de uma borboleta

Canção Mínima

Cecília Meireles, *Vaga Música*, 1942

Amo poesia, arte, filha, filho, família, amigas, amigos, estudantes, pessoas... sem hierarquias, a não ser pela retribuição do afeto que compartilho e a mim é compartilhado.

Com meu corpo de mulher, minhas convicções e sonhos, vivo e incentivo a viver.
Educando e gerando. Afeto. Vida...

Eu vi o raio de sol
beijar o outono.
Eu vi na mão dos adeuses
o anel de ouro.
Não quero dizer o dia.
Não posso dizer o dono.

Eu vi bandeiras abertas
sobre o mar largo
e ouvi cantar as sereias.
Longe, num barco,
deixei meus olhos alegres,
trouxe meu sorriso amargo.

Bem no regaço da lua,
já não padeço.
Ai, seja como quiseres,
Amor-Perfeito,
gostaria que ficasses,
mas, se fores, não te esqueço.

Canção do Amor-Perfeito

Cecília Meireles, *Retrato Natural*, 1949

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia*. São Paulo: Moderna, 2006.
- ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 2006.
- AULETE, Caldas. *Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- AZEVEDO, Fernando de et all. *Manifesto dos pioneiros da educação nova (1932) e dos Educadores (1959)*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco/ Massanga, 2010. Coleção Educadores.
- BAGGIO, Ana Karine. A Gênese da Reforma Universitária Brasileira. *Revista Brasileira de História da Educação*, vol. 19, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v19.2019.e073>
- BARSA – *Enciclopédia Barsa*. Rio de Janeiro: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1975.
- BOSI, Alfredo. "Cecília Meireles" in: "Tendências Contemporâneas". *História Concisa da Literatura Brasileira*. 38. ed - São Paulo: Cultrix, 1994.
- CALIGARI, Contardo. *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CAMPOS, Simeia Rodrigues; GOTO, Tommy Akira. Os Conflitos e Valores da Juventude: Transição para a Maturidade. *Phenomenological Studies*. Revista de Abordagem Gestáltica. Vol. 23, n. 3, p. 350-361. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v23n3/v23n3a11.pdf>.
- COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lucia; SILVEIRA, Rosa Hessel. *Stuart Hall: tributo a um autor que revolucionou as discussões em educação no Brasil*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 39, n. 2, abr./jun. 2014, p. 325-339.
- CUNHA, Luís Antônio. Associação Brasileira de Educação (ABE) – Verbete. IN: Portal CPDOC, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, s/d. Disponível em: [http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ASSOCIA%C3%87%C3%83O%20BRASILEIRA%20DE%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20\(ABE\).pdf](http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ASSOCIA%C3%87%C3%83O%20BRASILEIRA%20DE%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20(ABE).pdf).
- DAYRELL, Juarez. O Jovem como Sujeito Social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.24, set./dez. 2003, p. 40-52. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000300004>
- DEWEY, John. *Experiência e Educação*. São Paulo: Nacional, 1971.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS: a luta por um país soberano / Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.– A Secretaria, 2006. 106 p.: il.– (Cadernos da Comunicação. Série Memória). Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101423/memoria15.pdf>

ERIKSON, Erik. *Identidade, juventude e crise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Diário de Notícias (Rio de Janeiro) In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOUVÊA, Leila Vilas Boas (Org.). *Ensaio sobre Cecília Meireles*. São Paulo: Humanitas, 2007.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: Ensaio sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

JENSEN, Simone Cristina. Os Documentos Internacionais Sobre os Direitos das Crianças e dos Adolescentes. *Jornal RI2018*, Artigos, Direito Internacional, Março - N. 3, V. 2. Disponível em: <http://jornalri.com.br/artigos/os-documentos-internacionais-sobre-os-direitos-das-criancas-e-dos-adolescentes>

LAMEGO, Valéria. *A Farpa na Lira: Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 1996.

LANÇA, Luã Augusto da Silva. *Livros de Psicologia Recomendados para a Formação de Professores na Reforma Educacional Francisco Campos – Mário Casassanta*. Belo Horizonte, 2017. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, UFMG.

LOBO, Yolanda Lima. *Cecília Meireles*. Recife-PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

MEDEIROS, Alexsandro M. John Dewey: Pragmatismo, Educação e Política. *Sabedoria Política*, Maio 2019. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/products/john-dewey-pragmatismo-educacao-e-democracia/>

MEIRELES, Cecília. *Crônicas de Educação*, vol. 1, 2, 3 e 4. 2ª Ed. São Paulo: Global, 2017

MEIRELES, Cecília. Despedida (Diário de Notícias, 12/01/1933). In: LAMEGO, Valéria. *A Farpa na Lira. Cecília Meireles na Revolução de 30*. Rio de Janeiro: Record, 1996, Anexos, p. 207-208.

NASCIMENTO, Regina Lúcia da Silva. *Entre o Poético e o Histórico: Interloquções de Cecília Meireles com a Educação Brasileira*. Uberlândia, 2013. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia.

NEVES, Margarida de Souza (org.). *Cecília Meireles: A Poética da Educação*. Rio de Janeiro, PUC-RJ, 2001.

NISKIER, Arnaldo. Cecília Meireles: Educadora. *Scripta*. Belo Horizonte, vol. 7, nº12, 2003. Disponível em : <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12476>

PINHEIRO, Maria Lucia Bressan. Lúcio Costa e a Escola Nacional de Belas Artes. *Seminário Docomomo Brasil*, 2005. Disponível em: <https://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/Maria-Lucia-Bressan-Pinheiro.pdf>.

PINTO, Manuel: A Infância como Construção Social. IN: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (Eds.) *As Crianças: Contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 1997, pp. 33-73.

QVORTRUP, Jeans. Visibilidades das crianças e da infância. *Linhas críticas*, Brasília-DF, v.20, n.41, p.23-42, jan./abr.2014.

ROBB, James Willis. Alfonso Reyes e Cecília Meireles: Uma Amizade Mexicano-Brasileira. *Revista de Estudos Ibero-Americanos*, nº II, 1980, p. 209-213. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/download/30626/16832/>.

SANTOS, Irene da Silva, PRESTES, Isabel; VALE, Antônio Marques do. Brasil, 1930-1961. Escola Nova, LDB e Disputa entre Escola Pública e Escola Privada. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n.22, jun. 2006, p.131 –149. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4901/art10_22.pdf.

SANTOS, Ronaldo Alves Ribeiro dos. “*Juventude em Fúria*”: Representações, tensões e política no governo Reagan. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 127p. 2017.

SAVIANI, Demerval. *História das Ideias Pedagógicas no Brasil*. 4ª ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVAGE, Jon. *A Criação da Juventude*. Como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

SCHWARTZMAN, Simon et. al. *Tempos de Capanema*. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV/Paz e Terra, 2000.

SILVA, Maria Valdenia da. *As Crônicas de Cecília Meireles: Um Projeto Estético e Pedagógico*. João Pessoa-PB, 2008. Tese (Doutorado em Letras), UFPB.

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey. In: WESTBROOK, Robert B. [et al.] (orgs.). *John Dewey*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

WESTBROOK, Robert B. [et al.] (orgs.). *John Dewey*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores)

ANEXOS

Crônicas Seleccionadas de Cecília Meireles

1

A Adolescência

O problema da educação da adolescência ocupa lugar de relevo na obra de reforma geral que ora se processa em todas as partes do mundo.

Se a infância merece um carinho extemo e superior delicadeza na sua orientação, a adolescência requer igual delicadeza e carinho; e talvez um critério mais requintado, qualidades maiores de tolerância, capacidade maior, talvez de compreensão.

A alma do adolescente, alma de transição, cheia de inquietudes e incertezas, procura por todos os lados uma forma definitiva para se fixar.

Procura um ideal que a sintetize: um caminho por onde possa pisar com segurança, marchando ao encontro do seu destino.

Infelizmente, para com a adolescência não se tem o recato, o pudor, o respeito com que, em geral, se protege a infância, diante da vida.

Considera-se o adolescente como um meio-iniciado nos aspectos mais obscuros ou duvidosos da existência.

Diz-se: “Ah! Você já é um homem...”

E que triste significação se dá a essa palavra tão nobre: homem!

Como se fosse sinônima de conhecedor de maldades, de perfídias, de toda a mesquinhez, de todos os vícios e erros que a humanidade ainda arrasta como espuma das suas aventuras violentas, das suas experiências rebeldes.

Dever-se-ia pensar, de preferência, diante daqueles que estão entre a infância e a maturidade:

Este ainda não é um homem: está no seu momento de formação. Devemos olhá-lo com olhos religiosos; devemos passar perto dele com a precaução dos nossos próprios gestos, temendo que em nós possa brotar algum exemplo que macule essa alma, pronta para qualquer reflexo. Que pensa esta criatura? Que sonha? Quais são os motivos da sua vaga melancolia? Dos seus arrebatamentos súbitos? Vamos conhecer de perto como funciona esta vida em elaboração, que ritmo a sustenta, que impulsos a governam.

E, com essa intenção generosa, contemplar a adolescência, estudá-la, lembrá-la em nós, quando também estávamos nessa fase inquieta, ruborizados só por esta certeza: ir participar, afinal, da grande vida!

Oferecer aos adolescentes aquilo que não tivemos, talvez, quem nos oferecesse: uma esperança fecunda capaz de nos deixar ser bons, úteis e puros na medida de que são capazes os homens, quando lhes concedem liberdade e respeito no seu mais elevado sentido.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 8 de agosto de 1930

2

O Que Leem os Adolescentes

É frequente encontrarem-se, nos bondes, nas salas de espera de médicos e dentistas, mocinhas que devoram páginas e páginas de livros, complementemente absorvidas pelas cenas que as palavras lhes põem diante dos olhos.

Criaturinhas de rosto romântico, debruçadas sobre enredos perturbadores, assimilando mil sugestões que lhes aparecem como a própria realização dos seus sonhos mais íntimos, das suas inquietudes mais longínquas.

Se de súbito lhes dirigirmos a palavra, acordarão perplexas, tontas ainda das paisagens por onde andaram, embevecidas pelos diálogos que ouviram.

Sairão de dentro da sua profunda leitura com um suspiro tão longo, tão longo, que se sente bem por que distâncias andavam.

Que leem essas criaturas, na sua conturbada adolescência, na pressa da viagem de bonde, a sofrida espera de clientes, um consultório?

Geralmente, as obras ultrarromânticas de autores muitas vezes ou quase sempre de segunda ordem, frequentemente traduções duas vezes perniciosas às vírgulas pelo assunto e pela forma.

Livros cheios de raptos, de lágrimas inconsoláveis, de mosteiros, para corrigirem erros, de punhais e revólveres para punir em traições. Livros dolorosos, excitantes, constituindo no ar fantasias detestáveis de vidas alimentadas de impossíveis, em que todos os aspectos da realidade se combatem, como prosaicos, e todas as alucinações se exaltam, enquadradas na moldura artificial de uma pseudopoesia.

Os adolescentes precisam de leituras variadas agradáveis, iluminadas, por esse clarão de sonho indispensável a essa época da vida que se nutre principalmente de sugestões e aspirações.

Mas a existência de todos os dias não é só vulgaridade condenável, que deve ser arredondada como material e prosaica.

É dentro dessa existência, e com seus elementos, que se constroem as grandes atitudes, as cenas notáveis, os supremos rasgos de heroísmo que nobilitam e divinizam. Só a existência de todos os dias, duramente realizada, conduz ao estado de beleza que os romances procuram imortalizar.

Que procuram imortalizar, porém, criando com substâncias imagináveis incoerentes, inverossímeis, e à força de arrancarem as criaturas ao ambiente normal da vida, estão prontas a atirá-las às paragens alucinatórias dos vícios e das desgraças.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 9 de agosto de 1930.

3

A Alma do Adolescente

Um dos mais belos livros que conhecemos sobre a alma do adolescente, e ao qual teremos ocasião de nos referir mais largamente é o Eduardo Spranger, esse notável psicólogo que soube penetrar em todos os mistérios da vida humana nesse período que oscila entre a infância e a idade viril.

Parece-nos, lendo-o, que o autor se fez previamente poeta, para atravessar com os olhos claros toda obscuridade desta vida, refletindo a, absorvendo a, emocionando-se com ela, fazendo repercutir no seu coração uma voz de simpatia e de estímulo capaz de despertar uma comovida ternura em todos que têm de lidar com adolescentes, no lar ou na escola.

Todos os pequenos problemas da personalidade, nessa fase cheia de hesitações, lhe mereceram longas páginas, afetuosas, profundas belíssimas.

Com que sabedoria nos faz o autor contemplar os adolescentes, que ainda não definiram sua fisionomia espiritual, procurando-se, dia a dia, em exemplos de heroísmo, de aventuras, de martírio, de glória! Com que superior penetração nos apresenta a íntima tragédia da idade juvenil desamparada pelos que a censuram e repreendem sem lhe darem a seiva que a deveria nutrir ou abandonada a inconsciente indiferença dos que não são capazes de compreender toda a complexidade da alma nesse período transcendente, e que fermentam todos os impulsos, e que pululam todas as aspirações!

O valor da obra de Eduardo Spranger é imenso pelo que nos revela de uma fase da vida que só pode ser compreendida por quem a observe com amor. Mas esse valor se torna mais alto quando se pensa no bem que ele pode trazer à humanidade, divulgando essas observações ente o que os especialistas se destinam à formação da adolescência, - tantas vezes alheios todos os seus problemas interiores.

Os professores da Escola Normal e os dos colégios secundários e superiores deviam acrescer seus conhecimentos especializados da matéria que lecionam (e a que dão importância quase sempre excessiva) da leitura dessa obra notável, *Psicologia da juventude*, o que decerto concorreria para lhes abrir horizontes pedagógicos muito mais amplos.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 20 de agosto de 1930

4

Professores e Pais

A educação moderna, para ser uma realidade viva, depende do entendimento de professores e pais, de modo que a obra da escola e do lar se unifique numa intenção.

Tudo quando se fizer pela aproximação desses dois fatores e pela harmonização de seus interesses será em benefício da infância e para proveito da nacionalidade.

No entanto, acontece frequentemente abrir-se um grande hiato entre a escola e o lar, porque os pais, por impossibilidade material, falta de interesse ou desconhecimento do sentido verdadeiro da educação, não realizam essa obra necessária de convívio espiritual que forma o ambiente adequado ao desenvolvimento feliz da infância.

Sobre a maneira de estabelecer essas relações de simpatia entre pais e professores todos conhecem as organizações que estes últimos vêm mantendo, malgrado certa frieza do meio, que ainda não correspondeu a esforços tão generosos.

A Escola de Las Pedras, de Montevideú, para facilitar essa indispensável aproximação, sustenta, pela colaboração dos docentes da própria escola, uma pequena revista, *Nuestros Hijos*, que é gratuitamente distribuída pelos pais dos alunos, e vendida apenas a professores e instituições escolares.

Nessa revista se dá conta do movimento da escola, das iniciativas das autoridades, do aspecto de certos problemas atuais, tudo isso visando esclarecer as famílias que têm filhos nas escolas, pondo ao seu alcance o que lhes é necessário saber para uma eficiente cooperação na tarefa, que os professores lhes facilitam, de educar seus filhos.

O diretor da Escola de Las Piedras, desejando dar a essa revista uma significação ainda mais profunda, do ponto de vista do moderno conceito pedagógico, interessa-se por fazê-la imprimir pelos próprios alunos, estimulando também a esperança da tiragem de um suplemento destinado às crianças, o que seria a completação de um conjunto de alto valor educacional.

Não sabemos como os moradores de Las Piedras acolhem essa pequena e sugestiva revista, que já conta com os vários anos de existência.

Mas, com o idealismo que é a atmosfera única dos educadores, gostamos de imaginar que essa é uma realização fecunda, vinculando vitoriosamente a escola e o lar.

E até gostamos de crer que é uma realização capaz de servir de exemplo a outras, que a respeitam – pelo desejo, que nutrimos, da realidade de um convívio e de uma compreensão, sem os quais só precariamente se podem colher bons resultados no terreno da Nova Educação.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 16 de Setembro de 1930

5

O Respeito Pela Mocidade

Este século não é só da criança, como o escreveu Ellen Key: é de todos que se encaminham para o futuro, e que devem merecer da simpatia esclarecida dos homens de hoje um respeito ilimitado e uma profunda atenção por todos os problemas que gravitam em torno da formação da sua personalidade e do ambiente da sua existência.

A mocidade também está situada ao lado da infância, na preocupação dos educadores deste século.

Ela, com toda a versatilidade dos seus pendores, ainda não definidos em nenhum rumo seguro; com toda a inquietude da vida que ainda não se plasmou numa forma estática, e anda em busca da sua verdadeira estrutura, observando cada exemplo, cada sinal do tempo, cada atitude das criaturas, cada caminho das opiniões, exige dos que estão em redor uma gravidade moral, um íntimo senso de dignidade que lhe possam servir de estímulo para um desenvolvimento generoso das suas faculdades e inclinações.

O crime maior dos maus governos, dos adultos imperfeitamente educados, daqueles que todos os dias manifestam a sua cupidez, a sua vaidade, a sua ambição, o seu egoísmo, não estará, talvez, nas consequências prejudiciais que imediatamente se seguem às suas práticas. Ele reside, antes, no cenário sombrio de corrupções que deixam atrás de si, para que nele a mocidade ensaie os seus primeiros sonhos.

Essas frequentes crises de desalento, de tédio, de covardia, mesmo, e de baixeza, também, que abruptamente despontam na alma dos jovens, e que todos os educadores conhecem, originam-se nesse asco da vida provocado pelos ambientes maculados, que fazem a mocidade fraquejar de descrença.

Todas essas considerações derivam dos incitamentos ultimamente feitos aos nossos estudantes, para se alistarem em “Batalhões Patrióticos”, a fim de defenderem a causa da “autoridade constituída”, numa luta que todos sentiam injusta e imprópria, ainda quando tivessem medo de o declarar.

A fórmula de que lançavam mão os chefes desses “Batalhões” era a mais rasteira possível: não convocavam, sequer, os jovens, apelando para o patriotismo – e nunca essa palavra foi tão vilmente empregada como nesta fase de luta, - para um ideal, para um sentimento qualquer, grandioso e puro, que pudesse entusiasmar os moços. É bem verdade que eles não tinham elementos em que se apoiassem para fazer um apelo vibrante, nem, espontaneamente, poderiam obter o concurso da mocidade de independente. Mas podiam tentar...

No entanto, nem isso fizeram. Prometeram a isenção de exames, no fim do ano... Esforçaram-se por subornar os estudantes, pelo mísero preço de uma facilidade de promoção...

Há que confessar que se mostraram verdadeiramente indignos.

A mocidade refletida e nobre não se esquecerá disso. E poderá sempre comparar com essa atitude fria e calculada dos “legalistas” interesseiros, que se serviam de todos os engodos materiais e inferiores para engrossar as fileiras dos “Batalhões Patrióticos”, com a altiva inquietação dos brasileiros que concentravam as suas colunas animados pelo fervor idealista da redenção da pátria.

A mocidade não se enganará, nessa comparação. E terá, para a salvar do pessimismo que viria do triste exemplo de uns, o clarão imortal da verdade que os outros vieram semeando pelo caminho, com o heroísmo da sua força, a coragem do seu sonho, o sangue da sua vida.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 1º de novembro de 1930

6

Educação Artística e Nacionalizadora

A última sessão realizada na Associação de Artistas Brasileiros merece especial consideração, porque se cogitou, nela, do problema da educação artística, assunto de profundo interesse, neste momento de renovação brasileira.

Toda revolução traz em si uma ideologia educacional, ainda que latente. A Revolução de Outubro trouxe-a no próprio programa que divulgou, e que só pode ter realidade mediante uma transformação, operada, nos elementos do presente, por seleção violenta, e, nos do futuro, por uma orientação já anteriormente esboçada na Reforma de Ensino do Distrito Federal.

As observações que o dr. Nestor de Figueiredo fez, em seu discurso sobre os defeitos de formação artística oriundos da ausência de interesse por assuntos dessa natureza na educação popular, estão, pedagogicamente, certas. A maioria dos homens está impossibilitada, entre nós, de compreender certas formas de arte, como, aliás, certas formas de pensamento, por erros e falhas longínquos no adestramento das suas faculdades.

Mas o mais importante na última sessão da A.A.B. foi, sem dúvida, o projeto apresentado pelo sr. Aníbal Bonfim para uma campanha de educação artística nacionalizadora, nos moldes da que se vem fazendo na grande terra de Vasconcelos.

Os nossos professores já terão tido ocasião de ler alguma coisa sobre a educação artística no México e saberão, portanto, do enorme prestígio de que gozam as escolas de pintura ao ar livre de que Ramos Martínez foi um dos orientadores. Devem, igualmente, saber do apoio que vêm tendo todas as manifestações de arte típica, nesse país, em que a Nova Educação tem um dos seus núcleos mais intensos, na América.

É alguma coisa desse gênero que pretende o projeto apresentado pelo sr. Aníbal Bonfim: animar o gosto pelas coisas brasileiras, no terreno artístico, e expandi-lo através da nossa educação popular, formando assim, habitantes novos para uma terra que a Revolução veio fazer nova também.

Tudo isso é, positivamente, muito interessante. E a A.A.B. certamente encontrará ente os seus associados elementos capazes de uma atuação valiosa.

Mas há uma coisa importante a considerar nesse movimento, digno dos maiores aplausos: é preciso não perder de vista que o trabalho que se vai efetuar tem de ser mais de *educação* que de *ensino*. O ensino requer apenas uma técnica. Isso não resolveria, de modo algum, o nosso problema. É de *educação artística*, não de *ensino artístico*, que carecemos. A educação exige todo um processo interior, psicológico, profundo.

Seria inútil ensinar alunos a servirem-se das mãos, se não fosse para atingir um resultado superior, ainda quando desinteressado como o da arte pura.

Certamente, os iniciadores desse movimento, e os seus melhores divulgadores, serão aqueles que não estão mais oprimidos pelas velhas rotinas do ensino das belas-artes, os que já se desencantaram das surpresas superficiais das “técnicas”, os que não tiraram, talvez, prêmio no Salão, e que não pensaram nunca em ser “artistas célebres”, mas sentiram profundamente a vida revelada em formas, em cores, em linhas, em ritmo e se dedicaram a exprimi-la assim, com seriedade e amor: os que serão capazes de penetrar toda a intenção dos novos rumos educacionais e compreender como é preciso ser, realmente, grande artista para se ser, nestes tempos, um aceitável professor...

7

Como as Crianças Cantam

O fato vem fresquinho, porque se passou hoje mesmo, e tem um gosto de espontaneidade tal, e vem tão a propósito neste momento que até parece inventado.

A menina de cinco anos chegou perto de mim, e disse-me, com a maior convicção:

- Sabe de uma coisa?
- Que é?
- Vou cantar o Hino João Pessoa.
- Muito bem! Cante lá!

Então, a pequena pôs as mãos para trás, naquela atitude que Pierre Loti dizia indicar, nas crianças pequenas, uma grande concentração, olhou para o alto, como quem recita de cor, ficou marcando o compasso com a cabeça, e principiou:

Lá do Norte um herói altaneiro,
Que da Pátria o amor conquistou,
Foi um vivo farol que, ligeiro...

Aí a menina parou, e perguntou, fazendo um parêntese:

- Que é um “farol queligeiro”?

Depois da explicação, fiquei pensando num caso semelhante. Há certas cantigas que diz:

Canta, meu coração, canta,
Que o cantar o choro evita...

Uma criança que ouvia essa cantiga constantemente vivia muito preocupada com a interpretação de “chorevita”, sem poder atinar com o sentido de tão estranha palavra.

Como esses dois casos, há muitos outros, que os professores que convivem realmente com os alunos, em vez de lhes ministrarem, apenas, certas coisas que julgam importantes, colhem todos os dias, fartamente.

Eles provam a imensa necessidade que se tem de familiarizar as crianças com a letra de certos cânticos, em vez de as fazer decorar, sem entender, o que ainda é muito mais comum do que se pensa e do que se tinha o direito de esperar.

Devido a essa negligência no esclarecer devidamente as coisas, é que, na escola em que eu andei, as crianças chamavam o Hino à Bandeira – o de mais bela letra que possuímos – o “Salvelino”, - juntando erradamente as duas palavras iniciais.

E pelo mesmo motivo é que eu já ouvi, certa vez, numa escola, crianças bem crescidas, aliás, cantando assim:

*Terra adorada!
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada.
Dos filhos de teu “frango” és mãe gentil...*

Ora, coisas assim entristecem. Dão a medida do descaso em que se têm as crianças.

E os hinos que, por sua vez, dificilmente têm sido bem escritos ficam, certamente, assim estropiados, muito pior do que já são.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 15 de novembro de 1930

8

Ouvindo Crianças

Há inúmeras pessoas que se distraem e se divertem ouvindo falar as crianças pelo simples motivo de que as estropeiações de linguagem provocam a curiosidade e o riso.

Não querendo dizer que seja isso um hábito louvável, porque pode ser compreendido que, nesse caso, convém insistir em dar às crianças ocasiões para agravarem uma pronúncia defeituosa, pela simples vantagem de fazer rir os adultos.

A criança não é um boneco, cujas habilidades ou inabilidades se exploram. É uma criatura humana, com todas as forças e fraquezas, todas as possibilidades de evolução e involução inerentes à condição humana. Por isso mesmo, são condenáveis todas as atitudes que a rebaixem, ou que lhe estorvem o seu normal desenvolvimento.

Há, porém, uma forma de justificar o interesse de ouvir as crianças, nas suas extraordinárias inovações filológicas: quando se está como observador, uma linguagem empregada no seu verdadeiro sentido; isto é, como legítima forma de expressão.

A lógica e a imaginação infantis originam pequenas maravilhas.

Senão, vejamos:

Uma criança de três anos está acostumada ao emprego do sufixo *inho* como expressão carinhosa.

Quando está contente com os passarinhos, quando os quer tratar com meiguice, trata-se por *passarinhos*; mas, quando se aborrece com eles, ou se refere desinteressadamente a algum, põe a palavra no positivo, que, para ela, é *pássaro*.

A mesma criança constrói verbos inesperados. Por exemplo: está reproduzido o desenho de um rótulo, em que há uma estrela sobre um fundo preto. Desenha a estrela, e em seguida exclama: “A estrela está pronta, agora só falta *pretar*”. *Pretar*, já se sabe, é encher de preto o fundo...

Uma vez, falamos-lhe do Natal, dos presentes que vai ganhar, e ela explica que já viu o Papai Noel num jornal, e imagina como pode ele chegar ao seu quarto.

“Ele vai *enfinando*, *enfinando*, até passar pelas venezianas.”

Todas essas construções de palavras significam um processo íntimo, interessante de analisar.

Assim também a rigorosa concordância a que se sente obrigada outra criança, que dá ao adjetivo *carioca* um masculino *carioco*, e diz que o papai é marido da mamãe e a mamãe *marida* do papai.

São pequenas coisas, coisas que se recolhem com surpresas depois de alguns minutos de conversa com qualquer criança, mas que podem dar volumes de estudos, desde que se leve em consideração o valor de todos os detalhes da vida e do mundo infantil.

Esses detalhes, que nos ajudam a compreender uma etapa da existência que já se diluiu ou perdeu na nossa memória, dificultando-nos a introspecção, são um preciso auxiliar para o professor que realmente deseja ser alguma coisa mais que um detestável burocrata, inaceitável nesta era educacional.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 21 de Novembro de 1930.

9

O Interesse pelas Crianças

O interesse pelas crianças é muito relativo, conforme a classe que se observa mas, infelizmente, em todas elas, domina uma tão absoluta incompreensão dos problemas infantis que eles são sempre mal interpretados, e conduzem quase infalivelmente a solução triste e desacertadas.

Não sei como instalou na mentalidade do adulto o conceito de que a criança é um ser de importância secundária, a que se presta estritamente a atenção necessária para não o deixar morrer de inanição.

Observemos o que se passa nas famílias: a mamãe compra os mais belos sapatos para si, os tecidos mais vistosos para os seus vestidos, enfeita os seus aposentos com o maior cuidado, Depois, vai à sapataria, e diz, escolhendo o sapatinho dos bebês:

- Não precisa ser coisa boa, não; qualquer coisa serve ... é para criança ...

Em todas as lojas repete a mesma frase.

E os cantinhos destinados ao bebê são os que não podem servir para os adultos, aqueles em que se amontoam os brinquedos, os papéis, as pedrinhas – o mundo infantil com a sua maravilhosa e misteriosa complexidade...

Mostram a casa às visitas, elogiando os quadros, os paninhos bordados e as plantas da janela. Quando passam pelo domínio do bebê, ou não dizem nada (meio envergonhadas com a sua existência), ou justificam-no com palavras que revelam toda a distância que as separa de seus filhos:

- É aqui que as crianças brincam... sabe... Não se podem evitar esses cantinhos desarrumados... São o martírio das donas de casas... Mas, quando se tem filhos...

Dir-me-ão que nem sempre é assim. E é verdade, nem sempre. Algumas vezes é pior... Quando os pais resolvem achar seus filhos “geniais”, nesse sentido de vaidade que é uma das grandes corrupções da infância.

Então, aborrecem as crianças à força de as cercarem de todas as coisas que o seu dinheiro lhes pode dar, oferecem-lhes salinhas muito bem arrumadas, com uma porção de coisas inúteis, em que elas não devem mexer, - coisas que estão ali visivelmente para dar gosto aos adultos, para satisfazer os seus interesses, e não os interesses dos pseudopossuidores...

Esse é um dos casos em que a riqueza tem efeitos dos mais perniciosos: acarreta a anulação da personalidade infantil, verdadeiramente sufocada pelo excesso de motivos que a ambientam, tolhendo-lhe a liberdade criadora, sem lhe servirem sequer de experiência a acumular, porque a experiência da criança só se constrói sobre as forças vivas dos seus interesses legítimos.

É contristador ver-se a infância dessa maneira, reduzida a uma espécie de apêndice da vida adulta, - ela que é a única esperança de um tempo mais belo sobre a terra.

E a todo instante se repetem esses desrespeitos à sua condição – oriundos da ignorância que persiste principalmente nas camadas que com tanta ênfase de denominam a si mesma cultas e educadas.

Onde eu tenho encontrado sensibilidade no trato com a infância, - sensibilidade que chega a ser um espécie de intuição psicológica, - é nos meios considerados inferiores, onde a cultura e o dinheiro são uma [palavra ilegível] longínqua ...

Talvez por isso mesmo, porque, nele, as vidas se debatem numa espécie de primitivismo original, em que há essa miraculosa inocência do paraíso, e, a criança é um motivo de permanente inquietação, como se representasse um prodígio na alma cheia de espanto dos a trouxeram à vida. Ai ela é uma espécie de compensação de sofrimento; uma espécie de floração, e de prêmio. Não digo que lhe deem a atenção adequada. Mas dão-lhe uma atenção especial, e olham-na com outros olhos, que a desgraça e a dor de certo modo transfiguraram, submetendo-os com admiração à visão da vida em marcha.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 21 de Novembro de 1930

A Reforma de Ensino e o Movimento da Mocidade

O movimento da mocidade, delineado na fundação desse Centro de Estudantes Livres, que resolveu enfrentar o problema da reforma do ensino em nosso país, ampliando i seu programa, inteligentemente, de modo a abranger toda a atividade educacional, - é uma das demonstrações mais claras do que já uma vez afirmamos num “Comentário” destes, que o século que atravessamos não é só da criança, mas também dos jovens, isto é, dos valores novos, das forças novas da vida que exigem um domínio para a sua atuação, domínio que geralmente lhes tem sido negado no momento próprio, por um velho preconceito, enraizado no mundo, de que a idade madura, quando não a velhice, é que está apta para governar e orientar, agir e resolver.

Devido a esse preconceito é que a infância e a mocidade, até aqui, têm vindo rolando na onda turva de valores decrépitos, subjugadas à sua vontade anacrônica, e tão bem impossibilitadas de se libertar desse jugo, que só em condições idênticas de velhice e incapacidade é que poderiam assumir a sua atitude diante da vida. Daí as atitudes impróprias, envenenadas por essa disciplina de erros e malícias egoístas, que estão à vista de todos nas figuras dos “medalhões” contemporâneos, vítimas antigas causadoras de vítimas presentes e futuras, porque não há nada mais fecundo do que um erro, e nada mais adequado a erros que a natureza humana.

Quando uma juventude se levanta para manifestar uma vontade, para exprimir uma aspiração, pode-se ficar tranquilo: há esperanças bem vivas da afirmação de uma nacionalidade.

A nacionalidade está na juventude. Está no que vai ser: não no que já é ou já foi... Pátria é uma palavra que está sempre no futuro, - justamente porque é um elemento vivo, dinâmico, de crescimento constante, caminhando para um ideal.

Há um momento na vida em que se sente que a nossa atuação individual já cessou. Está cumprido o nosso destino. Daí por diante, apenas se conversa a existência. Nossas realizações findaram.

Quando assim acontece, é que a mocidade se extinguiu; pode não ter sido a mocidade – verdor dos anos: mas foi a mocidade – verdor do espírito. Por isso, também, há velhos perenemente moços.

Ora, o que se verificava até aqui, em geral, era esse prevalecimento de individualidades *já realizadas*, pesando sobre as iniciativas novas, sobre as inquietudes da mocidade, - indiferentes ou irônicas, tal como se julgassem donas autênticas da humanidade, projetando os seus ceticismos, os seus interesses, os seus vícios, a sua corrupção, em torno de si, como enfermidade sem extinção...

Esta mocidade que se reúne para tratar do problema educacional – o mais importante para qualquer povo que faz tenções de viver e evoluir – traz um estímulo tão significativo para o Brasil, que, ele só, vale pela garantia do espírito revolucionário integrado no sangue das gerações e infinitamente animando o corpo poderoso da pátria.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 6 de dezembro de 1930

11

Os Indícios da Alma Infantil

A alma infantil, como, aliás, a humana alma, não se revela jamais completa e subitamente como uma janela que se abre deixando ver todo um cenário. Suas comunicações com o exterior – e até consigo mesma – se fazem veladamente, aos poucos, mediante detalhes de tão grande reserva que frequentes vezes passam de todo despercebidos.

Quando se trata de orientar a criança, é necessário conservar bem sensível esse tato especial que, num dado mínimo, conquistado à espontaneidade infantil, descobre uma larga extensão interior, ou galga uma imprevista eminência em que as vistas do observador se podem derramar com abundância e proveito.

Ocorreu-me isto ouvindo um colega contar-me:

- Os presentes mais engraçados que eu já recebi de alunos, foi, certa vez, na zona rural: um, levou-me uma pena de pavão incompleta: só com aquela parte colorida da ponta; outro, uma pena de escrever, dourada, novinha; outro um pedaço de vidro vermelho...

Senti que os meus olhos se alargavam de curiosidade, querendo saber a repercussão desses três deliciosos presentes na compreensão de uma professora.

- O caco de vidro, continuou ela, foi o que mais me surpreendeu. Não sabia o que fazer com ele. Pus-me a revirá-lo nas mãos, dizendo à criança: “Mas que bonito, hein? Muito bonitinho, esse vidro ...” Procurava, assim, provar-lhe o agrado que me causava a oferta. Ela, porém, ficou meio decepcionada, e, por fim, disse: “Mas esse vidro não é para se pegar, não... Sabe para que é? Olhe: a senhora põe-no assim, num olho, fecha o outro, e vai ver só: fica tudo vermelho... Bonito, mesmo!...”

E a colega concluiu:

- Esses presentes sem valor são, em geral, os mais sinceros. Têm uma significação muito maior que os presentes comprados, que, afinal de contas, são simples questões de dinheiro...

Não há dúvida que a conclusão da colega é muito boa, - embora eu saiba que muitas outras colegas, certamente, discordarão dela e de mim... Mas é ainda uma conclusão de natureza sentimental. E há outra, que me parece mais interessante, e de caráter mais psicológico.

O que me interessou, no caso do relato, foram os indícios da alma infantil que se encontraram em três presentes de criança, trazendo cada um, sob uma aparência diversa, a mesma relação íntima.

Uma pena de pavão incompleta (reparem bem), só com “aquele pedacinho colorido da ponta”, uma pena para escrever *dourada*, novinha, e um caco de vidro vermelho são, para a criança, três representações de beleza concentradas no prestígio da cor e desdobradas até o infinito pelo milagre de sua imaginação.

Essas três ofertas, portanto, - da mais humilde aparência, para um adulto desprevenido, - não devem ser julgadas como esforço entristecido da criança querendo dar um presente, em ter recursos para o comprar. A significação do dinheiro, mesmo nas crianças de hoje, ainda é das mais vagas e confusas. E a sua relação de valor para com os objetos que a atraem é quase sempre absolutamente inesperada.

Eu tenho certeza de que uma criança que dá a alguém uma pena dourada, uma pena de pavão e de um caco de vidro vermelho dá-os com certo triunfo, com certa convicção de que se está despojando de uma riqueza dos seus domínios, de que está sendo voluntariamente grande, poderosa, superior.

A infância tem gosto em possuir essas qualidades, e em as poder afirmar.

Depois é que não sei o que há no mundo que tudo se vai transformando, como os desenhos de um caleidoscópio, e a personalidade se vai desenhando de um modo diverso, e as puras e belas noções da infância se vão convertendo noutras, muito diferentes, e a gente vai perdendo o gosto de dar com alegria, e, muitas vezes, até de receber...

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 18 de dezembro de 1930.

12

A Infância

Nós somos a saudade da nossa infância, Vivemos dela, alimentamo-nos do seu mistério e da sua distância. Creio que são eles., unicamente, que nos sustentam a vida, com a essência de sua presença.

As aspirações que nos animam hoje – pensemos um pouco - são transfigurações daquelas de outrora, quando não podíamos ainda agir sozinhos, e andávamos apressando a vida, querendo atingir bem cedo a liberdade dos nossos desejos e a fórmula estrutural da nossa personalidade. São as mesmas de então, com outros nomes, às vezes, com a roupagem um pouco mudada, às vezes, desconhecidas aos nossos próprios olhos, que as esqueceram. Transferimo-las *para quando fôssemos grandes* ... E o tempo que decorreu com essa transferência foi-se embebendo de circunstâncias que as transformaram; nada mais.

As coisas que nos impressionaram vivamente quando ainda não podíamos definir os motivos da nossa surpresa e da nossa admiração, quando nem sabíamos distinguir nitidamente essa admiração e essa surpresa, deitaram raízes obstinadas nas mais profundas regiões subjetivas; depois, foram sendo elaboradas lentamente, e vieram à tona em dias inesperados, afluindo, muitas vezes em fragmentos - porque há sempre mãos impiedosas, concretas ou abstratas, pairando sobre os destinos humanos ...

Somos, assim, um outrora que se faz presente todos os dias, não porque o presente seja a sua forma desejada como definitiva, mas porque é a transição a que a natureza submete tudo quanto transborda para mais longe, no tempo, e o crivo em que é vertido o passado que se faz futuro.

Nós temos a nossa infância conosco. E ela conosco morrerá, se acaso não ficar sendo a decoração de alguma sobrevivência que nos aguarda para lá da morte.

Temos as paisagens da nossa infância imortalizada em nós; e os vultos que por elas transitaram, e as palavras que então floresceram, e o ritmo e o aroma que animavam cada aparência tornada confusa e obscura pelo tumulto das épocas seguintes.

Falamos da família como de uma afeição que cresce todos os dias, com a *consciência* da nossa sentimentalidade. Eu creio que amamos os que se fixaram na *inconsciência* da nossa sensibilidade, que se incorporaram à nossa vida ideal, que foram as formas dóceis aos milagres da nossa imaginação, e os enfeites de esperança que estiveram na nossa alma de crianças, acesos como candelabros ...

Falamos de pátria como de um conceito claro, como uma consequência de todas as nossas noções de responsabilidade e de todas as aquisições da nossa experiência de adultos. Eu creio mais na pátria formada pelo conjunto das benquerenças antigas, acumuladas em nós com esse amor indizível com que a infância coleciona pequenas coisas de beleza, e pequenas realidades sem valor – elementos constitutivos dos seus domínios posteriores.

Integramos em nós a vida que nos rodeia quando somos pequeninos: absorvemo-la em todos os seus aspectos. E, assim, fundamentamos a nossa personalidade, tão difícil de alterar

depois, quando os elementos perderam a sua plasticidade primitiva e adquiriram relativa consistência.

Se procurarmos bem, encontraremos vestígios de um desgosto que nos manchou de tristeza para sempre, de uma injustiça que nos transmitiu certo mal sem remédio, de uma alegria que nos estimulou para entusiasmos novos, de uma longa ternura que determinou a flexuosidade afetiva da nossa existência... Lá longe na infância é que habitam esse desgosto, essa tristeza, essa alegria, essa ternura. Porque só nos interessa o inédito ... O que veio depois não trouxe mais surpresa; o que veio depois só influiu em nós se, por sua natureza, não pôde habitar na infância; foram, nesse caso, conquistas da adolescência, essa segunda infância da vida.

Nós todos desejamos uma humanidade melhor. Olhem para as crianças de hoje não apenas com inútil carinho, mas com elevação e inteligência.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 20 de dezembro de 1930.

Uma Recordação da Juventude

As recordações da infância e juventude são hoje um dos motivos mais constantes na realização da obra literária. A tendência moderna de fazer o pensamento caminhar sobre si mesmo, acordando cada emoção desse caminho, é uma nova forma criadora, bela e difícil, em que, por ser o autor a sua própria obra, necessita já possuir, realizada em si, uma quantidade de transcendência que possa permitir ser um fato artístico a sua simples memória.

É verdade que, às vezes, só a útil passagem por esses distantes e misteriosos sítios do nosso mundo íntimo constitua uma excursão maravilhosa, pela riqueza do ambiente e a delicadeza de cada detalhe. Mas, além desse gosto da narração introspectiva, por ela mesma, os escritores mais artistas de hoje têm uma curiosidade psicológica e uma intuição quase metafísica iluminando os domínios que atravessam na sua aventura espiritual, tão difícil de relatar, depois, e tão difícil de ser entendida pelos temperamentos de outra estirpe.

Os escritores modernos pesam suas lembranças, graduam-nas, interpretam-nas, vivem dentro dos descobrimentos que realizam na sua silenciosa vida interior, trocando a mentira da realidade pela autenticidade do sonho.

São escritores para edições pequenas. Escrevem como em outra língua. Não se servem desse frágil prestígio da frase chamada lapidar e do verso exato em sílabas. Não querem ser prosadores nem poetas. Não querem ser literatos. Desejam viver a vida com transcendência. Escrevem por uma fatalidade, como a de falar e a de ouvir.

Há quem os ache desencontrados, incompletos, estranhos, loucos.

A vida é assim mesmo, com os seus minutos desiguais, suas causas desconhecidas, seus impossíveis, suas mudanças repentinas, seus desenlaces inesperados.

E a vida, para os artistas de hoje, é uma inspiração suprema.

El testimonio de Juan Peña, de Alfonso Reyes, o ilustre embaixador do México, que junta às suas qualidades de erudito os seus dons de artista finíssimo, é um livro vivido no tempo em que o seu autor lia Spinoza, com mais dois companheiros, aí por mil novecentos e... tantos, - diz ele.

Uma recordação da juventude. Da primeira juventude. Porque a vida de um artista é juventude permanente.

Recordação em que há uma índia tímida, uma questão de terras, o autor como juiz e Juan Peña como testemunha, com a nota inesquecível da sua roupa azul, trêmula de luz.

Entre a testemunha e o juiz palpita o mistério da vida, exatamente como naquele verso lindo em que o poeta pensava no mundo imprevisto que paira ente o violino e o arco.

E o juiz, que é a mocidade, ensaia as suas máscaras, indeciso, observando a vida, sem saber se ela, por sua vez, o está encarando com os seus olhos verdadeiros, ou com outros, enganadores.

Nessa atitude do jovem que recebe o testemunho de Juan Peña, com uma alta importância, acompanhado de seus dois companheiros, para tornar mais solene o caso, a gente está vendo todas as mocidades que nunca estiveram em igual serviço, decidindo sobre questões de terras, - mas assumiram a mesma fisionomia, e viveram os seus momentos mais inesquecíveis como quem representa um ato teatral.

Essa consciência da teatralidade, essa visão de si mesmo, como se o autor se deslocasse da sua personalidade e se visse à distância, dão ao *Testimonio de Juan Peña* um interesse especial, quando, além de o percorrer com o encanto que logo desperta uma obra artística, se o percorre também com essa curiosidade pelo problema humano, indissoluvelmente ligado, hoje, à observação educacional.

Ele nos revela mais um aspecto da psicologia juvenil, de inumeráveis faces.

Mostra-nos a surpreendente riqueza emotiva de uma idade ondulante como a água, e que contém em si todas as direções, como o vento.

Uma idade que reflete cada circunstância com perturbadoras minúcias, que sente até onde se pode sentir, medita o máximo que é possível meditar, e é capaz de velar os seus cenários profundos com palavras tênues, e gestos leves, por essa necessidade de segredo que cada um de nós leva consigo como uma característica espiritual. Uma idade que ama a aventura, por si mesma, pelos seus riscos e as suas surpresas. Uma idade em que se é livre e se tem pela liberdade um excepcional amor. Em que se para em frente de cada alma para a adivinhar, e saber se vale a pena ter vivido à vida. Em que se ouve cada resposta como uma nova pergunta. Cada testemunho como um pretexto para investigação não da verdade que os homens afirmam, mas da verdade que os homens são. E em que se faz a experiência de julgar junto com a experiência de crer, nutrindo desse jogo de ilusões, de certezas, de decepções e de triunfos aquela existência que vai ser, definitivamente estabelecida, com alguns desses elementos incertos que flutuam entre o mistério da sua própria origem, e os acasos de todas as oportunidades.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 06 de março de 1931

O Espírito da Mocidade

A mocidade costuma ser generosa e independente, senhora dos mais largos e claros impulsos, amando a verdade apaixonante, encarando mais o futuro que o passado, vendo mais o próximo que a si mesma.

Porque a mocidade é uma força que transborda. Porque a mocidade é um desejo grandioso de dar, de servir, o mais amplamente possível, e da maneira mais dignificadora.

Excessivamente rica para se preocupar com a ideia de qualquer miséria própria, sentindo-se extraordinária, inesgotável, eterna, com essa crença maravilhosa de poder realizar até o impossível, - a mocidade faz da sua existência um impulso de projeção para o infinito, e imprime à sua alegria um ritmo que vence todas as distâncias e sobrevive a todos os tempos.

Só quando o homem sente que a sua força decresce é que se põe a economizá-la. Quando percebe que está declinando, faz esforços para não distribuir mais o seu poder. Teme extinguir-se. Horroriza-o a ideia de desaparecer, em meio às forças que se elevam em redor. Concentra-se. Detém-se. Reprime-se. O perdulário, o idealista, o sonhador, o esbanjador converte-se numa criatura sovina, interesseira, desconfiada, egoísta.

O homem belamente liberal, que ousara ter pensamentos de largos raios e palavras de fortes ímpetos, traça em torno de si um pequenino círculo, onde se encolha a sua própria sombra, para se ficar nutrindo devagarinho da energia que vai faltando, num conservadorismo sombrio e mesquinho.

É verdade que há homens que não envelhecem. Alimentaram-se tão bem de mocidade, souberam, de tal modo, fazer crescer com fervor a força vital que lhes animava o coração e o pensamento; captaram, de tal maneira, todas as vibrações que a vida espargue copiosamente; e aprenderam, tão bem, a multiplicar a sua riqueza, pelo processo de a dividirem, ilimitadamente, que pode vir a velhice do tempo, e atrás dela o talho fatal da morte – a mocidade do espírito resiste, porque se colocou firmemente nua atitude invencível e imortal.

Mas é verdade também que há moços de alma decrépita. Jovens que já o não são, porque os corrompeu o interesse de se sustentarem somente a si, de não levarem a seiva da sua vida além dos limites – já não sei se da sua alma ou apenas força vital que poderia ir tão longe ficou paralisada entre limites estreitos. Em vão a vida lhes dá caminhos ainda longos para percorrer. Já não darão mais um passo. Agarraram-se ao passado, mumificaram-se. E assim mumificados pensam ainda que estão vivendo... Mas todo o mundo que reconhece que ainda existem.

Mas já não vivem mais.

Em educação, é preciso que todos os administradores, todas as autoridades, todos os que tratam com a juventude saiba, ser moços, para poderem tratar com ela, eficientemente. O regime da obediência passiva já terminou. Estamos no da solidariedade fraternal.

E é uma tristeza tropeçarmos a cada instante, - quando a mocidade se agita, cheia de sonhos de vitória e de esplendor, - com os que a todo custo querem retardar com o obstáculo dos seus cadáveres jazentes a marcha dos que gloriosamente se precipitam para o infinito das realizações de liberdade.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 3 de maio de 1931.

15

O Mal de Crescer

É um mal crescer. Crescer como a maior parte das pessoas cresce. Porque, desgraçadamente, todos os dias, se verifica a atualidade permanente daquela célebre pergunta: “Por que, sendo as crianças tão inteligentes, os adultos o são tão pouco?”

Ora, isto vem agora a propósito de uma simples reflexão, ao alcance de qualquer um.

Os adultos não podem ver uma criança correndo, que não lhe recomendem logo: “Olha que cais!” Por seu gosto, queriam-na sentada, Infância inteira, se acaso não viessem a ficar preocupados de que, nessa posição, estragariam as calças rapidamente, como naquela anedota muito conhecida...

Mas, enquanto os adultos assim desejam pela criança submetida ao interesse seu, - sem absolutamente se preocuparem em conhecer o dela, e muito menos o respeitarem, - vejam como a criança os vence em inteligência: é incapaz de exigir que os adultos se ponham a correr, em sua companhia, incapaz de exigir que faço alguma das coisas a que ela se dedica com o mais absoluto entusiasmo, e todo seu decidido fervor.

Os adultos dizem à criança: a gente anda assim, pensa assim, olha para tal lado, faz uma cara como esta etc. - na sua ânsia, que julgam muito louvável, de amoldar a infância plástica a um determinado tipo que lhes convém ou agrada. no entanto, a criança é incapaz de pretender que os adultos procedam segundo qualquer tipo determinado. não dizem às mães nem aos papais, nem às, nem às tias que sejam diferentes do que são, - e nem se interessam por eles de modo a prejudicá-los na sua liberdade...

Muitos pais e professores gostariam (ainda nos tempos de hoje) que seus filhos ou alunos andassem sempre de livro em punho, ou de agulha nas mãos, ou de lápis entre os dedos... – todas as coisas que para o adulto são úteis, vantajosas, agradáveis, em suma.

Vejam, agora, se a alguma criança já ocorreu exigir que os adultos andassem com as mãos sujas de lama, com os bolsos cheinhos de cacos de vidro, com as gavetas recheadas de pedacinhos de papel, de figurinhas, de trapos, de fios de cor... E isso tudo são coisas que a criança acha belíssimas, de uma utilidade indiscutível, de um valor inigualável...

Os adultos ficam aborrecidos quando as crianças sobrem às árvores. Mas as crianças não se zangam por eles não subirem...

É uma desigualdade pasmosa. De um lado, a liberdade, agindo, e deixando agir... Do outro, o preconceito, o servilismo, a ideia feita, o lugar-comum e não raro a hipocrisia, não só agindo como também querendo fazer agir...

Valha-nos a independência da criança, que a salva de alguns crimes de lesa-humanidade. Valha-nos a sua própria força vital que contraria, desvia, inutiliza as más influências dos adultos, concedendo-lhe uma verdadeira imunização contra os seus maus propósitos...

E, no entanto, os adultos se julgam tão superiores! Tão encarregados de mandar neste mundo, e, na medida do possível, até fora dele!

As crianças, não. As crianças não estão pensando nisso. Estão vivendo, realmente, a vida. Estão sendo, legitimamente, donas deste mundo e de todos os outros, criados e incriados. Dentro de sua pequena estatura, são criaturas imensas como o próprio Criador... Estão em tudo... E nelas tudo está.

Dizem que Deus criou o homem à sua imagem... Pretensões dos adultos. Criada à imagem de Deus não pode ter sido senão a criança...

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 24 de maio de 1931

16

A Mocidade de Hoje

O que eu noto nos moços de hoje, naqueles que realmente se podem chamar “alguém”, é uma virtude forte e audaciosa de não se deixarem iludir por aparências e fórmulas, um desejo que, às vezes, chega a ser aflitivo de não serem elementos passivos entregues às intenções alheias, quase sempre estranhas às realidades convenientes.

Essa gente que vem agora quer estar de olhos abertos para o caminho que vai seguir, seja ele qual for, e custe-lhe o que custar. Quer ser gente responsável. E nisto vai o elogio talvez maior que se possa fazer à criatura humana.

Ser “responsável” abrange o conhecimento do passado e do presente e a previsão do futuro. Não o pode ser aquele que, por incapacidade, por negligência ou por força de ação exterior só conhece das coisas um determinado aspecto com uma particular interpretação. Mister se faz um conhecimento vasto e profundo de tudo, - o máximo possível - para que, do convívio de tantas experiências já vividas por outros homens, se deduzam essas escassas verdades que os passados séculos escravizaram dentro da sua sinistra opressão.

Não se pode exigir que seja responsável quem foi apenas fabricado segundo o molde - qualquer que seja - do agrado de terceiros, para fins que a esses terceiros interessavam.

Por isso, a mocidade de agora, se deseja formar como uma onda poderosa que se afirma para um impulso eficiente na história humana, tem de bater-se conscientemente - e não levada também por terceiros, sejam quem for - pelos princípios que constituem a razão de ser inicial da Nova Educação.

A mocidade e agora, olhando para trás, encontra, marcando singularmente sua presença no passado, alguns vultos inspiradores que se destacam da massa anônima da multidão e ainda hoje se podem comunicar com ela, porque na sua antiga linguagem havia já esta mesma inquietude atual. Esses que assim estranhamente sobrevivem são aqueles raros que emergiram da passividade do seu tempo, querendo alguma coisa que foi tida como crime, heresia, utopia ou loucura, - apenas porque era o clarão, naquela sombra, a vida, naquela morte, a verdade, naquele fingimento geral.

Esses sacrificados, cuja glória é apenas essa sobrevivência, devem servir a mocidade como motivo de reflexão sobre o destino dos que lutam sozinhos com as multidões, mostrando-lhe, ao mesmo tempo, como é inútil ser um só a saber e a querer, e até mesmo a poder, se o inimigo é múltiplo, imenso, e trabalha subterraneamente, minando o terreno em que se quer construir.

É preciso que a humanidade não se divida tão nitidamente em Multidões de ignorância e punhados de esclarecidos, para que as verdades desses poucos não sucumbam no peso bruto das legiões daqueles, infinitos.

A terra precisa deixar de ser um lugar de conflitos para se converter num campo de cooperação.

Como cooperar, porém, se as criaturas se acham separadas por diferenças tão grandes, que as tornam, mutuamente, hostis, humilhadas, invejosas, tirânicas?

A extensão cultural que permite a cada criatura elevar-se o máximo possível, a escola única, em que as vidas se encaminham por uma direção comum a todos, embora deixando a

cada um liberdade para seus movimentos; a condenação de todas as imposições, sejam elas quais forem e venham de onde vierem, - pelo simples motivo de que não pode haver lei nenhuma, nem humana nem divina, que permita ao homem escravizar e inutilizar a alma (ou o que lhe quiserem chamar) do seu semelhante; e esse sentimento de solidariedade que tanto mais se afirma na terra quanto maiores são as desgraças que afligem, - alguns pontos que a mocidade de hoje há de estudar e, certamente, resolver.

Não o poderá deixar de fazer, se acaso situar seu ideal fora de si mesma, nesse transbordamento criador que é a definitiva alegria dos sonhadores e dos vencedores.

Não ou poderá deixar de fazer também ainda quando julgue seu ideal em si mesmo, por que a própria plenitude individual não é nada senão pelos sistemas de harmonia que pode ser minar em redor.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 1º de setembro de 1931

O Movimento Universitário

O movimento universitário que neste instante se esboça vem trazer para o quadro das nossas realidades mais um elemento que até aqui se tem procurado esquecer ou desconhecer: o estudante.

Estudante quer dizer mocidade. E mocidade significa um momento único da vida, fora do qual, para o adulto, não há mais que pretensão e rotina. Mocidade não quer dizer precisamente vinte anos. Mas quer dizer espírito de vinte anos. Disposição criadora. Confiança. Entusiasmo. Desinteresse. Lealdade dos que são fortes. Sinceridade dos que desejam alguma coisa. Dignidade dos que se deslimitam, dos que não se encerram num círculo mesquinho para nutrir avaramente sua mesquinha pessoa.

Até bem pouco, entre nós, os movimentos estudantis não tiveram senão um caráter de protesto que significa ação, é verdade, mas ação puramente de defesa. E como o bom humor que tão vivamente se manifesta na juventude empresta a todos os seus empreendimentos um ar de aventura e displicência, os adversários se contentavam em satisfazer qualquer dessas exigências ruidosas com um gesto pacificador, e uma frase que podia ser assim: "Rapaziadas... Bom tempo, que não volta! Quando era daquela idade, também fiz das minhas..."

Filosofia de engraxate. Ruminação de lente rotineiro, de cabeça derreada no crochê da cadeira de balanço, com o palito na boca prolongando a delícia da digestão.

Essa ruminação, essa raquítica filosofia — lugar-comum dos que não são mais jovens e detestam, por isso, a juventude — é que os movimentos universitários precisam extinguir, para se poderem afirmar como a representação mais autêntica da vida.

Realmente, à parte a mocidade, - encarada com a amplitude que acima se define, - que existe no mundo que tenha uma significação positiva?

A infância é uma possibilidade, ainda sujeita às deformações que lhe resolvam impor. A decrepitude (que muitas vezes já vem da infância, e outras sobrevêm aos vinte anos), a decrepitude, considera como um esgotamento, uma incapacidade, uma inutilização, é menos que a infância, porque já nem sequer possibilidade nenhuma vem a ser.

Resta à mocidade. À mocidade moça. A mocidade que tem consciência de si. A mocidade que se sabe situar harmoniosamente no lugar de participação que lhe cabe na vida. O mais importante, quando ela o compreende profundamente e o procura preencher com plenitude.

Mocidade que não Procura a sua definição que não alarga caminhos claros para saber quem é e o que está sendo; mocidade que se dobra a conveniências inferiores, que nega seus ímpetos divinatorios para se submeter a pequeninas vantagens temporárias; mocidade que fecha os olhos e se entrega rendida a quem a queira conduzir, - para não se dar ao trabalho de escolher entre mil caminhos aquele que é o adequado, não é mais mocidade: é velhice precoce.

Mas não basta afirmar que a mocidade é isto e aquilo. Todos os discursos vêm sempre recheados dessas palavras, embora quem os pronuncia seja, fora do instante do discurso, o maior inimigo da mocidade.

Assim como se está sempre dizendo da criança que é um mimoso botão de flor, um astro cintilante, um sorriso da alvorada, e outras coisas desse gênero, também a mocidade é o zênite, é o esplendor, é a primavera etc.

Acabados os discursos, infância e mocidade ficam sem saber que hão de fazer com os epítetos. Temos, pois, que precaver a ambas da inutilidade das frases dos feriadados. Infância e mocidade precisam ser respeitadas. Tem de acabar este tempo de mendicância em que a gente se envergonha de ser novo, quando tem de pensar, de sentir, de querer e realizar, simplesmente porque está mais ou menos convencido que isso cabe aos mais velhos... E os mais velhos todos os dias nos demonstram que o seu tempo de dar foi a mocidade, e que esse tempo passou, incompreendido, irrealizado, contrariado ou apenas fragmentado e agora já nada mais se pode fazer. A estirpe dos cidadãos paternais, que com voz suntuosa dão uma palmadinha amável no ombro dos moços e lhe dizem duas frases cétricas e idiotas a respeito da vida, precisa extinguir-se até o fim.

De tudo isso precisa cuidar a mocidade de hoje. E como? Simplesmente. Sem massacres, sem hecatombes. Afirmando-se. Realizando-se. Querendo alguma coisa. Sabendo querer. Procurando o que quer.

Com essa ativa atitude de quem só com a força da juventude animada por uma aspiração própria se apresenta em face da vida e se impõe, os moços de hoje são capazes de realizar até o prodígio de animar outra vez muita gente acomodada pelo tempo numa posição passiva, e que, parecendo estar morta, está mergulhada apenas nesse torpor dos inativos tão fatal aos que podem agir...

Um movimento universitário pode e deve cuidar de problemas urgentes como esses que agora agitam os estudantes. Mas não pode nem deve deixar de cuidar desse problema preliminar de definição de atitude e de vontade, porque é dele principalmente que deriva o sentido da sua emancipação de todos os outros problemas.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 4 de setembro de 1931.

18

“Mocidade – primavera da vida!...”

A mocidade pode mais do que as revoluções e do que as próprias leis.
 Tudo emana dela, da sua esperança sem desânimos, da sua fé em claudicações, da sua ideia sem preconceitos, do seu amor da pátria sem interesses.
 Ao seu poder de renovação, à sua força criadora, à sua idealidade incontaminada, ao seu dever de formar o novo Brasil deu o governo uma casa. É a casa do nosso futuro.

Essas palavras são do doutor Osvaldo Aranha. O Ministro da Justiça acaba de escrevê-las a propósito da Casa do Estudante.

Debaixo da suntuosa forma literária, sentisse o comovido pensamento de um chefe revolucionário que já pode apreciar de perto o valor da velocidade, e não lhe pode negar a sua admiração.

E, como, à sinceridade do Ministro da Justiça, se aliou a boa vontade do chefe de governo, favorecendo a brilhante iniciativa entre nós empreendida em benefício dos estudantes, mais aflitivo se torna o contraste dessa compreensão dos que os protegem com a incompreensão dos que contemplam sem inquietude a difícil situação da Escola Nacional de Belas-Artes.

A mocidade - acaba de dizer um ministro - pode mais do que as revoluções e do que as próprias leis.

Belas palavras. Mas até onde já comprovadas?

A mocidade pode mais do que as revoluções - mas esses obstinados estudantes de Belas-Artes que se mantêm em greve, defendendo um ponto de vista, ainda não conseguiram realizar a revolução de ideias de que carece o Ministério da Educação para entender a posição exata que deve assumir nesta conjuntura.

Pode mais do que as próprias leis. Vamos ver. E que melhor maneira de o provar que conseguindo destruir esse sinistro negado do sr. Francisco Campos, esse tétrico símbolo de opressão, de ódio, de violência e de ignorância que é o decreto do ensino católico?

Tudo emana dela, continua o dr. Osvaldo Aranha. E realmente assim é. Mas, quando lhe permitem que seja uma autêntica mocidade. Mocidade sem a fraude dos compromissos e das transferências que tem sido a corrupção do Brasil político.

Da sua esperança sem desânimos – mas todos os dias tentam desanimar-lhe a esperança...

Da sua fé sem claudicações - mas os que vieram antes dela todos os dias estão mostrando o seu exemplo como a pior das decepções...

Da sua ideia sem preconceitos - mas, imediatamente depois de um triunfo revolucionário que não pode ser uma retrogradação, os preconceitos se levantaram de todos os lados procurando em realizar-se no solo recentemente resolvido, e o governo ainda não se decidiu a romper com preconceito, em nome do próprio espírito revolucionário responsável por todas essas atuais transformações.

Do seu amor da pátria sem interesses - mas a mocidade vê, em torno de si, os interesses crescendo na sombra, e colocando à face a máscara do amor da pátria, do próximo e de Deus...

Se o governo, pois, ofereceu à mocidade, por essas qualidades todas que representa, a Casa que a abrigará como ao próprio futuro do Brasil, - não fez, ainda, presente completo. Não lhe ofereceu, conjuntamente, a garantia de que se poderá salvar dentre as dificuldades que a hipocrisia, a traição, a venalidade e o ódio todos os dias de poderão insidiosamente opor.

Acredita o governo que a mocidade é bem forte para se salvar sozinha? Até certo ponto é possível. Mas a que não se salvar é obra da situação ambiente.

Não é com contos de réis que se demonstra compreender a mocidade nem a vida. É pensamento. É com o tato de criar e preservar atmosferas educacionais. Embora com a sua Casa, os estudantes continuarão desamparados se as belas palavras do ministro não procurarem ter uma objetivação mais eficiente.

Viver amanhã no palácio com ideias de dois séculos atrás é mil vezes pior que andar dormindo ao relento com a liberdade de saber e poder ser uma criatura humana, em toda sua integridade e para um destino sem limitações.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 28 de outubro de 1931

19

Escrúpulos?...

A Reitoria da Universidade acaba de informar que será distribuída, em breve, uma publicação enfeixando os programas dos cursos e conferências de extensão universitária por ela organizados, e que, para essa publicação, o professor Fernando Magalhães escreveu as seguintes palavras explicativas:

A Universidade do Rio de Janeiro realiza a primeira série de seus cursos de extensão. Quarenta e dois cursos e trinta conferências. A não ser as velhas universidades, vou as opulentas, poucos institutos conseguem tão importante movimento cultural. Onde, porém, a Universidade do Rio de Janeiro alcança o primeiro plano é na significação do alto espírito de desinteresse dos seus professores. Todos esses cursos e conferências realizam-se sem remuneração, nem aos que ensinam nem pelos que aprendem. Já é um grande exemplo e um grande conforto. Talvez seja mesmo a mais notável e mais educativa lição que a Universidade poderia proporcionar em toda a sua atividade.

Talvez o reitor tivesse falado melhor desses cursos se, em lugar de dizer o seu número, tivesse enumerado as suas qualidades. Não estamos fazendo, aliás, nenhuma crítica a essas qualidades. Mas parece-nos que em matéria de educação não é só a quantidade que influi... Talvez não seja mesmo a quantidade... Quarenta e dois cursos e trinta conferências... - diz o reitor. Mas não informa, com um adjetivinho tranquilizador, de que espécie foram ou estão sendo essas conferências e esses cursos. Os próprios professores teriam certo direito de sentir magoados, se isso de ser professor já não fosse mesmo sinônimo de ser mártir...

O único valor que esses cursos têm, como se pode depreender da nota transcrita, além de serem muitos, é serem gratuitos e sem remuneração. Valor que parece extraordinário ao reitor, a ponto de o fazer escrever que “a Universidade do Rio de Janeiro alcança o primeiro plano na significação do alto espírito de desinteresse dos seus professores”.

Que o ensino seja gratuito não é favor, é obrigação. O Professor Fernando Magalhães não pode desconhecer um preceito desses, fundamental, no significado da educação moderna. Logo, - e ainda mais tratando-se de cursos de extensão universitária, isso não é motivo de glória para ninguém... Até fica esquisito chamar a atenção para uma coisa assim...

Agora, que os professores não sejam retribuídos ainda é pior. Porque quem trabalha deve ser remunerado. Em vez de louvar esse acontecimento, o dr. Fernando Magalhães devia deplorá-lo, dizendo, por exemplo: “Lamentamos, apenas, não poder retribuir os professores em atividade etc”.

(Eu não tenho nenhum parente lecionando...)

E como a gente não vai agora admitir que tudo isso seja desconhecimento - da parte de um reitor! - de pontos comezinhos da compreensão educacional, chega-se a este pensamento: provavelmente, o dr. Fernando Magalhães, depois desta vasta iniciativa - quarenta e dois cursos e trinta conferências!., - sente o escrúpulo de ser acusado de estar esbanjando a riqueza nacional.

Pois antes a esbanjasse. Esbanjar em educação é economizar.

E aqui se nota outra incomparável em coerência do reitor. Os governos que entregam mal os dinheiros públicos nunca se lembraram de ter esse escrúpulo vendo acumularem-se as cifras diante das iniciativas mais escandalosas. E o bom povo olhava e sofria, sem protesto.

No momento em que se devia aproveitar para redimir esse povo dos seus sofrimentos, fosse por que dinheiro fosse - e redimi-lo é apenas educá-lo, - surge um reitor contando a grande proeza de ministrar educação sem gastar...

Francamente, chega a ser ingênuo. E o povo tem o direito de duvidar da qualidade de um ensino que assim é ministrado, ou de cair na outra ponta do dilema, O que é duvidar do proclamado desinteresse dos professores, prevendo aproveitamentos futuros, quando chegar o momento de se falar nos já célebres direitos adquiridos...

(E por estas últimas palavras, quem não acreditou no parênteses de cima tem de ficar acreditando que eu não tenho mesmo nada com estes setenta e três cursos e conferências tão originais...)

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 29 de maio de 1932

O Caso dos Estudantes Pernambucanos [I]

O caso dos estudantes pernambucanos entrou, agora, em uma fase extremamente grave, com a requisição, que asseguram ter sido feita, pelo diretor da Faculdade de Direito, de força armada para resolver a greve sustentada há vários dias.

Quando esses moços não tivessem nenhuma razão que os tornasse dignos de simpatia, o simples fato do diretor de uma faculdade pensar resolver por esse processo uma greve pacífica seria suficiente para definir os dois caminhos em luta.

Afinal de contas, ainda não se compreendeu esta coisa simples: que a educação não pertence a quem a dá, mas a quem a recebe. Os estudantes têm o direito de julgar sobre a sua própria situação, escolhendo a que lhes pareça mais acertada. Quando não o podem fazer, por impossibilidade de julgamento – como no caso da escola primária, - professor tem a obrigação de lhe garantir a mais rigorosa neutralidade de atitudes, justamente para o livrar de imposições estranhas aos seus verdadeiros interesses. Não estão nesse caso os universitários, que, com a admirável clarividência da mocidade – ainda quando alguma paixão a perturbe transitoriamente, - podem e devem escolher o caminho por onde desejam seguir para os conhecimentos que procuram.

Firmou-se na retina dos professores um amor próprio intransigente que a Nova Educação terá de esclarecer e orientar: convencidos de que são os oráculos dos jovens, supondo, com uma sinceridade certamente extraordinária, que só a sua experiência vale alguma coisa, e que o mundo que palpita em redor de si não tem nem ideais nem significação, eles ficaram vendo a educação como propriedade sua, e reservaram-se o direito de a aplicar de acordo com a sua opinião, indiferentes à dos que a recebem num desvio gravíssimo da sua compreensão do seu exato dever.

Tanto é assim que não se vê sem grande relutância a desistência de um professor diante da hostilidade manifesta dos alunos. Seria tão simples atender há sinceridade de quem não quer aceitar determinados guias, nem se sujeita a determinadas ideias, nem suportar determinadas orientações! Para que levar as coisas ao extremo do ridículo, tentando fazer aceitar a força o imaginário prestígio que se não tem?

Os estudantes pernambucanos, há vários dias em greve, pedem a exoneração do diretor da faculdade. A congregação, tendo estudado o caso - certamente como costumam estudar as congregações - e para não agravar, naturalmente a situação do diretor, optou por este, e declarou não encontrar motivos para dissídio.

Os estudantes, porém, não querem voltar para as aulas com o diretor que lá está. E então este, num à soma de genialidade, teria imaginado resolver a greve com a intervenção da força armada. É o que vem num comunicado da Agência Brasileira.

Pergunta-se: pelo projeto de solução a dar ao caso, não se está vendo o ponto de vista errado diretor da faculdade?

Será possível que se leve o capricho de não sair de um lugar além da própria ação educacional?

Ou essa orientação não existe mesmo, e nesse caso estão de novo com a razão os estudantes de direito?

Como se vê, não há por onde fugir. E, na mais inocente das hipóteses, é o próprio conceito de educação que anda sendo gravemente ofendido na Faculdade de Direito do Recife.

No entanto, esses moços já apelaram para o ministro Francisco Campos, segundo comunicados anteriores publicados logo depois de se estabelecer o conflito, e denotando, nos estudantes, um intuito de resolver com brevidade a questão.

Recorrer à força armada para terminar um choque de ideias parece, de falta de poderes para aguentar, uma desigualdade de recursos reprovável inoportuna.

Porque o ministro Francisco Campos não decide sobre o caso, com imparcialidade de pensamento, e sem essa má vontade que costumam ter pela mocidade os que a detestam nos outros, talvez porque não souberam honrar em si?

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 15 de junho de 1932

21

O Caso dos Estudantes Pernambucanos [II]

O caso dos estudantes pernambucanos continua a ser o mais importante, deste momento, no terreno educacional.

Tendo o diretor, a fim de pôr termo à situação reinante, e malgrado o caráter pacífico da greve, solicitado a ocupação militar da faculdade, o Diretório Acadêmico redigiu um manifesto endereçado à nação, no qual se expõe o contraste de atitudes de estudantes e professores, responsabilizando o sr. Virgínio Marques pela sorte da mocidade à mercê da sua violência e da sua obstinação.

Para se compreender melhor o ponto de vista dos moços pernambucanos, vale a pena considerar certos trechos do seu manifesto:

Não obstante essa atitude de cordura, que preside e orienta a atual greve dos estudantes, o professor Marques, em flagrante contradição com a palavra empenhada perante vários professores, requisitou a polícia militar para intervir na Faculdade de Direito, sob a tendenciosa alegação de que um grupo de alunos impedia acintosamente o funcionamento das aulas e a livre entrada dos que as pretendiam assistir.

Ora, mais que a ocupação militar é, visivelmente, a falta por parte do diretor à sua palavra empenhada. o que preocupa os estudantes. Porque, mais adiante, o manifesto insiste, depois de relatar um entendimento havido com outro professor e o sr. Virgínio Marques:

Tornando ao gabinete da Diretoria, voltou logo depois o professor Barreto Campello, nessa ocasião acompanhado do professor Andrade de Bezerra, que aos presentes afirmou o seguinte: “O diretor deu-me a sua palavra de honra de que não requisitaria nenhuma intervenção de força e, confiando nesse juramento, acrescentou: nem em 24 horas nem em 24 anos.”

No entanto, a ocupação militar foi solicitada, em ofício, à Secretaria da Justiça.

E os rapazes, traídos nessa confiança que a mocidade costuma ter nos sentimentos de lealdade, sentiram toda a desilusão que é, também, possível ter diante de um professor que perdeu o seu necessário prestígio.

Nenhuma providência mais interior nem mais injustificável que essa. Não só porque desnobrece o padrão de honra cultural da Faculdade de Direito do Recife, como também projeta ao público do Brasil a queda moral de um homem que, desmemoriado, deixou de respeitar a sua palavra de honra perante uma geração.

Um homem que deixou de respeitar à sua palavra de honra perante uma geração: assim ficou definida o professor Virgínio Marques. Definição terrível. Definição que tira todas as esperanças de qualquer reabilitação. Porque é a vida que protesta, pela boca dessa mocidade, contra a mácula que sobre ela projetou o erro de alguém que, como professor, tinha de ser, antes de tudo, um defensor incansável da exatidão perfeita da vida.

O manifesto do Diretório Acadêmico

endereça a todos os homens de responsabilidade do país o seu protesto coletivo contra o ato do professor Virgínio Marques e responsabiliza s.s. perante as altas autoridades do Estado e da Nação pela sorte de cada um de seus colegas da faculdade e pelo que venham eles a sofrer em virtude dessa intervenção militar solicitada.

Oxalá possam "os homens de responsabilidade do país" entender bem que o seu gesto vem movido por um impulso denodado e altivo, em que o Brasil inteiro deveria sentir a força e o alcance de poderes novos que se rebelam contra um passado que os decepciona pelo amor a um futuro que desejam fazer mais belo, mais verdadeiro e mais alto.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 16 de junho de 1932

Código do Estudante Brasileiro

A Casa do Estudante acaba de distribuir o seu Código do Estudante Brasileiro, que diz:

I - O estudante brasileiro sabe que só se distingue do meio social pelas responsabilidades oriundas da cultura que recebe e das oportunidades que tem para prestar serviços relevantes à coletividade, cabendo-lhe a iniciativa ou alteração nos movimentos em que a sua participação seja proffua.

II - O estudante brasileiro tem por primeira obrigação o zelo pelos seus estudos o respeito honroso que troca pela delicadeza e devotamento dos mestres e superiores.

III - O estudante brasileiro tem como lema o ideal de *servir*.

IV - O estudante brasileiro modela sua personalidade na modéstia, simplicidade, lei, cortesia e probidade.

V - O estudante brasileiro é o símbolo da *cooperação*.

VI - O estudante brasileiro compreende com tolerância os que não lhe comungam as ideias ou práticas, não transigindo, porém, com os injustos, exploradores e espoliadores, contra os quais estará sempre em defesa dos pequenos, dos oprimidos, dos desamparados.

VII - O estudante brasileiro é o vanguardeiro do aperfeiçoamento da raça, da grandeza material, do progresso intelectual e do aperfeiçoamento moral do povo brasileiro.

VIII- O estudante brasileiro cultiva o nacionalismo como meio de atingir o congraçamento universal.

IX - O estudante brasileiro é irmão dos moços que estudam e trabalham no mundo inteiro.

X - O estudante brasileiro sacrifica tudo em defesa destas afirmações.

É sempre uma grande alegria auscultar o sentimento e o pensamento da mocidade, principalmente da mocidade favorecida, que pode estudar e, sem dúvida, conhece os seus deveres para com todos os jovens que, pelas circunstâncias amargas da vida, foram sacrificadas nas suas possibilidades de acréscimo intelectual.

Os estudantes que redigiram o código acima empregaram duas palavras profundamente importantes, na hora atual: *servir e cooperar*.

Num país em que ainda há superstição de elite, e em que as recentes lutas e obras educacionais não aboliram de todo as presunções, o gosto do adjetivo e o delírio das vaidades, - uma juventude que se oferece para servir assume um compromisso elevado com a opinião pública, e particularmente com os seus companheiros de vida.

O compromisso de servir exige uma atenta vigilância da parte de quem o afirma, e uma constante inquietação de agir. Não se serve só com intenções. Serve-se com a definição de atitudes, com a lealdade de pensamentos e palavras, com o esforço diário de despersonalização, de humildade, de modéstia, de verdadeiro e inabalável amor.

Servir é, assim, a mais difícil das coisas. Mas também a mais bela de todas, pelo que representa de transfiguração do indivíduo, pelo que é para além dele, - nesse transbordamento de poderes que só os fortes, e os grandes e os eternamente jovens de corações conseguem ter.

Escolhendo essa palavra para seu lema, os estudantes brasileiros revelaram o que os educadores sempre esperam da mocidade fervorosa: um desejo de trabalho eficiente e desinteressado, que encontra, na própria sinceridade dos resultados que se verifiquem, tanto os seus estímulos como a sua satisfação. Revelaram a sua independência em relação a todas as banalidades presunçosas. Quiseram ser simples e bons. Uma coisa que em todos querem, e nem todos podem.

Por essa palavra, que assim escolheram para si mesmos, os estudantes do Brasil conquistaram um novo lugar na admiração dos que os contemplam. Nunca foi tão evidente a promessa evangélica: *servir* é a única maneira de conquistar poderes maiores. E os estudantes sabem que esses poderes, vindos de um sonho tão nobre, não podem nunca trair sua origem, nem perder as virtudes que a mocidade de hoje reconhece necessárias ao mundo, e imprescindíveis ao equilíbrio da sorte humana.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 10 de setembro de 1932

A Infância e Sua Atmosfera

Quem leu Chateaubriand não pode ter esquecido aquele retrato de sua avó, tão gravemente desenhado, e com uma nitidez que o torna palpitante, como se diante de nós se abrissem de novo os dias do passado e, dentro deles, *Mme. De Bedé* tecesse o ritmo invariável das suas ocupações.

Vêmo-la com a sua touca preta amarrada ao queixo, trabalhando com as suas agulhas de tricô, entre os seus filhos e netos, ao lado daquela sua irmã que não se casou com o conde e, por isso, fazia versos simbólicos, que acabavam em “*lure, lure, lure...*”

Vêmo-la na sua sala, jogando com as vizinhas, ou jantando cercada de outros parentes, conversando histórias antigas e ouvindo episódios da batalha de Fontenoy...

Vêmo-la, por fim, ao adormecer, ouvindo a leitura que lhe faziam até muito tarde, quando todos em casa dormiam.

As cenas a que assistimos, assistiu-as o pequeno Chateaubriand, habitante desse velho mundo cheio de recordações, de saudades e da vaga melancolia que exala o tempo do passado.

Ele nos diria como viu acabar-se todo esse mundo antigo, em que os espetáculos eram velhas imagens de um livro de memórias, e nos contaria, rápida e magoadamente, como se foram fechando as portas de cada quarto, cujo habitante nunca mais apareceu...

Não seria necessário que nos dissesse a impressão de transitoriedade que recebeu não só dessa primeira sociedade que frequentou, como das outras que viu aparecendo para logo desaparecerem, em redor de si.

Esse desconforto invencível que é a raiz sofredora da obra de Chateaubriand, a amarga raiz oculta de onde a sua imaginação tira caules de beleza, descontentes da terra e ansioso por céus intermináveis, já está descoberto, de algum modo, na sua decepção da infância, contemplando os cenários graves, severos, misteriosos da morte.

A morte é um ato profundo, que é preciso aprender a assistir com a serenidade de uma iniciação.

Sem isso, oscila-se entre um horror aniquilante e uma fuga desesperada para a noção do esquecimento: duas maneiras dolorosas de evitar a contemplação de um acontecimento que nos atinge e de que não queremos participar.

Chateaubriand refugiou-se no infinito, onde a morte não existe. Seu ceticismo, sua ironia são recordações ainda de quem é humano e está vivendo. Mas esse não o Chateaubriand verdadeiro. O verdadeiro está naqueles sonhos distantes que são a poesia do seu estilo, naqueles ambientes ressuscitados, apenas, naqueles personagens místicos que parecem flutuar em nuvens longínquas, transmitindo-nos não a sua voz, nem o seu pensamento, mas sombras de palavras e de desejos que as distâncias desencorparam e desfazem ...

Meio profético, como naquele desganhado retrato de Girodet, ele parece comunicar-se mais com um mundo aéreo que com o terreno.

Talvez nunca mais se apagaram dos seus olhos as figuras que embarcaram para a morte, e de quem ele se fez a última lembrança, entre os homens indiferentes. Como o resgate de todo esse passado abolido, sua vida é uma espécie de continuação: fidelidade aos que não vinham

mais; repetição da sua voz, para que não tivesse fim; persistência da sua forma para que não se perdesse no vazio do tempo anônimo.

A infância é uma realidade contínua dentro de nós. Talvez por ser ainda a transição do universo de onde vimos para esta revelação incompreensível em que nos agitamos. E pode ser que reviva, finalmente, na hora extrema em que regressarmos de novo àquele permanente universo que nos aguarda.

Como quer que seja, precisamos olhar para as crianças sem displicência e sem superficialidade.

Rio de Janeiro, *Diário de Notícias*, 30 de Novembro de 1932.